

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**Barracas de Praia, Praia de Barracas:**



**Configuração, Tipo e Usos na Praia do Futuro, Fortaleza – CE**

Lucy Donegan

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gleice Virgínia Medeiros de Azambuja Elali

Co-orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edja Bezerra Faria Trigueiro

Divisão de Serviços Técnicos

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Donegan, Lucy.

Barracas de Praia, Praia de Barracas: Configuração, Tipo e Usos na Praia do Futuro, Fortaleza – CE. / Lucy Donegan. – Natal / RN, 2011.

143p.

Orientadora: Gleice Virgínia Medeiros de Azambuja Elali.

Co-orientadora: Edja Bezerra Faria Trigueiro.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Tecnologia. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU).

1. Lógica Social do Espaço – Dissertação. 2. Tipologia Edilícia – Dissertação. 3. Percepção Ambiental – Dissertação. 4. Barracas de praia – Dissertação. 5. Praia do Futuro – Dissertação I. Elali, Gleice. II. Título.

**RN / UF / BCZM**

**CDU 000.000.0(000.0)(000.0)**

**Lucy Donegan**

**Barracas de Praia, Praia de Barracas:  
Configuração, Tipo e Usos na Praia do Futuro, Fortaleza – CE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Área de Concentração II: Projeto, Morfologia e Conforto no Ambiente Construído, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gleice Virgínia Medeiros de Azambuja Elali - Orientadora  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edja Bezerra Faria Trigueiro - Co-orientadora

Natal/RN  
2011

**Barracas de Praia, Praia de Barracas:  
Configuração, Tipo e Usos na Praia do Futuro, Fortaleza – CE**

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2011.  
Natal/RN

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gleice Virgínia Medeiros de Azambuja Elali (orientadora) – UFRN

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edja Bezerra Faria Trigueiro (co-orientadora) – UFRN

---

Prof. Dr. Valério Augusto Soares de Medeiros (examinador externo) – UNB

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sylvania Cavalcante (examinadora externa) – UNIFOR

---

Prof. Dr. George Alexandre Ferreira Dantas (examinador interno) – UFRN

*OFERECIMENTO:*

À Praia do Futuro e à cidade de Fortaleza, palco de tantos acontecimentos da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível com o auxílio direto e indireto de diversas pessoas a quem agradeço sinceramente, em especial:

À família do CAU-UFC pela formação acadêmica e por ter despertado em mim maior apreço por este universo, em especial à professora Aléxia Brasil e ao professor Almir Farias pelo estímulo para esta pós-graduação. Aos meus colegas, agora arquitetos, que me acompanharam na graduação e discussões: Bruno Braga, Igor Ribeiro, Liliana, Mariana Gomes, Epifanio Almeida, Ana Paula Sales, Cláudia Falcão, Luís Patrão e Marlene Cunha.

Aos integrantes do PPGAU-UFRN, pela simpatia, incentivo e orientações. Aos laboratórios do MUSA e do LAPIS pela receptividade e aos colegas Juliana Sá, Huda, Zeca e Rodrigo Nascimento pela companhia e à Cíntia Camila pelo apoio e conversas.

À professora Angela Ferreira pelos textos e discussões e ao professor Lucas Figueiredo pela amizade e incentivo – no estágio docência e na dissertação.

À professora Edja Trigueiro pelas sugestões ao longo desta dissertação, pelo entusiasmo e o interesse despertado pela sintaxe espacial, permitindo complementar esta análise de maneira tão necessária.

À professora Gleice Azambuja, pela compreensão, amizade e incentivo desde o nosso primeiro encontro, por sua disposição e conhecimento nas diversas orientações que possibilitaram a finalização desta dissertação.

À atenção e simpatia dos professores desta banca: Valério Medeiros, Sylvia Cavalcante e George Dantas que contribuíram em muito com suas críticas para um trabalho final de maior qualidade.

Aos meus amigos, em especial à Amanda Medeiros, Stefanie Sampaio, Brenda Cunha, Viviane Paiva e Cristina Cavalcante pela cumplicidade diária e a ajuda neste trabalho.

À minha família por existir. À tia Izabel pelas recepções, incentivo e entusiasmo. À minha mãe pelo amor constante. À Paula pelo exemplo, carinho e apoio. Ao meu pai por tudo.

Ao Renato por ser quem é, pelo amor e bom humor.

Agradeço finalmente à CAPES pelo apoio financeiro fundamental para esta realização.

DONEGAN, Lucy. **Barracas de Praia, Praia de Barracas: Configuração, Tipo e Usos na Praia do Futuro, Fortaleza – CE.** Natal: Dissertação (mestrado) PPGAU-UFRN, 2011.

#### **RESUMO:**

O objetivo dessa dissertação é analisar a importância das barracas da Praia do Futuro para os usuários e para a cidade de Fortaleza no Ceará por meio da compreensão de relações entre categorias morfológicas – no contexto urbano e edifício – dos estabelecimentos e seus padrões de uso. O local é uma das principais áreas de recreação e lazer da cidade, formado por seis quilômetros de orla, que corresponde a uma área especializada ao longo da costa. Neste espaço existem barracas de praia com perfis variados: enquanto algumas mais simples persistem, grandes complexos vão se desenvolvendo, chegando a construir parques aquáticos em faixa de praia. O estudo entende relações entre: i) configuração do espaço (em termos geométricos e, principalmente topológicos) analisado com base na Lógica Social do Espaço; ii) tipologia edilícia (análise de porte, tratamento paisagístico e programa das barracas); e iii) uso e percepção ambiental da praia por seus frequentadores. Verifica-se haver relações consistentes entre o tipo da barraca e a sua localização na malha urbana, dos quais foram identificados grupos com diferentes padrões: segregadas (norte, central e sul) e integradas (norte: mais integradas, e sul: menos integradas). Tais relações também repercutem, em variados padrões de uso e percepção ambiental. Apesar da sua força econômica as barracas se encontram em frágil situação jurídica por ocuparem a faixa de praia, de modo que o estudo realizado pode vir a assessorar a tomada de decisões para o futuro da área. Para o desenvolvimento sustentável da área por parte dos responsáveis e gestores é necessário avaliar a importância cultural das barracas da Praia do Futuro, entendendo sua ocupação e usos.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento sustentável, Lógica Social do Espaço, Tipologia Edilícia, Percepção Ambiental, Barracas da Praia do Futuro.

DONEGAN. Lucy. **Beach Huts, Beach of Huts: Configuration, type and uses in Praia do Futuro, Fortaleza-CE.** Natal: Dissertation (masters) PPGAU-UFRN, 2011.

**ABSTRACT:**

The purpose of this dissertation is to analyse the importance of the huts of Praia do Futuro to their users and to the city of Fortaleza in Ceará through the comprehension of relations between morphological categories – in urban and edified contexts – of the establishments and their use patterns. This place is one of the main recreation and leisure areas of the city, formed by six kilometres of waterfront, corresponding to a differentiated area through the coast. This space has beach huts with varied profiles: while some more simple huts persist, great complexes are being developed, building even water parks on the beach area. This study analyses relations between: i) spatial configuration (in geometric and mainly topological terms) based on the Social Logic of Space; ii) edified typology (analysing capacity, landscape treatment and program of the huts); and iii) use and environmental perception of the beach by its frequenters. There are consistent relations between the type of hut and their localization in the urban grid, of which were identified groups with different patterns: segregated (north, central and south) and integrated (north: more integrated. and south: less integrated). Such relations also reflect, in varied patterns of use and environmental perception. In spite of their strong economy, the beach huts find themselves in a fragile legal situation because they occupy the beach area, so that this study may come to assist the decision-making for the future of the region. For a sustainable development of the area by those responsible and managers it is necessary to evaluate the cultural importance of the huts at Praia do Futuro, understanding their occupation and uses.

**Key-words:** Sustainable Development, Social Logic of Space, Environmental Perception, Beach Huts, Praia do Futuro.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO, MARCANDO: A) FORTALEZA NO BRASIL; B) PRAIA DO FUTURO E FORTALEZA; E C) IMAGEM AÉREA DA PRAIA DO FUTURO. ....	18
<b>FIGURA 2:</b> O CRESCIMENTO DA CIDADE E AS ZONAS URBANAS, SEGUNDO BURGESS. FONTE: EUFRASIO, 1999, P. 81;.....	27
<b>FIGURA 3:</b> ESQUEMA DA SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL SEGUNDO HOYT. FONTE: CORRÊA, 1989, P. 67;.....	27
<b>FIGURA 4:</b> ALTERNATIVAS DE SEGREGAÇÃO METROPOLITANA. FONTE: VILLAÇA, 2001, P. 340;.....	28
<b>FIGURA 5:</b> PERCURSOS E CAMINHOS POSSÍVEIS EM DIFERENTES QUADRAS: A) LONGAS; B) CURTAS.....	32
<b>FIGURA 6:</b> ESQUEMA DO MOVIMENTO NATURAL, COM SUAS FASES E EFEITOS.....	37
<b>FIGURA 7:</b> ILUSTRAÇÕES DE ABSTRAÇÕES DO ESPAÇO NA "CITY" DE LONDRES: A) ESPAÇOS PÚBLICOS; B) MAPA AXIAL DESSES ESPAÇOS. ....	38
<b>FIGURA 8:</b> QUANTIDADE DE CONEXÕES DOS EIXOS DE UM SISTEMA. ....	39
<b>FIGURA 9:</b> INTEGRAÇÃO R(N) DA 'CITY' DE LONDRES. FONTE: HILLIER, 1996.....	40
<b>FIGURA 10:</b> ESQUEMA TEÓRICO DO PROCESSO SELETIVO.....	44
<b>FIGURA 11:</b> FUNÇÕES ASSOCIADAS À PRIVACIDADE E À TERRITORIALIDADE.....	47
<b>FIGURA 12:</b> BASE ANALÍTICA DAS BARRACAS DA PRAIA DO FUTURO.....	54
<b>FIGURA 13:</b> BARRACAS NOS GRUPOS DE PORTE: 1) O ASSIS (PEQUENO); 2) VILA GALÉ (MÉDIO); 3) A JANGADA (GRANDE); 4) ITAPARIKÁ (MEGA). ....	57
<b>FIGURA 14:</b> BARRACAS COM O TRATAMENTO PAISAGÍSTICO: - AUSENTE: 1) ZÉ DA PRAIA; 2) O ASSIS; - SIMPLES: 3) A JANGADA; 4) PORTO BEACH; - REBUSCADO: 5) AMÉRICA DO SOL; 6) ITAPARIKÁ.....	58
<b>FIGURA 15:</b> ESQUEMA DE EXPANSÃO DE FORTALEZA (MODELO DE HOYT).....	71
<b>FIGURA 16:</b> MAPA DOS BAIRROS E REGIONAIS DE FORTALEZA.....	72
<b>FIGURA 17:</b> IMAGEM AÉREA DO PORTO DO MUCURIBE E PRAIA DO FUTURO NA DÉCADA DE 1960, DO ARQUIVO NIREZ. MODIFICADO PELA AUTORA. ....	73
<b>FIGURA 18:</b> IMAGEM AÉREA DA PRAIA DO FUTURO NO FINAL DA DÉCADA DE 1970.....	75
<b>FIGURA 19:</b> CARTÃO POSTAL DA PRAIA DO FUTURO NA DÉCADA DE 1980, ANTES DA CONSTRUÇÃO DA AV. ZEZÉ DIOGO.....	75
<b>FIGURA 20:</b> FOTO AÉREA DA PRAIA DO FUTURO E DAS BARRACAS DE PRAIA.....	79

<b>FIGURA 21:</b> MAPA AXIAL DE FORTALEZA MOSTRANDO A INTEGRAÇÃO GLOBAL.....	84
<b>FIGURA 22:</b> IMAGEM AÉREA DO BAIRRO DA ALDEOTA E ENTORNO, COM A MARCAÇÃO DOS LIMITES DO MESMO.....	84
<b>FIGURA 23:</b> MAPA DE CONTINUIDADE DA CIDADE DE FORTALEZA MOSTRANDO A INTEGRAÇÃO GLOBAL (30, 45 GRAUS).....	86
<b>FIGURA 24:</b> IMAGEM AÉREA DE FORTALEZA E MARCAÇÃO DAS VIAS MAIS INTEGRADAS: I) NO MAPA AXIAL; II) NO MAPA DE CONTINUIDADE, E DA PRAIA DO FUTURO.....	87
<b>FIGURA 25:</b> MAPA AXIAL APRESENTANDO A ESCALA DE VALORES CHOICE. LINHAS MAIS ESCURAS TÊM UM VALOR MAIOR.....	89
<b>FIGURA 26:</b> FOTO AÉREA DA PRAIA DO FUTURO, MARCANDO AS PRINCIPAIS VIAS DE ACESSO À ÁREA: A) AV. JOSÉ SABOIA; B) R. RENATO BRAGA; C) AV. SANTOS DUMONT, E AS BARRACAS ESTUDADAS: 1) TIO PEIXE; 2) VIRA VERÃO; 3) CROCOBEACH; 4) ATLANTIDZ.....	90
<b>FIGURA 27:</b> IMAGEM AÉREA DA PRAÇA 31 DE MARÇO. ....	93
<b>FIGURA 28:</b> MAPA AXIAL DA PRAIA DO FUTURO MOSTRANDO A INTEGRAÇÃO GLOBAL (RN), MARCANDO OS GRUPOS DE BARRACAS E AS VIAS COM MAIOR INTEGRAÇÃO.....	94
<b>FIGURA 29:</b> PRAIA DO FUTURO, MARCAÇÃO DOS EIXOS DO SISTEMA VIÁRIO E DOS GRUPOS DE PORTE DAS BARRACAS DE PRAIA ).....	96
<b>FIGURA 30:</b> PRAIA DO FUTURO, MARCAÇÃO DOS EIXOS DO SISTEMA VIÁRIO E DO TRATAMENTO PAISAGÍSTICO DAS BARRACAS DE PRAIA (GEO REFERENCIADAS PELO OPEN JUMP).....	97
<b>FIGURA 31:</b> QUADRAS DA PRAIA DO FUTURO COM A MARCAÇÃO DO PROGRAMA DAS BARRACAS DA PRAIA DO FUTURO (GEO REFERENCIADAS PELO OPEN JUMP).....	98
<b>FIGURA 32:</b> IMAGEM AÉREA DAS BARRACAS E DAS ÁREA DE OCUPAÇÃO: 1) TIO PEIXE; 2) VIRA VERÃO; 3) ATLANTIDZ; 4) CROCOBEACH. FONTE: GOOGLE EARTH, ACESSO EM SETEMBRO DE 2010, TRABALHADO PELA AUTORA. ....	104
<b>FIGURA 33:</b> IMAGENS PARCIAIS DAS BARRACAS: 1) FAIXA DE PRAIA DA TIO PEIXE A PARTIR DA ESTRUTURA PRINCIPAL; 2) GRAMADO E FAIXA DE PRAIA DA VIRA VERÃO; 3) PISCINA DA ATLANTIDZ; 4) ÁREA DE MESAS PRÓXIMA À PISCINA, NA CROCOBEACH.....	105
<b>FIGURA 34:</b> IMAGEM AÉREA DA TIO PEIXE E MARCAÇÃO DA OCUPAÇÃO. FONTE: GOOGLE EARTH, ACESSO EM SETEMBRO DE 2010;.....	106
<b>FIGURA 35:</b> IMAGENS DA BARRACA TIO PEIXE: 1) VISTA DA FAIXA DE PRAIA (E DAS CONTENÇÕES AO MOVIMENTO DAS AREIAS); 2) VISTA DA ESTRUTURA PRINCIPAL A PARTIR DA ENTRADA PELO CALÇADÃO.. ....	107
<b>FIGURA 36:</b> IMAGEM AÉREA DA BARRACA VIRA VERÃO COM A MARCAÇÃO DA SUA OCUPAÇÃO.....	108
<b>FIGURA 37:</b> IMAGENS DA BARRACA VIRA VERÃO: 1) ÁREA DE MESAS DA ESTRUTURA PRINCIPAL; 2) QUIOSQUES FIXOS NA FAIXA DE PRAIA.....	109
<b>FIGURA 38:</b> IMAGEM AÉREA DA ATLANTIDZ E MARCAÇÃO DA SUA OCUPAÇÃO.....	110

<b>FIGURA 39:</b> IMAGENS DA ATLANTIDZ: 1) QUIOSQUES NA FAIXA DE PRAIA; 2) ESTRUTURA PRINCIPAL VISTA A PARTIR DA ENTRADA.....	111
<b>FIGURA 40:</b> IMAGEM AÉREA DA CROCOBEACH COM ÁREA DE INFLUÊNCIA E MEDIDAS GERAIS.....	112
<b>FIGURA 41:</b> IMAGENS DA BARRACA CROCOBEACH: 1) ÁREA DE MESSAS JUNTO À ESTRUTURA CENTRAL; 2) VISTA DA PONTE E LAGO ARTIFICIAL JUNTO À ENTRADA A PARTIR DA ESTRUTURA PRINCIPAL.....	113
<b>FIGURA 42:</b> CROCOBEACH VISTA DO CALÇADÃO. ....	113

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1:</b> QUANTIDADE DE BARRACAS DE CADA GRUPO (CONFIGURAÇÃO ESPACIAL).....	99
<b>GRÁFICO 2:</b> IMAGEM AMBIENTAL.....	118
<b>GRÁFICO 3:</b> ASPECTOS POSITIVOS.....	119
<b>GRÁFICO 4:</b> ASPECTOS NEGATIVOS.....	121
<b>GRÁFICO 5:</b> O QUE COSTUMAM FAZER QUANDO ESTÃO NA PRAIA DO FUTURO.....	122
<b>GRÁFICO 6:</b> MOTIVOS DE MUDANÇA DE BARRACA.....	124
<b>GRÁFICO 7:</b> IMPORTÂNCIA DAS BARRACAS DA PRAIA DO FUTURO PARA FORTALEZA.....	125

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1:</b> CORRELAÇÃO DAS CATEGORIAS FORMADORAS DA TIPOLOGIA DAS BARRACAS DE PRAIA.....	55
<b>QUADRO 2:</b> CRONOGRAMA DE APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.....	62
<b>QUADRO 3:</b> PORCENTAGEM E QUANTIDADE DE BARRACAS DOS GRUPOS DE CONFIGURAÇÃO PERTENCENTES ÀS CATEGORIAS TIPOLÓGICAS. ....	102
<b>QUADRO 4:</b> CARACTERÍSTICAS DE CONFIGURAÇÃO E TIPOLOGIA DAS BARRACAS ESCOLHIDAS PARA APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.....	103
<b>QUADRO 5:</b> PERFIL DOS USUÁRIOS DAS BARRACAS DE PRAIA: FAIXA ETÁRIA E FAMÍLIA (SE TÊM OU NÃO FILHOS).....	115
<b>QUADRO 6:</b> PERFIL DOS USUÁRIOS DAS BARRACAS DE PRAIA: LOCAL DE MORADIA E IDH - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (DOS RESIDENTES EM FORTALEZA).....	116
<b>QUADRO 7:</b> RELAÇÕES DE USO DOS RESPONDENTES DAS BARRACAS DE PRAIA COM A PRAIA DO FUTURO: TEMPO E FREQUÊNCIA DE USO.....	117

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1:</b> ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO E AMOSTRA DAS BARRACAS.....	61
<b>TABELA 2:</b> VIAS MAIS INTEGRADAS DE FORTALEZA: NO MAPA AXIAL E NO MAPA DE CONTINUIDADE.....	87
<b>TABELA 3:</b> INTEGRAÇÃO GLOBAL DO SISTEMA GERAL E DO SISTEMA LOCAL NOS MAPAS: AXIAL E DE CONTINUIDADE DE FORTALEZA.....	88
<b>TABELA 4:</b> INTEGRAÇÃO (RN) DO SISTEMA LOCAL E PRINCIPAIS EIXOS .....	92
<b>TABELA 5:</b> DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE DE BARRACAS NOS GRUPOS: CONFIGURAÇÃO X TIPOLOGIA..	99

## LISTA DE SIGLAS

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UNIFOR – Universidade de Fortaleza

PPGAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

UCL – University College London

ASE – Análise Sintática do Espaço

LSE – Lógica Social do Espaço

RMF – Região Metropolitana de Fortaleza

PRODETUR-NE – Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste

NUTEC – Núcleo de Tecnologia do Ceará

COELCE – Companhia Elétrica do Ceará

CEPEL – Centro de Pesquisa da Eletrobrás

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

PP

A – Barraca Atlantidz

C – Barraca Crocobeach

P – Barraca Tio Peixe

V – Barraca Vira Verão

qx – x corresponde ao número do questionário

M – Masculino

F – Feminino

# Sumário

<b>CAP. 1 – INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
JUSTIFICATIVA .....	17
QUESTÕES DE PESQUISA.....	19
OBJETIVOS.....	20
HIPÓTESE.....	20
A PESQUISA.....	21
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	21
<b>CAP. 2 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>23</b>
DINÂMICA INTRAURBANA.....	24
ESPAÇOS PÚBLICOS.....	29
A LÓGICA SOCIAL DO ESPAÇO.....	31
PERCEÇÃO AMBIENTAL.....	43
Do “CONFIGURADO” AO “VIVIDO” .....	50
<b>CAP. 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>53</b>
CONFIGURAÇÃO ESPACIAL.....	54
TIPOLOGIA.....	55
PERCEÇÃO E USOS.....	59
O RECORTE TEMPORAL.....	60
AS BARRACAS ESTUDADAS.....	60
OS RESPONDENTES.....	61
APLICAÇÃO.....	61
O INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	62
TABULAÇÃO DOS DADOS.....	63
<b>CAP. 4 - A PRAIA DO FUTURO EM FORTALEZA.....</b>	<b>66</b>
A PRAIA DO FUTURO E A DINÂMICA INTRA URBANA DE FORTALEZA.....	69
OCUPAÇÃO DA PRAIA DO FUTURO.....	72
FASE 1: A PRAIA DO FUTURO ENTRE 1950 - 1995.....	73
FASE 2: A PRAIA DO FUTURO E A CONSOLIDAÇÃO DAS BARRACAS (1996 - 2010).....	76
A PRAIA DO FUTURO E AS BARRACAS DE PRAIA.....	79

<b>CAP. 5 - ANÁLISE – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>82</b>
CONFIGURAÇÃO ESPACIAL .....	82
ESCALA GLOBAL.....	82
ESCALA LOCAL.....	91
PERCEÇÃO E USOS.....	103
BARRACA TIO PEIXE.....	106
BARRACA VIRA VERÃO.....	108
BARRACA ATLANTIDZ.....	109
BARRACA CROCOBEACH.....	112
ASPECTOS TRABALHADOS NOS QUESTIONÁRIOS.....	118
<b>CAP. 6 - NEM TANTO AO MAR, NEM TANTO À TERRA (CONSIDERAÇÕES FINAIS).....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>134</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>140</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>141</b>

**A praia Imensa**

Um areal imenso  
Na Praia do Futuro  
Um fortalezense se perde  
E se encontra  
Sem futuro

A natureza alcança o que a vista não  
Os mares bravios amedrontam  
Tentativas  
De domesticação

A praia grande  
já diminuiu de tamanho  
Sua perda incontável  
Sua dimensão incompreensível

Os ventos únicos moradores certos  
Limpam o chão  
E a maresia  
Abre caminhos.

Lucy Donegan 8.abril.2010

Fonte:<http://lucydonegan.blogspot.com/>, acesso em março, 2010

## CAP. 1 – Introdução

---

Esta dissertação investiga como a especialização do lazer na cidade de Fortaleza no estado do Ceará, promoveu a constituição de espaços diferenciados ao longo da costa, discutindo, especificamente, a relação entre a configuração<sup>1</sup>, a tipologia edilícia e os padrões de uso das barracas da Praia do Futuro.

Essa área constitui uma centralidade de lazer e de turismo dentro da dinâmica intra urbana da capital cearense e marca um fenômeno único em comparação com as demais praias urbanas fortalezenses e de outras localidades. Ali a larga faixa de praia com extensão de seis quilômetros, permitiu a instalação de barracas de praia, compondo um conjunto edilício diversificado, ao qual corresponde uma variedade de programas de necessidades, tratamentos paisagísticos e públicos.

### **Justificativa**

Devido à globalização e ao crescimento do turismo, os lugares com características únicas tendem a ganhar importância (MITCHELL, 2001), sobretudo aqueles voltados para promover o lazer da população. Neste sentido, nas cidades litorâneas as áreas de orla ganham força como destino de lazer, ocasionando maior movimentação nas férias e nos finais de semana. No Nordeste brasileiro esse fenômeno tem correspondido à uma crescente procura pelo litoral como destino turístico nacional e internacional (DANTAS, 2002; PAIVA & DIÓGENES, 2009).

Em Fortaleza o crescimento da cidade teve início ao redor do Forte de Schoonenberg e seguiu em direção ao leste da cidade, incentivado pela construção do Porto do Mucuripe. O foco de uso das praias para o lazer seguiu essa dinâmica: mudou da Praia de Iracema (próxima ao centro antigo) para a Praia do Meireles e a do Mucuripe (correspondendo à Av. Beira-Mar) e, finalmente, para a Praia do Futuro. Ao longo dos anos 1970, a Praia do Futuro tornou-se uma das principais áreas de recreação e lazer da cidade, com a orla ocupada por barracas de praia, tendendo a se desenvolver mais devido ao crescimento da cidade e do turismo, além de obras de infraestrutura, como a Ponte da Sabiaguaba (capítulo 4).

---

<sup>1</sup> Refere à configuração geométrica (distância entre as barracas e distância das barracas das vias principais) e, principalmente, à configuração topológica (Lógica Social do Espaço, a partir da representação linear).

Situada na zona leste de Fortaleza, a área da Praia do Futuro compõe-se dos bairros Praia do Futuro I e II, cuja orla é ocupada por barracas de praia, as quais se expandem informalmente até parte do bairro Vicente Pinzón, de modo que essa dissertação irá abranger toda essa área (figura 1a e 1b). A área tem uma ocupação mais heterogênea do que outros bairros litorâneos de Fortaleza (e outras cidades), incluindo edifícios multifamiliares, residências regulares e irregulares, comércio (principalmente as barracas), e vários terrenos baldios (figura 1c). Devido a fatores ambientais, históricos e culturais, ainda não se encontra plenamente consolidada urbanisticamente.



**Figura 1: Apresentação do objeto de estudo, marcando: a) Fortaleza no Brasil; b) Praia do Futuro e Fortaleza; e c) Imagem aérea da Praia do Futuro.** Fonte: a) wikipedia.com.br; b) googleearth, modificado pela autora; c) www.skyscrapercity.com. acessos: outubro e novembro, 2010;

Em seu início, as barracas de praia eram palhoças ocupadas por famílias de pescadores (estruturas de troncos e cobertas de palhas de carnaúba), que se desenvolveram para atender ao uso da área como local de lazer. Com o desenvolvimento da cidade em direção ao leste e à crescente utilização das zonas de praia, as barracas foram se modificando até atingir o estágio atual, com o programa de necessidades ampliado, passando a abrigar cozinhas, áreas de depósito e área de mesas, além de terem quiosques fixos<sup>2</sup> instalados à beira-mar. Algumas são grandes complexos construídos, contendo atrativos como parques sofisticados. A especialização da área tem paralelos com a política de turismo importante no cenário cearense, que dá ênfase às áreas litorâneas, transformando as zonas de praia em mercadoria nobre (PAIVA & DIÓGENES, 2009; DANTAS, 2010b). Embora a existência das barracas seja justificada entre seus usuários e proprietários em termos econômicos e sociais (vitalidade urbana), elas se encontram em situação precária do ponto de vista jurídico, em

<sup>2</sup> Também chamadas de barraquinhas, são pequenas estruturas na faixa de praia que oferecem abrigo à uma mesa ou pequeno grupo de mesas na areia.

decorrência de problemas relacionados a ocuparem terrenos de marinha.

Como moradora de Fortaleza o modo de me relacionar com a Praia do Futuro mudou com o tempo. Hoje, praticando o surfe, tenho sido mais assídua da faixa de praia do que das barracas, ao contrário de mim mesma no passado, quando passava a maior parte do tempo tomando banho de sol e conversando com amigos nos quiosques das barracas. Esta mudança de olhar e a assiduidade no decorrer dos anos me permitiram perceber melhor o uso em diferentes espaços e me familiarizou com a área como um todo. Aliados a esse meu entendimento, as minhas andanças por outras cidades e litorais e os estudos em arquitetura e urbanismo, me fizeram ter uma visão mais crítica da situação e perceber sua singularidade.

Mas parece que essa não é uma preocupação só minha, já que nos últimos anos tem se ampliado o debate sobre a Praia do Futuro e suas barracas, sobretudo no que diz respeito ao tipo de ocupação da orla marítima. Na discussão, que acontece nos jornais locais e se estende aos órgãos públicos, apresentam-se diferentes opiniões de profissionais, técnicos, população e governantes, evidenciando a falta de um estudo desta área sob o ponto de vista social<sup>3</sup>, arquitetônico e urbanístico. A partir da constatação desse tipo de lacuna, este trabalho se propõe a contribuir para o debate ao voltar-se para compreender a formação e estudar a morfologia e usos das barracas da Praia do Futuro, que devem ser entendidas para uma tomada de decisões mais madura sobre o futuro da área. Apesar da importância do tema, a situação legal das barracas de praia não constitui o foco deste trabalho.

## Questões de Pesquisa

A pesquisa foi estruturada a partir de algumas questões norteadoras:

1. Que fatores influenciaram a constituição da Praia do Futuro como uma importante área de lazer na cidade?
2. A especialização da área para o lazer tem paralelos com a diferenciação das barracas de praia?
3. Qual o papel que as barracas de praia desempenham no uso da área para o lazer? Quais as razões do seu desenvolvimento e as diferenciações criadas a partir daí? Como isso repercute no seu uso e público? Há paralelos entre configuração, tipologia e usos?

---

<sup>3</sup> Analisando relações de uso e identificação da população com as barracas de praia.

## Objetivos

Partindo dessa contextualização, o objetivo geral da dissertação é: **compreender relações entre forma – urbana (inserção na área) e edificação (tipologia) – das Barracas da Praia do Futuro e padrões de uso dos estabelecimentos.**

Para subsidiar essa discussão, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Investigar o surgimento e transformação das barracas em relação ao desenvolvimento da Praia do Futuro e da sua inserção na estrutura espacial urbana;
2. Classificar as barracas quanto ao seu padrão morfológico – inserção na estrutura viária, permeabilidade e visibilidade dos espaços, englobando: porte, paisagismo e programa;
3. Observar distintos modos de usos e relacioná-los com categorias morfológicas;
4. Verificar relações entre padrões identificados e o usufruto da praia.

## Hipótese

**Propriedades espaciais (dentre outros fatores) afetaram a transformação das barracas a partir de um núcleo básico original, levando à formação de tipos morfológicos distintos que atraem usuários de perfis diversos, repercutindo também nos modos de uso e nas relações pessoa ambiente.**

Por ocuparem uma faixa de praia extensa, a localização das barracas na malha urbana relaciona-se com diferentes graus de hierarquia das vias de acesso, os quais parecem afetar seus tamanhos e tratamento estético.

Desta hipótese, desdobra-se que as barracas de praia localizadas em vias mais integradas ou mais acessíveis (segundo a Lógica Social do Espaço, a ser exposta no capítulo posterior) são mais desenvolvidas (tanto em termos do tamanho da estrutura principal quanto na quantidade de quiosques) e tem programas e tratamento paisagístico mais rebuscados. As mais segregadas são menores e constituem construções mais simples, se diferenciando menos no decorrer dos anos.

A localização e as características desses espaços também devem afetar os grupos de usuários e seus modos de uso. As barracas simples têm um público mais humilde, enquanto

que as mais elaboradas têm clientela mais selecionada. A frequência de uso, imagem ambiental, motivos de atração, aspectos positivos e negativos – tanto das barracas quanto da região da Praia do Futuro – deve mudar entre os usuários desses espaços.

## **A Pesquisa**

O estudo se baseou em primeira instância na pesquisa bibliográfica, guiada pelas disciplinas cursadas no curso de mestrado, dentre as quais: i) Morfologia do Ambiente Construído (que também foi a disciplina do estágio supervisionado): obras de Jane Jacobs, Bill Hillier, Frederico de Holanda; ii) Relações Pessoa-Ambiente: Gabriel Moser, Proshansky, Yi Fu Tuan, Kevin Lynch; iii) Configuração Urbana e Produção Imobiliária: Mariana Fix, Roberto Lobato Corrêa, Flávio Villaça. Pelo objeto de estudo em pauta, também foram abordados livros, artigos, dissertações e teses de interesse. Posteriormente organizou-se este referencial teórico, juntamente com imagens e mapas (antigos e atuais) da região. Esta etapa serviu de embasamento para a pesquisa de campo.

A primeira etapa da pesquisa de campo foi a observação da área, de modo a avaliar a malha urbana e caracterizar o conjunto edificado das barracas de praia, com diferentes faixas de acessibilidade (topológica). Atributos foram identificados como relevantes no grau de desenvolvimento dos espaços, e posteriormente georreferenciados, delimitando grupos. A segunda fase se compôs da observação e aplicação de questionários em quatro barracas de praia exemplares de diferentes grupos, coletando dados de mudanças de usos nestes espaços. A relação entre essas fases e os resultados encontrados permitiu por em prática os procedimentos teórico-metodológicos apresentados no decorrer da dissertação.

## **Estrutura da Dissertação**

A dissertação *Barracas de Praia, Praia de Barracas – Configuração, Tipo e Usos na Praia do Futuro, Fortaleza – CE* é organizada em cinco partes que serão apresentados brevemente em seguida, finalizando com as referências bibliográficas, apêndices e anexos. Este capítulo compõe uma introdução à dissertação, apresentando o objeto de estudo, com a sua justificativa, e os objetivos e hipóteses deste estudo.

No segundo capítulo são apresentadas as considerações teóricas, abordando os

assuntos que embasam o trabalho realizado, os quais se desenvolvem em dois âmbitos:

- i) De reflexão geral para assessorar a contextualização do objeto de estudo, tendo ligação com o capítulo sobre a Praia do Futuro: a) sobre a dinâmica intra urbana (baseada principalmente nos estudos de Villaça, 2001); b) sobre os espaços públicos (estudos de Sun Alex);
- ii) Base organizadora dos procedimentos de análise do objeto, subdividida em dois itens: a) Sobre a *Lógica Social do Espaço*, teoria de análise representativa, aborda a configuração espacial como motivadora de determinados padrões edilícios e de uso (paralelo forma x função); b) A percepção ambiental, estudo da influência recíproca entre pessoa ambiente ( $P \leftrightarrow A$ ), aborda os conceitos de identidade, apropriação, cognição e afeto, embasando a formulação dos questionários aplicados posteriormente.

No terceiro capítulo são explicados os procedimentos metodológicos que, como desdobramento das questões de pesquisa, tem as variáveis: (i) análise da hierarquia inerente à malha urbana; (ii) Nível de desenvolvimento edilício das barracas; (iii) Modos de uso e percepção das barracas para a população. Estas variáveis constituíram o método de pesquisa, dividindo o capítulo nos tópicos: i) configuração espacial; ii) tipologia edilícia das barracas de praia; iii) percepção e usos: sobre a elaboração e aplicação dos questionários.

O quarto capítulo apresenta a maritimidade em Fortaleza, um breve histórico do uso de lazer nas praias da cidade e o desenvolvimento da Praia do Futuro, incentivado por este uso. Este capítulo mostra um panorama da área, ganhando maior importância devido à expansão da cidade nessa direção (leste/sudeste) e ao crescimento do turismo.

O último capítulo corresponde aos resultados da pesquisa, mostrando os dados levantados e a sua organização, relacionando-os à luz do referencial teórico apresentado inicialmente. Seguindo os procedimentos metodológicos esta parte é dividida nas fases: i) configuração espacial: análise dos mapas axiais em escala local e global; ii) tipologia: análise das barracas de acordo com seu porte, paisagismo e programa de necessidades; (iii) paralelo entre configuração x tipo, identificando padrões dos grupos de barracas; iv) usos: aplicação dos questionários em quatro barracas de praia, obtendo resultados gerais e específicos sobre a percepção ambiental na Praia do Futuro.

## CAP. 2 - Considerações Teóricas

---

*Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.*

Livro dos conselhos. (DUARTE, 1982)

*O caos é uma ordem por decifrar.*

Livro dos contrários. (SARAMAGO, 2002)

A história não se escreve fora do espaço, assim como não há sociedade a-espacial (SANTOS, 2008, p. 22), a Formação Econômica Social é dependente de considerações espaciais, pois:

As diferenças entre lugares são o resultado do arranjo espacial de modos de produção particulares. O “valor” de cada lugar depende de níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e como eles se combinam. Assim, a organização local da sociedade e do espaço reproduz a ordem internacional (SANTOS, 1974 apud SANTOS, 2008, p.28).

Tendo como base esse entendimento, o presente capítulo especifica correntes teóricas utilizadas na análise do nosso objeto e constitui uma revisão bibliográfica e conceitual sobre: Dinâmica intra urbana, Lógica Social do Espaço (LSE) e Percepção Ambiental, finalizando com um paralelo entre a LSE e a Percepção ambiental. Este tripé teórico-metodológico busca uma compreensão sócio espacial do fenômeno, dosando apreensões quantitativas e qualitativas do espaço, o que corresponde à complementaridade entre áreas na qual se baseia essa proposta.

Ressalta-se ainda que o termo acessibilidade utilizado no decorrer deste trabalho se refere à acessibilidade topológica ou potencial da malha urbana, que classifica os espaços em mais integrados ou mais segregados (calculado nos mapas axiais<sup>4</sup>). Este trabalho não trata da acessibilidade universal<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Ferramenta de análise dos eixos de movimento de uma determinada trama calculados através dos programas: UCL Depthmap e Mindwalk. Ver o tópico seguinte: A Lógica Social do Espaço.

<sup>5</sup> Leva em conta todo o sistema de transporte e ergonomia, do embarque ao desembarque de pessoas como o acesso a diferentes equipamentos e espaços, levando em consideração a existência de alguma deficiência física dos usuários. No Brasil as normas que regem os parâmetros de projeto e construção neste âmbito são as normas de acessibilidade da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Disponível em: <http://www.acessibilidade.org.br/>, acesso em Agosto de 2010.

## Dinâmica Intraurbana

Neste tópico o sentido de segregação e dos padrões espaciais inerentes a ela se baseiam principalmente nos estudos da dinâmica de expansão da cidade de Flávio Villaça (2001), e tem um foco diferente da segregação/integração potenciais calculadas pelos mapas axiais e abordadas no próximo tópico: A Lógica Social do Espaço (HILLIER & HANSON, 1984) – que é o foco de análise do objeto de estudo nos capítulos metodológico e de análise (em escala global e local). Embora existam paralelos entre as duas abordagens, o sentido de segregação muda: neste tópico trata de um padrão de segregação voluntário que guia a dinâmica de expansão das cidades, enquanto que no próximo tópico – e no seu desenvolvimento na dissertação – lê a hierarquia viária da cidade a partir da acessibilidade topológica da sua malha urbana.

Este tópico serve para embasar a análise da expansão intra urbana de Fortaleza e as suas futuras tendências, situando a Praia do Futuro neste contexto<sup>6</sup>. Tomaremos como ponto de partida as tendências e os processos recorrentes de desenvolvimento espacial nas cidades brasileiras a partir das obras de Flávio Villaça, Roberto Lobato Corrêa, Mariana Fix e Mario A. Eufrazio (citado na abordagem sobre a Escola de Chicago), tendo como ponto de partida a definição de *estrutura* de Bastide (1971, 1) citado por Villaça (2001, p.12), segundo o qual:

chamaremos de *estrutura* um todo constituído de elementos que se relacionam entre si de tal forma que a alteração de um elemento ou de uma relação altera todos os demais elementos e todas as demais relações. As estruturas são *dotadas de movimento* e o grande desafio intelectual reside em desvendar a fonte desse movimento.

Fazendo um paralelo entre o estudo da forma e da estrutura urbana:

O estudo das formas é sem dúvida estudo do espaço urbano, mas não é específico do espaço urbano. Muito pelo contrário, as formas são atributo de todo espaço (árvores, cadeiras, canetas). No entanto, para explicar as formas urbanas – os bairros, as direções de crescimento, a forma da mancha urbana, a verticalização, densidades, etc. – é indispensável considerar as relações de determinado ponto ou conjunto de pontos com todos os demais do espaço urbano. (VILLAÇA, 2001, p. 24)

Tais definições têm paralelos com a teoria do “movimento natural”(HILLIER, 2007), que relaciona o potencial gerador de movimento das estruturas espaciais à configuração da

<sup>6</sup> Baseado principalmente nos estudos de Diógenes sobre a dinâmica de expansão da cidade de Fortaleza, ver capítulo 4.

malha. A fonte do movimento na cidade é a própria configuração urbana promove mudanças no padrão edilício, e por sua vez atrai mais movimento, resultando em um padrão cíclico.

Usamos a definição de centro ativo (resultado do movimento de expansão da cidade), como a área de confluência de múltiplas atividades e funções que costuma coincidir com o seu núcleo de integração<sup>7</sup> (HILLIER, 2007).

Nesta análise da expansão intra urbana a presença do espaço nas relações sociais é marcante e a concepção de localização deriva destas relações dentro de uma estrutura espacial mais ampla. A estrutura territorial se encontra articulada a outras, como a econômica, a política e a ideológica. O consumidor da população de mais alta renda tem certa soberania nesta dinâmica, influenciando nos processos de expansão. Milton Santos define que a especulação imobiliária deriva:

(...) da conjunção de dois movimentos convergentes: a superposição de um sítio social ao sítio natural e a disputa entre atividades e pessoas por dada localização. [...] criam-se sítios sociais, uma vez que o funcionamento da sociedade urbana transforma relativamente os lugares, afeiçoando-os às suas exigências funcionais (...). (SANTOS, 1993, p.96).

O processo de segregação gera espaços de dominação dos diferentes grupos sociais, tendendo à uniformidade da população em determinados sítios em termos de três conjuntos de características, segundo CORRÊA (1989): urbanização, etnia e status socioeconômico associado também a fases do ciclo de vida, isto é, solteiros, casais jovens com filhos pequenos. O foco desta discussão discorre sobre os parâmetros socioeconômicos, por serem os parâmetros que mais fortemente estruturam as metrópoles brasileiras.

A segregação residencial é um processo que origina a tendência à organização espacial da população em áreas de “forte homogeneidade social interna e de forte disparidade entre elas” (CASTELLS, 1983 apud CORRÊA, 1989, p. 60). A segregação é uma determinada geografia, uma expressão espacial da dominação das classes de mais alta renda no espaço urbano (VILLAÇA, 2001).

Nas metrópoles brasileiras, a enorme desigualdade social produz espaços altamente desiguais. Não apenas do ponto de vista de seus equipamentos – coisa já fartamente destacada -, mas do ponto de vista de suas localizações.(...) O móvel que leva à segregação espacial é a luta pela apropriação diferenciada do produto 'ponto' ou localização, enquanto valor de uso produzido ou construído. (VILLAÇA, 2001, p. 357)

---

<sup>7</sup> Área da cidade que concentra boa parte das vias de maior integração. Ver no tópico posterior *A Lógica Social do Espaço*, sobre os atributos encontrados nos mapas axiais.

Esta apropriação diferenciada também se dá pelo valor de troca que um imóvel em determinada localização pode ter. O processo de distribuição espacial da população segundo padrões de segregação deve ser entendido como uma relação dialética, em que a segregação (voluntária) de uns provoca pelo mesmo processo, a segregação (involuntária) de outros. Ela se enfatiza quanto maior as desigualdades sociais existentes no local. O fenômeno é oriundo da escolha de localização das classes mais abastadas da população, e é modelo marcante da distribuição espacial das metrópoles brasileiras.

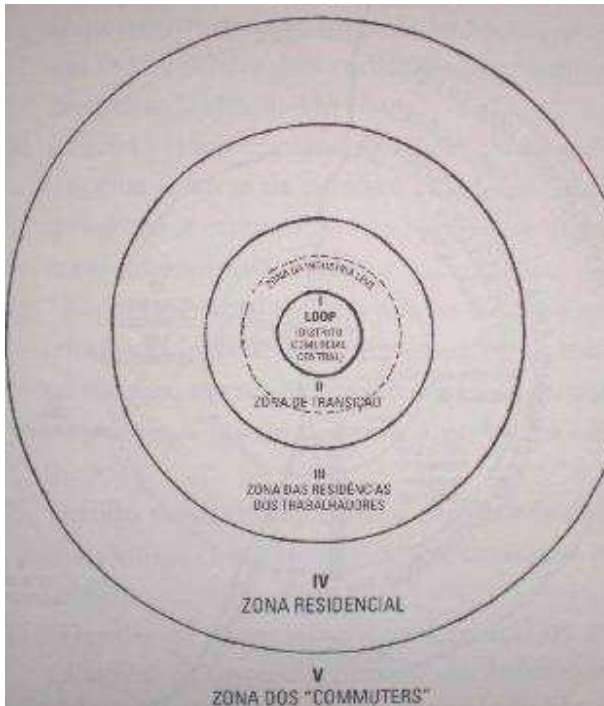
O conceito de segregação residencial aparece na tradição sociológica americana (escola de Chicago), com Robert Park e depois McKenzie, que o define como sendo uma concentração de tipos de população dentro de um território (CORRÊA, 1989, p.59), este conceito se desenvolve como uma segregação ecológica, como a reunião de pessoas com características semelhantes em um determinado local. A ecologia Fatorial define a segregação como voluntária ou involuntária e assim evidencia o caráter de luta da segregação. A escola de Chicago avançou ainda mais nesta esfera, através de Burgess (EUFRASIO, 1999), ao criar um modelo de expansão da cidade (figura 2):

Para muitas pessoas as cidades pareceriam ser uma caótica mistura, sem nenhuma lei governamental de crescimento, antes de Burgess ter formulado sua teoria, muitos anos depois de Richard M. Hurd, em 1903, ter desenvolvido os princípios central e axial do crescimento urbano." (HOYT 1964; 92 apud EUFRASIO; 1999; 75)

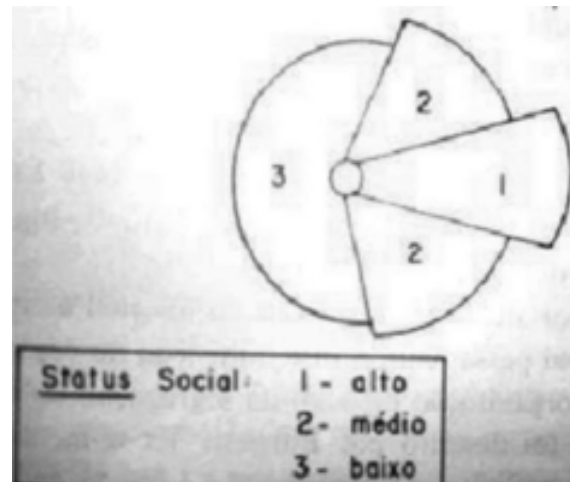
Alguns destes esquemas clássicos de segregação residencial a partir de expansão radial foram descritos de maneira simplificada também por Corrêa (1989, p. 66-69), sendo estes: de Kohl (geógrafo alemão), de Burgess (com base na cidade norte-americana de 1920, fazendo parte da escola sociológica de Chicago) e Hoyt (economista norte-americano). Os primeiros apresentam os padrões espaciais como expandidos a partir de um centro, criando zonas de distribuição de diferentes áreas de forte homogeneidade interna, como o esquema de Burgess (figura 2). Hoyt parte da distribuição a partir de um centro, mas o mostra como um processo de criação de setores, com tendência de desenvolvimento e expansão da população mais rica em uma direção principal, polarizando regiões de classes mais altas nas suas imediações (figura 3).

Compreende-se a segregação voluntária como o estudo de *áreas de região geral da cidade* que concentram a maioria da população de mais alta renda. Podem existir focos de

classes diferenciadas em uma mesma área, porém a tendência geral é de uniformização dessas áreas. Tal raciocínio auxilia na compreensão global da dinâmica intraurbana e dos seus padrões de expansão e de segregação espacial.



**Figura 2: O crescimento da cidade e as zonas urbanas, segundo Burgess.** Fonte: EUFRASIO, 1999, p. 81;



**Figura 3: Esquema da segregação residencial segundo Hoyt.** Fonte: CORRÊA, 1989, p. 67;

A obra de Villaça (2001) estuda esta segregação procurando semelhanças do processo de expansão urbana em metrópoles brasileiras como Recife, Porto Alegre, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Estudos semelhantes têm sido feitos em outras metrópoles. Nas cidades litorâneas a disposição geográfica delimita a expansão da cidade, mas ainda se nota uma direção principal de expansão das classes de mais alta renda. O autor aborda os esquemas de Hoyt de expansão em setores de círculo, o que permite um desenvolvimento linear da cidade com economia da infraestrutura, já que menos vias são necessárias para dar base a este crescimento. A figura 4 mostra alternativas de expansão da cidade, o esquema à esquerda mostra a realidade brasileira, com a possibilidade de maior aglomeração do tecido urbano e economia do sistema viário, permitindo um atendimento facilitado por parte do mercado e do Estado. Na alternativa à direita há maior dispersão da malha urbana, exigindo uma maior infraestrutura, que também dificulta o controle do espaço, para o mercado e para o Estado.

Em países mais desenvolvidos estes setores de círculo tendem a ser maiores, ou até a representarem um círculo inteiro, mostrando um maior contato da área expandida da cidade com o centro tradicional, nestes esquemas a classe média constitui a maioria da população e o centro tradicional continua tendo uma grande importância, permanecendo o centro ativo.

“A essência do sentido radial [...] é a necessidade de manter o acesso ao centro. [...] O deslocamento das nossas burguesias segundo setores e não segundo círculos concêntricos decorre também de suas diminutas dimensões e do enorme desequilíbrio entre as classes sociais existentes no Brasil.” (VILLAÇA, 2001 p.153).

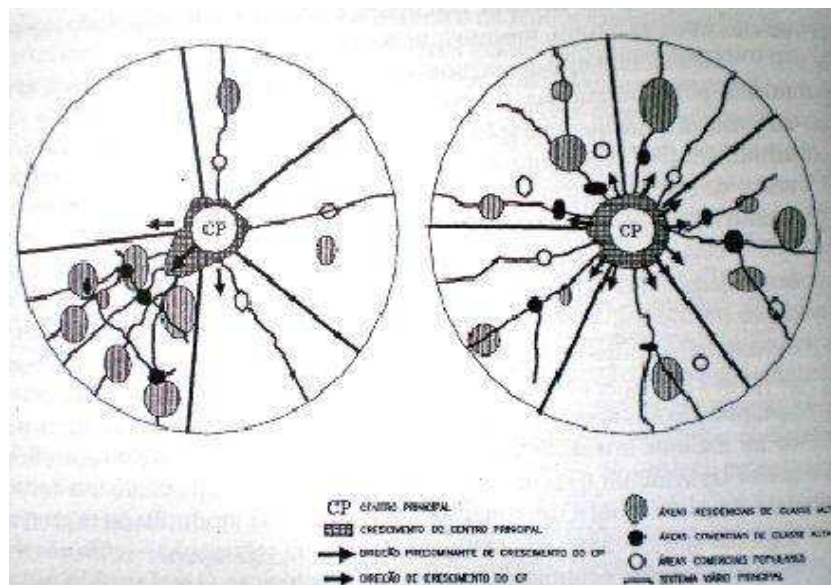


Figura 4: Alternativas de segregação metropolitana. Fonte: VILLAÇA, 2001, p. 340;

A dinâmica espacial cria novos bairros habitados por grupos sociais de alto *status* ao redor do mesmo setor, como este processo se torna evidente, ideologias são criadas pela classe dominante para ocultar o modo real de produção e as suas relações sociais. Por exemplo, a deterioração do centro antigo procura ser retratada como um processo natural, mas na realidade “refere-se ao estado de quase ruína em que são deixados muitos edifícios dos centros tradicionais, em virtude de seu abandono pelas camadas de alta renda, que produziram novos centros” (VILLAÇA, 2001, p. 344). A ideologia elegendo uma nova área da cidade como a cidade legítima, o autor cita como exemplo a propaganda do Banco Itaú da Av. Paulista como o novo “Símbolo de São Paulo”.

Em muitos casos, as camadas de mais alta renda se afastam dos seus centros de modo a ocuparem bairros mais modernos, com maior arborização e espaços vazios.

Enquanto ainda não ocupados, os solos têm preços mais baixos e espaços vazios, permitindo uma construção diferenciada dos bairros mais antigos. A partir disso, criam acessibilidade ao centro por meio de auto estradas e altas taxas de motorização.

Exemplos da criação de bairros podem ser vistos nas cidades brasileiras por meio de empreendimentos imobiliários com maior ou menor intervenção. Algumas dessas tentativas de criação de novos bairros funcionam, outras não. Mariana Fix<sup>8</sup> (2007) cita estudos de Logan e Molotch que chamam esses empreendedores de agentes econômicos e os distingue em três grupos, de acordo com o grau de intervenção: 1) Passivo: um rentista que apenas marginalmente funciona como um promotor imobiliário; 2) Ativo: antecipa as mudanças de uso do solo e especula sobre o futuro de determinados lugares; 3) Estrutural: não apenas antecipa as mudanças, como intervém para alterar o uso do solo.

No Brasil as classes de mais alta renda “puxaram” a infraestrutura e acessibilidade para novas áreas, aumentando a mobilidade urbana, densidade urbana e valorização destas terras. Em muitos casos existe a “soberania do consumidor” das camadas de mais alta renda, pois é esta classe que escolhe aonde e como quer morar (a localização e a forma da casa). Isto pode ser notado pela existência de empreendimentos econômicos bem e malsucedidos. Roberto Lobato Corrêa (1989) descreve, por exemplo, o caso de Copacabana, que no início teve tentativas mal sucedidas de especulação (entre 1870 e 1890), até que mais tarde (com a atuação de agentes econômicos estruturais) foram bem sucedidos e o local acabou por se tornar um elegante e aristocrático bairro da então república.

A expansão intra urbana da cidade de Fortaleza, sua direção de crescimento e a localização da Praia do Futuro neste contexto serão abordadas no capítulo 4, com base no referencial teórico aqui apresentado.

### **Espaços públicos**

O objeto de estudo se localiza em faixa de praia, e tem seu espaço sem barreiras físicas à exceção dos espaços de serviço das barracas, seus limites de ocupação se deve à delimitação visual e simbólica (paisagismo, programação visual, etc.). Mesmo que sejam equipamentos de âmbito privado, abordar a natureza dos espaços públicos se mostra de interesse nesta reflexão geral por conta da praia e da permeabilidade desses espaços.

---

<sup>8</sup> Em reflexão introdutória sobre a valorização e mudança de uso às margens do rio Pinheiros, em São Paulo.

O arquiteto Sun Alex<sup>9</sup> apresentou reflexões sobre os espaços públicos de praças e, citando Paulo César da Costa Gomes, expressou que a concepção do espaço público vai além da ideia de igualdade e liberdade, da separação do privado ou a delimitação jurídica e mesmo da garantia do acesso livre:

[...] os atributos do espaço público são aqueles que têm relação com a vida pública. [...] E, para que esse lugar opere uma atividade pública, é necessário que se estabeleça, em primeiro lugar, uma copresença de indivíduos.[...] o lugar físico orienta as práticas, guia os comportamentos e estes, por sua vez, reafirmam o estatuto público deste espaço. (ALEX, 2008, p.19, grifos nossos)

O acesso<sup>10</sup> é fundamental para a apropriação e para o uso de um espaço. Para definir este acesso utilizamos a classificação de Stephen Carr (apud ALEX, 2003, p.25) de três tipos de acessos, que podem tornar um espaço mais ou menos convidativo para o uso:

- Acesso físico diz respeito “à ausência de barreiras espaciais ou arquitetônicas (construções, plantas, água, etc.) para entrar e sair de um lugar. No caso do espaço público deve-se considerar também a localização das aberturas, as condições de travessia das ruas e a qualidade ambiental dos trajetos.”
- Acesso visual ou visibilidade, “define a qualidade do primeiro contato, mesmo à distância, do usuário com o lugar. Perceber e identificar ameaças potenciais são procedimentos instintivos antes de alguém adentrar qualquer espaço.”
- Acesso simbólico ou social se refere à presença de sinais (sutis ou ostensivos) que sugere quem é ou não é bem-vindo ao local.

Este conceito de acessibilidade é mais amplo do que o escopo usado nesta dissertação. As considerações sobre espaço público neste livro, estudadas como lugares de convívio ou de exclusão, são importantes para a nossa reflexão, uma vez que utilizam conceitos da estrutura física do espaço e a importância da possibilidade de copresença (que se referem à *configuração*), das referências visuais da paisagem (que fazem alusão à constituição de um *tipo*, no nosso caso, das edificações das barracas de praia e do seu entorno) e questões simbólicas e afetivas, de acesso social e da criação de um lugar (relacionado aos *usos*).

<sup>9</sup> No livro: “*Projeto da praça – Convívio e exclusão no espaço público*” (2008), baseado na sua tese analisando seis praças em São Paulo.

<sup>10</sup> O acesso aqui tem um sentido mais amplo que o topológico (*Lógica Social do Espaço*) mesmo que tenha paralelos com a noção do acesso físico (principalmente) e visual.

[...] As ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra, embora não haja limites precisos entre espaço, paisagem e lugar como fenômenos experienciados: lugares contêm paisagens, paisagens e espaços contêm lugares. (RELPH, 1979, p.16 apud RIO & OLIVEIRA, 1996, p. 98)

O objeto de estudo é abordado de maneira complementar, como variável dependente e independente. A arquitetura pode ser lida como uma variável dependente: decorre de fatores que a originam, resultado de determinações do ambiente sócio natural, como pode ser lida como uma variável independente, no qual se estudam seus efeitos, como o da configuração da cidade no comportamento das pessoas (HOLANDA, 2010). Neste trabalho fazemos um paralelo entre duas abordagens teóricas, que são apresentados em seguida: o primeiro diz respeito a Relações Forma-Uso (Lógica Social do Espaço) e o segundo concerne a percepção ambiental (psicologia ambiental).

## **A Lógica Social do Espaço**

Esta abordagem é uma maneira de interpretar fenômenos na cidade e relacionar a forma do espaço com a função que desempenham. Nesta dissertação esta teoria é aplicada como uma metodologia para analisar os potenciais de desempenho da Praia do Futuro na cidade de Fortaleza e a inserção das barracas de praia na área local.

A teoria da Lógica Social do Espaço surgiu nos anos 1970 através dos estudos de pesquisadores (Hillier, Hanson e colaboradores) do UCL (University College London) e “integra a reflexão crítica sobre a arquitetura moderna e a reafirmação da arquitetura como disciplina” (HOLANDA, 2010, p.33). Esta reflexão pode ser vista nos trabalhos pioneiros de Jane Jacobs (1961), Kevin Lynch<sup>11</sup>, Gordon Cullen e Camilo Sitte (HOLANDA, 2010).

O livro de Jane Jacobs<sup>12</sup> é uma crítica aberta às premissas do movimento moderno, descrevendo a cidade como os espaços que permitem encontros. A autora prega a importância da diversidade para as cidades tanto social quanto economicamente. O trabalho é dedicado à cidade de Nova Iorque, na qual vivia enquanto o escreveu, e muitos dos exemplos de diversidade, desenho e vitalidade de diferentes espaços se baseiam nesta cidade. Para a autora, quatro condições são indispensáveis para gerar diversidade e

<sup>11</sup> Com: *The Image of the city*, 1960. Edição brasileira: *A Imagem da Cidade*.

<sup>12</sup> Com o livro de 1961: *The Death and Life of Great American Cities*. Na edição brasileira o livro se chama: “Morte e Vida das grandes Cidades”. (editora Martins Fontes)

vitalidade na cidade (JACOBS, 1992):

- 1) O distrito deve servir a mais que uma função primária: necessidade de usos principais combinados, possibilitando a presença de pessoas com variadas funções em diferentes horários;
- 2) A maioria das quadras deve ser curta: a criação de ruas e mais oportunidades para virar esquinas produz mais opções de caminhos entre diferentes pontos;
- 3) Haver mistura das idades dos edifícios, variando no seu campo econômico;
- 4) Maior densidade de pessoas, por isso se entende uma maior densidade de residências (não uma maior densidade de pessoas por residência).

Nesta discussão, o ponto mais relevante em termos de desenho e configuração urbana é ter muitas ruas (item 2), muitas opções de caminhos possibilitam percorrer caminhos menores para chegar a uma quantidade maior de lugares, condição que estimula vitalidade e diversidade (figura 5).

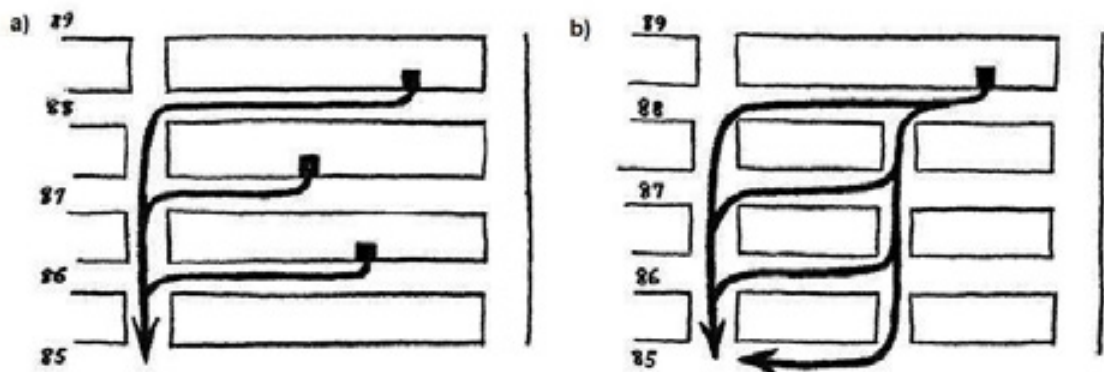


Figura 5: Percursos e caminhos possíveis em diferentes quadras: a) longas; b) curtas. Fonte: JACOBS, 1992

[...] ruas frequentes e quadras curtas são valiosas por causa do tecido de intrincados usos cruzados que eles permitem entre os usuários da vizinhança de uma cidade. Ruas frequentes não são um fim por si mesmos. Eles são um meio para um fim. [...] Como a mistura de funções primárias, ruas frequentes são eficientes ao ajudar a gerar diversidade *apenas por causa da maneira do seu desempenho*. Os meios pelos quais elas funcionam (atraindo mistura de usuários entre elas) e os resultados que elas podem alcançar (o crescimento da diversidade) estão intrinsecamente relacionados. A relação é recíproca.<sup>13</sup> (JACOBS, 1992, p. 186, grifo nosso)

<sup>13</sup> Do original em inglês: “[...] frequent streets and short blocks are valuable because of the fabric of intricate cross-use that they permit among the users of a city neighborhood. Frequent streets are not an end in themselves. They are a means toward an end. [...] Like mixtures of primary use, frequent streets are effective in helping to generate diversity *only because of the way they perform*. The means by which they work (attracting mixtures of users among them) and the results they can help accomplish (the growth of diversity) are inextricably related. The relation is reciprocal.”

Não é apenas a maior disponibilidade de caminhos para os pedestres como a possibilidade de juntar usos e comércios nesses eixos que ensejam a vitalidade na cidade, constituindo uma relação recíproca. Este argumento se contrapõe, por exemplo, aos desenhos de vários urbanistas modernos, nos quais alguns caminhos só têm muros, cumprindo a mera função de circulação, não tendo outras funções, sem atrativos.

A Lógica Social do Espaço (LSE)<sup>14</sup> opera uma mudança paradigmática nos estudos que relacionam espaço e comportamento, por criar categorias quantificáveis de análise.

Esta análise social baseada em atributos físicos, e vice-versa, é construída a partir do raciocínio lógico, considerando quantificações e medições: está mais uma vez na moda em razão das pesquisas contemporâneas sobre relações complexas, redes de sistemas, fractais, etc. (MEDEIROS, 2006, p. 118 e 119).

É considerada uma teoria estruturalista, pois parte da observação que cada elemento em um dado sistema é determinado por todos os outros elementos daquele sistema (identifica estruturas subjacentes a diversas sociedades). Pode ser considerada também pós-estruturalista, pois pode acomodar a ela outros tipos de análises, complementando-a.

Para a LSE, “Sociedade” é um sistema de encontros e esquivanças que se definem (ou se configuram) através de um conjunto de barreiras e permeabilidades: “a organização espacial humana, seja na forma de assentamentos ou de edifícios, é o estabelecimento de padrões de relacionamentos compostos essencialmente de limites/barreiras e permeabilidades de diversas maneiras.<sup>15</sup>”(HILLIER & HANSON, 1984, p. 54). “Essas barreiras e permeabilidades são, de fato, sanções físicas a um sistema de encontro e restrições que constituem a sociedade, tanto no nível do assentamento quanto no nível do edifício”(HOLANDA, 2002, p. 96).

Por “barreiras” entende-se tudo aquilo que dificulta ou impede o acesso (parede, depressão, grade, cerca, etc.) O foco de análise se baseia no meio em que se realizam as práticas socioculturais, permitindo o movimento, a co presença e o encontro de pessoas. Adota-se aqui a definição de espaço urbano como o contínuo universalmente acessível, que

---

<sup>14</sup> Conceitos, axiomas, métodos e técnicas desta teoria são colocados pela primeira vez com uma maior completude no livro: *The Social Logic of Space*, Publicado na Inglaterra em 1984, traduz-se “A Lógica Social do Espaço”, de Bill Hillier e Julienne Hanson, ambos trabalham no UCL (University College London), na Unit of Advanced Architectural Studies.

<sup>15</sup> Do original em inglês: “(...) human spatial organisation, whether in the form of settlements or buildings, is the establishment of patterns of relationships composed essentially of boundaries and permeabilities of various kinds.”

se pode percorrer e onde se pode permanecer, permitindo o acesso da população aos demais espaços, o encontro e a realização de práticas sociais/culturais.

A premissa básica da LSE é que os padrões espaciais carregam em si informações de conteúdo social. É possível deduzir que a organização espacial – enquanto sistema de objetos e ações (SANTOS, 2004) – oferece variáveis para compreender a sociedade em determinado momento histórico, uma vez que esta se organiza e se reorganiza transformando a natureza e produzindo e reproduzindo o espaço geográfico. A cidade é o local em que se viabilizam tais processos e este fenômeno se reproduz na escala intra urbana.

É imprescindível, embora nem sempre suficiente, conhecer as leis de organização espacial para intervir satisfatoriamente no espaço construído. Segundo os pressupostos da LSE, o espaço construído é<sup>16</sup>:

- Aspecto intrínseco da existência social: traz aspectos sociológicos impressos em seus arranjos, correlaciona-se com modos distintos de práticas sociais e atua sobre elas, ainda que não haja correspondência direta entre forma espacial e forma social.
- Um artefato determinado culturalmente: pressupõe a transmissão de convenções culturais subjacentes ao ato de projeção, formação e materializados na construção.
- Organizado segundo três tipos de leis: (i) do objeto propriamente dito – sobre possibilidades de agregar edifícios e espaços abertos segundo leis físicas, do terreno, condições climáticas e de construção; (ii) da sociedade para o objeto urbano – como as possibilidades de agregar edifícios podem se dar; (iii) do objeto para a sociedade.

Para Hillier (1996), existe uma dissociação entre os aspectos físicos e formais na cidade atual, que prejudica o seu entendimento. Os urbanistas, que trabalham com a forma, têm dificuldade de compreender a função que exercem, assim como os planejadores, que trabalham com a função distanciam-se do entendimento da questão formal. Há uma separação entre o pensamento e a ação, entre o desenho e o funcionamento urbano. Compreender que o desenho e a função se influenciam mutuamente e que a cidade é um sistema de meios para um fim permite superar essa lacuna. O estudo da configuração espacial remete à estrutura do sistema, às relações existentes entre seus elementos.

Esta visão encontra paralelos no conceito de Villaça sobre a dinâmica intra urbana: o

---

<sup>16</sup> Apontamentos da aula de Edja Trigueiro da disciplina de Morfologia do Ambiente Construído do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAU-UFRN), ministrada por Edja Trigueiro e Lucas Figueiredo em 2010.1;

autor entende o sistema como uma estrutura, um conjunto de partes associadas, percebendo relações de acordo com a sua localização no sistema. Os sistemas promovem movimento e se procura descobrir a fonte de tais processos para compreender sua dinâmica.

Da maneira como um objeto global pode ser compreendido a partir de regras locais, um local também é influenciado pela sua inserção na estrutura global, no sistema da cidade: “lugares não são coisas locais, são fragmentos de coisas em grande escala, coisas em grande escala as quais chamamos de cidades. Lugares não fazem cidades. São as cidades que fazem os lugares.”<sup>17</sup> (HILLIER, 1996, p. 112).

Já que a organização espacial tem uma certa lógica interna, tanto em escala local quanto global, permite que ela seja conhecida e que o espaço possa operar como uma linguagem morfológica (HILLIER & HANSON, 1984).

Mais uma vez, um objeto global bem definido emergiu de regras puramente locais, (...) a forma global não foi concebida ou desenhada por qualquer indivíduo: ele emergiu a partir das dinâmicas independentes de um processo que é distribuído entre um conjunto de indivíduos. (HILLIER & HANSON, 1984, p.36)<sup>18</sup>

Estudos de morfologia do espaço enfocam a configuração espacial, analisando a dinâmica e a estrutura<sup>19</sup> do objeto por meio do paralelo entre forma e função: determinada forma corresponde, ou enseja, uma determinada função. A função corresponde aos usos de um local e a forma considera esta localização e sua relação com o sistema, porém outros fatores também podem intervir.

Holanda (2002) considera três níveis de análise da sociedade e dos espaços que elas produzem: padrões espaciais, vida espacial e vida social. “A teoria trabalha com a ideia de que, potencialmente, certos padrões espaciais correspondem a certos padrões de copresença.”<sup>20</sup> (HOLANDA, 2002, p. 110, grifo nosso). Os padrões espaciais têm uma razão de ser e podem influenciar ou determinar o quanto os espaços serão usados.

A configuração espacial tem relação intrínseca com o movimento, pois o espaço permite, e até certo ponto induz, o fluxo de pessoas para todos os lugares. Definindo o

<sup>17</sup> Do original em inglês: “(...) places are not local things. They are moments in large-scale things, the large-scale things we call cities. Places do not make cities. It is city that makes places.”

<sup>18</sup> Do original em inglês: “Once again, a well-defined global object has arisen from a purely local rule [...] the global form has not been conceived or designed by any individual: it has arisen from the independent dynamics of a process that is distributed among a collection of individuals.”

<sup>19</sup> Diferentemente de outros estudos, que consideram a morfologia como a forma do edifício construído, do espaço “cheio”.

<sup>20</sup> Presença das pessoas num mesmo ambiente, acessíveis visualmente.

conceito de movimento natural<sup>21</sup> Bill Hillier propõe que o fundamental correlato da configuração espacial é o movimento:

Este é o caso tanto em termos da determinação da forma espacial, na qual o movimento largamente dita a configuração do espaço na cidade, e em termos dos efeitos da forma espacial, na qual o movimento é largamente determinado pela configuração espacial. O principal gerador desta teoria exposta aqui é a descoberta, através de pesquisa recente, que a estrutura da malha urbana considerada puramente como uma configuração espacial, é por si mesmo o determinante singular mais poderoso do movimento urbano, ambos veicular e de pedestres. Porque essa relação é fundamental e leal, tem sido uma força poderosa na formação das nossas cidades historicamente desenvolvidas, pelos seus efeitos em padrões de uso do solo, densidades urbanas, mistura de usos em áreas urbanas e a estrutura local global da cidade. <sup>22</sup>(HILLIER, 2007, p.113)

A Figura 6 mostra o esquema do ciclo do movimento natural, potencializado pela configuração espacial do sistema. A configuração atrai mais fluxo e movimento para o local (efeito primário), que por sua vez atrai comércio e o estabelecimento de atratores (efeito secundário), e exercem efeitos multiplicadores deste movimento (efeito terciário). O estabelecimento do movimento e de atratores exerce um efeito retroativo na configuração espacial (efeito quaternário), que fecha o ciclo do movimento natural. A renovação do conjunto edilício e novas centralidades podem ser lidas por esta dinâmica em diferentes escalas nos espaços das cidades.

Equipamentos que tiram proveito do fluxo se situam nas vias de maior movimento e têm um efeito multiplicador. No Brasil esta dinâmica fomenta a renovação do conjunto edilício nesses eixos num ritmo mais acelerado do que nas demais vias<sup>23</sup>. Este raciocínio ajuda a compreender melhor a trama da cidade, o desenvolvimento dos seus usos e da sua composição edilícia.

---

<sup>21</sup> No capítulo "*Cities as movement economies*", do livro "*Space is the machine*". Em português: "Cidades como economias em movimento", do livro "O espaço é a máquina".

<sup>22</sup> Do original em inglês: "This is the case both in terms of the determination of spatial form, in that movement largely dictates the configuring of space in the city, and in terms of the effects of spatial form, in that movement is largely determined by spatial configuration. The principal generator of the theory set out here is the discovery, through recent research, that the structure of the urban grid considered purely as a spatial configuration, is itself the most powerful single determinant of urban movement, both pedestrian and vehicular. Because this relation is fundamental and lawful, it has already been a powerful force in shaping our historically evolved cities, by its effects on land-use patterns, building densities, the mixing of uses in urban areas and the part-whole structure of the city."

<sup>23</sup> Ver estudos sobre renovação do patrimônio edilício de Edja Trigueiro e colaboradores.



Figura 6: Esquema do movimento natural, com suas fases e efeitos. Fonte: MEDEIROS, 2006, p. 104, trabalhado pela autora;

O enfoque da análise da configuração espacial na LSE é o topológico<sup>24</sup>. Um grupo de pesquisadores, como HILLIER & HANSON (1984), vê a configuração – em termos de estrutura de relações topológicas – como essenciais para a comunicação entre as pessoas e a leitura que cada pessoa tem do espaço. Não é o caminho mais curto metricamente que predomina nessa abordagem, mas sim os caminhos mais simples, com menor quantidade de mudanças de direção para chegar a um local, que tornam o espaço mais legível e fácil de navegar. Os espaços mais fáceis de serem encontrados são considerados mais rasos, atingindo uma maior quantidade de espaços com poucos desvios.

Imagine que lá está você, esperando para atravessar uma via, quando um carro se aproxima, um passageiro desce e lhe pergunta onde está o banco mais próximo. Existem, de fato, duas rotas: um longo caminho seguindo uma via principal, com uma única mudança de rota para a esquerda, e um caminho muito mais curto com diversas mudanças de rota através de vias secundárias. Qual delas você indica para o indivíduo? A resposta é a rota mais longa e simples. Tente dar direções com muitas mudanças para a esquerda e direita que o viajante certamente terminará perdido. Talvez devido a nossos cérebros se negarem a trabalhar com muita complexidade, os humanos preferem as rotas mais fáceis àquelas que são labirínticas (HAMER, 1999).

Desta maneira, existem vias que estão mais rasas<sup>25</sup> ou mais profundas<sup>26</sup> no sistema, podendo acessar mais ou menos facilmente as demais vias. A profundidade diz respeito à quantidade de mudanças de direção – quantidade de eixos que se tem que percorrer – para chegar a um determinado local do sistema.

O sistema de espaços abertos pode ser descrito de diversas maneiras, aqui sendo

<sup>24</sup> Considera as conexões existentes entre os elementos de um sistema, formando uma rede.

<sup>25</sup> Superficiais, com menor mudanças de direção para acessar estes espaços e acessibilidade topológica maior aos demais espaços do sistema (espaços mais integrados).

<sup>26</sup> Espaços mais difíceis de acessar pelos demais espaços/vias do sistema, que exigem um maior número de mudanças de direção para acessar os demais espaços do sistema (espaços mais segregados).

abordado em termos de espaços axiais, que buscam ler o movimento de pessoas e veículos, que tendem a usar espaços lineares. As vias são lidas pela representação axial como retas que se conectam criando um sistema: os mapas axiais. Estes são processados em aplicativos específicos<sup>27</sup>. A técnica de investigação utilizada na representação axial “descreve o sistema contínuo de espaços abertos criado por ilhas de construções urbanas como um grupo de linhas de visibilidade e acessibilidade, formalmente representadas como linhas axiais” (FIGUEIREDO & AMORIM, 2004, p.2). A ilustração do centro financeiro e histórico de Londres “*City of London*”, mostra tipos de abstração do espaço: a primeira imagem ilustra o sistema de espaços abertos, seguido pelo mapa axial da mesma área (figura 7).

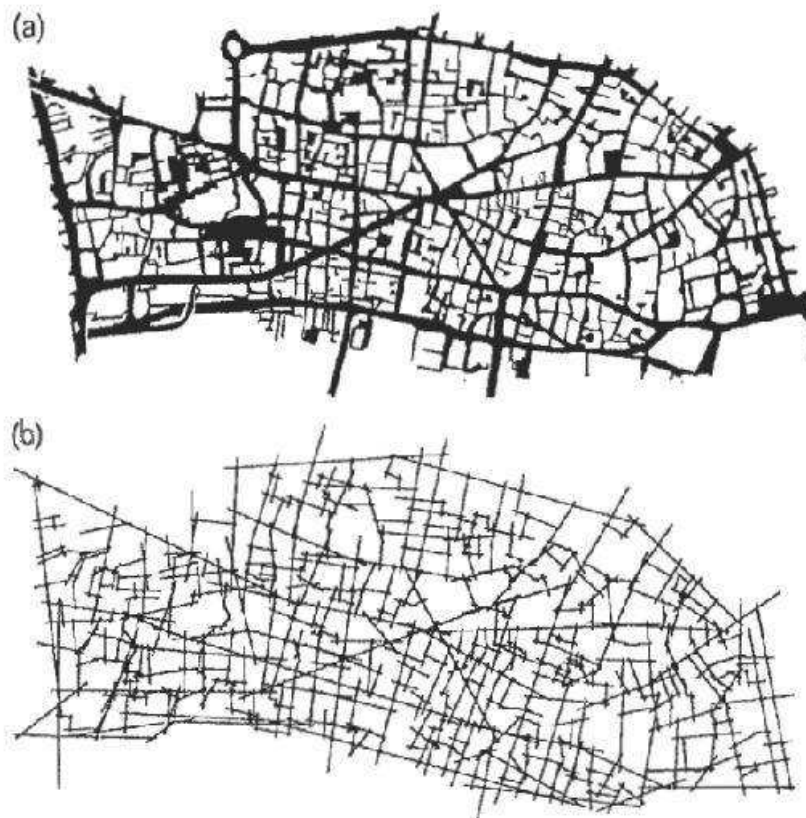


Figura 7: Ilustrações de abstrações do espaço na "City" de Londres: a) espaços públicos; b) mapa axial desses espaços. Fonte: HILLIER, 1996, p. 117.

Os mapas axiais são um tipo de decomposição do sistema de espaços abertos dos assentamentos através da inserção do “menor número de linhas retas que passam através de todos os espaços convexos e fazem todas as ligações axiais.”<sup>28</sup> (HILLIER & HANSON, 1984, p.

<sup>27</sup> Como, por exemplo: o UCL *Depthmap* (do University College London: <http://www.spacesyntax.org>) e o *Mindwalk* (desenvolvido por Lucas Figueiredo: <http://mindwalk.com.br> (este último desenvolve também os mapas de continuidade)

<sup>28</sup> Do original em inglês: “the least set of such straight lines which passes through each convex space and

92). Os mapas axiais calculam a acessibilidade topológica da trama existente e criam categorias quantificáveis. Estas medidas tem uma correspondência com o movimento real, mas outras variáveis costumam também interferir no processo.

As categorias calculadas pelos aplicativos também representam a escala numérica numa escala cromática: em azul os espaços mais segregados e em vermelho os mais integrados (Figura 9). Dentre os atributos calculados temos:

- **Conectividade:** Propriedade local da linha, indica a quantidade de conexões de um eixo com outros eixos do sistema, ver ilustração da figura 8.

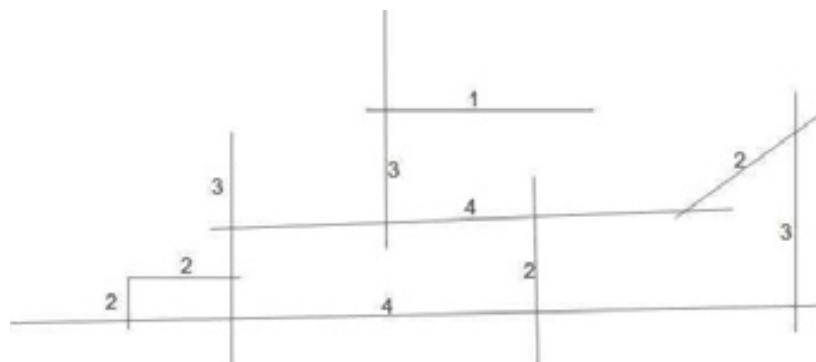


Figura 8: Quantidade de conexões dos eixos de um sistema.

- **Profundidade média:** relação média de todas as profundidades de uma entidade com relação ao sistema, englobando todas as suas conexões. Cada mudança de direção constitui um nível de profundidade.
- **Choice (escolha):** Medida dinâmica global do fluxo (circulação) atravessando um espaço. Um espaço tem um forte valor de escolha quando serve de ligação entre espaços diferentes. Análise usada para prever o trânsito de carros, enfatizando vias que são escolhidas para fazer a conexão entre grupos de malha do sistema.
- **Integração:** Propriedade global da linha (eixo), relacionando-a com o sistema global. Na literatura (HOLANDA, 2002) termos como “raso” e “simétrico” são encontrados como sinônimos de “integrado”, que é tido como o potencial de acessibilidade topológica. O cálculo para o sistema inteiro é chamado Integração global ( $R_n$ ). Outros níveis de integração podem ser encontrados calculando a acessibilidade topológica com menos níveis de profundidade. Na maioria dos estudos o  $R_3$  corresponde ao nível de integração local,

---

makes all axial links.”

calculando a acessibilidade potencial em três níveis de profundidade, esta medida é utilizada para análise do sistema em escala menor, da vizinhança. A medida de integração é calculada pela quantificação da conectividade de cada linha com a qualificação de quão rasa ou profunda ela é em relação ao sistema inteiro ( $R_n$ ) ou em relação a três níveis de profundidade ( $R_3$ ). Outras escalas de integração podem ser utilizadas dependendo da abordagem do estudo.

– Núcleo de Integração: conjunto de vias mais integradas do sistema, que tendem a corresponder (ao menos em parte) ao centro ativo do local. Isto se dá nas cidades “orgânicas”, aonde as configurações urbanas têm padrões espaciais que promovem o estabelecimento de determinadas funções: “(...) a distribuição de integração no mapa axial define um 'núcleo de integração' que gera não só um padrão de movimento como uma distribuição de usos da terra tais como lojas e residências que sejam sensíveis ao movimento”<sup>29</sup> Hillier (2006, p. 187).



Figura 9: Integração  $R(n)$  da 'City' de Londres. Fonte: HILLIER, 1996

Holanda (2002) contrapõe o paradigma da Formalidade ao da Urbanidade (corresponde à separação de Hillier em cidades simbólicas e instrumentais). A urbanidade se refere à cidade enquanto realidade física, como uma configuração que se estabeleceu com menor grau de ordenamento, como Hillier se refere às “cidades orgânicas”. A formalidade se refere a cidades com determinadas funções simbólicas, que foram concebidas para tal e têm mecanismos de controle. Nessas cidades o comércio ou determinados tipos de função nem sempre se localizam em locais mais rasos mais integrados do sistema, outras funções podem

<sup>29</sup> Do original em inglês: “the distribution of integration in the axial map defines a 'integration' core which generates not only a movement pattern but also a distribution of land uses such as shops and residences which are sensitive to movement.”

se localizar nos espaços com maior acessibilidade topológica. Holanda denomina esses espaços de espaços de exceção, citando o exemplo de Brasília que tem nos espaços mais integrados a funções políticas e administrativas.

Cada um dos atributos lidos no mapa axial pode ser analisado para o sistema inteiro, para um determinado grupo ou mesmo para um eixo, mostrando a localização e o papel de cada entidade no conjunto apresentado. Qualquer modificação influencia os atributos nas demais linhas e no sistema em geral, corroborando a noção de *estrutura* de Bastide como um conjunto de partes associadas.

A ASE permite uma análise quantitativa do espaço, levando em conta algumas limitações dos mapas axiais, como (FIGUEIREDO & AMORIM, 2004, p. 3 e 4): 1) grau de subjetividade no modelo (qualquer variação pode afetar o resultado da análise); 2) quebra de caminhos sinuosos; 3) geração de linhas longas (são linhas de movimento, mas não de visibilidade); 4) grau de generalização aplicada à cartografia. Os mapas de continuidade e de segmento foram criados como reconhecimento de algumas dessas limitações.

Os mapas de continuidade tendem a ler o desempenho em uma escala urbana maior, principalmente a dos automotores: nesta escala a visibilidade de um eixo (marcando também a possibilidade de copresença de pessoas) não é o preponderante, mas o movimento, de maneira que eixos com pequenas mudanças de direção são lidas na cidade como um único eixo. Este tipo de representação e análise é particularmente eficiente em sistemas com grande efeito agregador. O sistema une linhas que tenham uma pequena mudança de direção, tornando-as um único eixo. De acordo com a escala e o sistema, estabelece-se um ângulo máximo para a união de linhas, recomendando-se que este ângulo máximo não deve ultrapassar 30° e, numa segunda conexão 45° (ângulo de continuidade).

Os mapas de segmentos também são uma variação do mapa axial, que leva em consideração os cruzamentos entre eixos e os segmentos entre estes cruzamentos, permitindo ler a variação do desempenho em uma mesma via. Estes mapas tendem a uma interpretação do sistema em uma escala menor.

A configuração dialoga com outros fatores poderosos para o funcionamento das cidades, como os “magnetos”, que são elementos, como, edifícios, centros comerciais, que, a despeito de uma possível posição não privilegiada em termos de integração na trama urbana, são polos atratores de fluxo e movimentos (MEDEIROS, 2006, p. 126). Os magnetos

podem também ser áreas turísticas ou pontos de relevância paisagística e ambiental que tem um grande poder de atratividade, chamando vários usuários e puxando movimento, mesmo que não apresentem integração relevante.

De acordo com a análise da configuração urbana de diversas cidades no mundo e, especificamente, no Brasil, Valério Medeiros (2006) chegou a ideia da composição de uma “colcha de retalhos” em diversas cidades, principalmente nas de grande porte. Holanda (2010) fala sobre a fragmentação como um dos traços mais marcantes das cidades brasileiras. Segundo ele “Fragmentação dá-se: 1) por um tecido urbano contínuo, porém caracterizado por frações cujas malhas têm diversas configurações ou 2) por um tecido urbano descontínuo no qual, à diversidade configuracional das partes somam-se os vazios a separá-los.” (HOLANDA, 2010, p. 48).

Mitchell (2001) realiza uma análise complementar sobre a mudança da relação das pessoas com o espaço urbano na era da globalização, fazendo um paralelo de que na era digital, locais que tem como atributo apenas a sua infraestrutura se tornam substituíveis e menos atrativos, uma vez que o mundo digital pode providenciar boa parte desses serviços. Com o desenvolvimento do transporte aéreo, da comunicação e do comércio via internet, o espaço é percorrido com mais facilidade em um tempo cada vez mais curto.

Ele desenvolve este argumento com duas ilustrações da sociedade atual, uma (*Swarmcity*) na qual as interconexões são mediadas pela internet, as pessoas se dirigem a locais e se comunicam sobre as direções pela internet e telecomunicações, reduzindo custos de interação, e outra (*Vatville*) imagina as pessoas plugadas ao mundo digital, acessando vários locais do sistema com seu envoltório mudando pouco, reduz os custos de movimento. A cidade é lida por diferentes tipos de custos: fixos, de interação e de movimento. Como o cenário digital reduz os custos de interação e de movimento, os custos fixos se tornam cada vez mais dominantes. A vingança do lugar é a seguinte: ao mesmo tempo em que vários lugares se tornam facilmente substituíveis, outros locais que tem como oferta uma paisagem e atributos naturais não transportáveis vão aumentando sua importância. Quanto menos pudermos substituir as qualidades de um lugar, mais atraente e mais caro ele será. O que acontece no cenário atual é uma mudança da natureza da importância do espaço, em que atributos naturais e intransportáveis ganham destaque.

Áreas com características únicas ganham uma força de atração cada vez maior, no

plano do bairro, da cidade, do país e do mundo. As imagens de certos lugares são veiculadas com maior intensidade e procuradas com uma grande força. O crescimento do turismo no mundo é uma prova deste fenômeno. Em escala local, o turismo (ver próximo capítulo) é uma amostra desse fenômeno, dando especial importância no Nordeste Brasileiro para o litoral (aonde o clima também se mostra uma qualidade).

## **Percepção Ambiental**

A amplitude das temáticas pesquisadas na área de Arquitetura e Urbanismo têm feito com que os trabalhos realizados recorram cada vez mais a campos de conhecimento correlatos, sobretudo às Ciências Sociais. Entre os campos que dela estão se aproximando temos a Psicologia Ambiental que, de acordo com Moser (1998), volta-se para o estudo da reciprocidade entre pessoa e ambiente ( $P \leftrightarrow A$ ), baseando-se no entendimento de que os indivíduos agem sobre o ambiente, modificando-o, e esse ambiente, por seu turno, influencia as condutas humanas.

A psicologia ambiental estuda o homem em seu contexto físico e social. Busca suas inter-relações com o ambiente, atribuindo importância às percepções, atitudes, avaliações ou representações ambientais, ao mesmo tempo considerando os comportamentos associados a elas. A psicologia Ambiental se interessa pelos efeitos das condições do ambiente sobre os comportamentos individuais tanto quanto como o indivíduo percebe e atua em seu entorno. (PINHEIRO, GÜNTHER e GUZZO, 2004, p. 7)

Ao reforçar a importância da percepção ambiental para a compreensão das inter-relações entre o homem e o meio ambiente, tal argumento justifica a realização de estudos que, como o desenvolvido nesta dissertação, visam compreender o ambiente construído e as modificações realizadas pela população ou necessárias para ela.

De acordo com Hochberg (1973) as primeiras investigações sobre a percepção objetivavam o entendimento de fenômenos físicos e biológicos a fim de explicá-los, no entanto essa compreensão alterou-se a partir dos estudos da Gestalt e da fenomenologia. No campo da Psicologia, as pesquisas relacionadas à percepção têm envolvido desde suas bases neurofisiológicas até sua influência no comportamento das pessoas (Kandel, Schwartz & Jessel, 1997), ressaltando seu papel como elemento fundamental para a aprendizagem e para o comportamento sócio espacial humano. Na Arquitetura e Urbanismo, por sua vez, os

trabalhos que envolvem a percepção voltam-se para a aplicabilidade prática das informações coletadas, utilizadas para subsidiar projetos específicos ou fomentar o planejamento.

Em livro que reúne experiências e estudos brasileiros no campo perceptivo, Vicente del Rio e Livia Oliveira (1996, p. X) definem percepção ambiental como “processo mental mediante o qual, a partir do interesse e da necessidade, estruturamos e organizamos nossa interface com a realidade e o mundo, selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significado”. No mesmo volume, Del Rio explicita que a percepção pressupõe a “interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos.” (DEL RIO, 1996, p.3) e apresenta um resumo gráfico para compreensão didática deste processo (figura 10).

Discutindo essa mesma sequência didática no âmbito do Circuito Psicológico da Informação Ambiental, Pinheiro (1998) ressalta que, embora seja adequado representá-lo linearmente, sua leitura não deve ser linear, pois não há necessariamente uma ordem fixa nos processos e esquemas perceptivos, sendo possível a definição de diferentes sequências. Além disso, é importante ressaltar que, partindo da captação (pelos sentidos) das informações do contexto, várias outras capacidades humanas exercem parte ativa na construção perceptiva da realidade, influenciando na conduta humana, entre os quais Ittelson (1978) destaca as relações afetivas, o significado/valor da experiência para a pessoa, e o objetivo do indivíduo naquela situação específica.

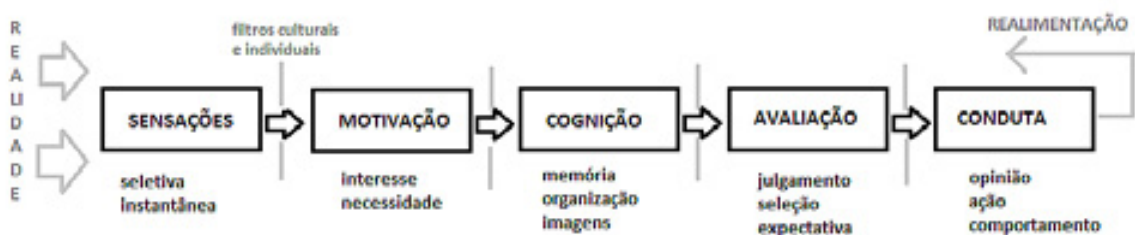


Figura 10: Esquema teórico do processo seletivo. Fonte: RIO & OLIVEIRA, 1996, p. 3, trabalhado pela autora;

Reforçando esse argumento, Garcia Mira (1997) destaca que os estudos sobre percepção ambiental devem explorar ao máximo os elementos que participam do contexto vivenciado pelas pessoas, desde a forma e o arranjo espacial, até sons, cheiros e significados individuais ou grupais. Para o autor, somente a partir do entendimento desse conjunto de informações é possível compreender o comportamento humano em relação ao entorno. Por exemplo, um local que tem um cheiro desagradável, como um mangue, pode adquirir uma

conotação negativa por parte da população, que tende a evitá-lo. Por outro lado, para uma comunidade de pescadores de caranguejo, aquele mesmo lugar e seu cheiro podem significar trabalho. Já uma terceira pessoa, que tenha morado naquele local quando criança, pode associar os cheiros e imagens locais às sensações e memórias das brincadeiras da infância.

Por sua vez, Tuan (1980 e 1983) explicita que, ao intermediar o contato da pessoa com o mundo no qual está inserida, a percepção fundamenta o comportamento cotidiano. A partir desse entendimento, é possível inferir a importância do processo perceptivo na definição de outros conceitos que fazem parte do âmbito de estudo da psicologia ambiental, tais como territorialidade, pertencimento, privacidade, aglomeração, condições ambientais, valores ambientais, etc. De acordo com Bomfim (2010) os estudos baseados em tais conceitos estão diluídos por vários temas entre os quais os mais difundidos (geralmente trabalhados de maneira integrada) são: apego ao lugar (*place attachment*), apropriação do espaço, identidade de Lugar e identidade social urbana. Como alguns destes assuntos se encaixam no foco de estudo dessa dissertação, os selecionamos para serem discutidos a seguir, em função de sua relevância para a discussão do papel das barracas da Praia do Futuro para seus usuários e da importância daquela área para a cidade.

Ao usar um espaço as pessoas tendem a estabelecer relações de afetividade com ele, o que, no entanto, depende do local e da situação vivenciada. Assim, a afetividade na cidade pode ser entendida pela implicação do habitante com a mesma sem estar subjugado a ela. A cidade é o lugar dos encontros e nesta ação o usuário estabelece relações de identidade com o espaço, ao se firmar como parte da comunidade.

O entrelaçamento entre espaço da cidade e subjetividade, onde possam acontecer os bons encontros parte, então, tanto do direito à igualdade como do direito às diferenças, ou mesmo a possibilidade de encontrar o espaço íntimo entre pares e sentir-se identificado também no espaço que é público, com a coletividade. (BOMFIM, 2010, p.67)

Discorrendo sobre os elos afetivos pessoa ambiente, Tuan (1983) diferencia os conceitos de espaço e lugar, considerando o primeiro como o ambiente físico desprovido de experiências pessoais, e o segundo como aquele local imbuído de referências pessoais, de apego e relevância cultural. Transformar um espaço em lugar é atribuir a ele determinados valores, processo no qual a experiência e o tempo assumem papel fundamental.

O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (...) Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (TUAN, 1983, p.6)

Como um desdobramento do conceito de lugar, o autor desenvolveu o termo topofilia (Tuan, 1980)<sup>30</sup>, que corresponde à “importância emocional que os espaços geográficos são capazes de assumir na experiência humana que os transforma em lugares” (GIULLIANNI, 2004, p. 4). Ainda como um desdobramento desse termo Amorim (1996) identifica outros como: topofobia (conduz à noção de “Paisagem do medo” - TUAN, 1979), topocídio (desenvolvida por Porteous como sendo a aniquilação deliberada de lugares - AMORIM, 1996), geopiedade e lugares valorizados.

Giuliani (2004) apresenta um histórico da abordagem dos laços afetivos (ou de apego) associados a lugares (em inglês se utiliza o termo *place attachment*), explora as percepções, as atitudes e os valores envolvidos nas relações com o meio ambiente. A autora define três tipos de processos que podem resultar num sentimento de apego: i) avaliação positiva da qualidade do local ante as necessidades do indivíduo; ii) significado que o lugar tem para a identidade da pessoa (simbólico); iii) período de residência e familiaridade.

O conceito de *territorialidade*<sup>31</sup> encontra-se estreitamente relacionado com o de *privacidade* (figura 11). A privacidade pode ser interpretada como um processo dialético, sendo tanto uma maneira de evitar a interação não desejada, quanto a busca da interação desejada (VALERA & VIDAL, 2009), o espaço pode se diferenciar em função do grau de privacidade que pode oferecer, dividindo-se em espaços privados, semiprivados ou semipúblicos e públicos.

Citando estudos de Altman, Valera & Vidal (2009, p.129) definem a territorialidade como: “um padrão de conduta associada com a posse ou ocupação de um lugar ou área geográfica por parte de um indivíduo ou grupo, que implica a personalização e a defesa contra invasões”<sup>32</sup>. De acordo com esses autores, a *territorialidade* funciona como um

<sup>30</sup> Relacionando-se ao conceito de topofilia temos também o de *Apropriação* de POL (1996), responsável por transformar espaços em lugares significativos para o sujeito ou para o coletivo, pela transformação ativa ou pela identificação. É crescente o reconhecimento da importância dos conceitos de afetividade e de apropriação na discussão das relações pessoa-ambiente, auxiliando em como estas inter-relações se dão.

<sup>31</sup> Neste caso temos uma relação bidirecional porque, se nossos comportamentos de uso e ocupação acontecem em espaços específicos, diferenciando-os, inversamente, nosso comportamento também é influenciado por essas áreas especiais do ambiente.

<sup>32</sup> Do original em espanhol: “es un patrón de conducta asociado con la posesión u ocupación de un lugar o

mecanismo para conseguir o grau de *privacidade* desejada (mesmo não sendo o único mecanismo) e é influenciada por fatores: i) pessoais (idade, gênero, personalidade), ii) situacionais (tanto do entorno físico como social) e iii) culturais.

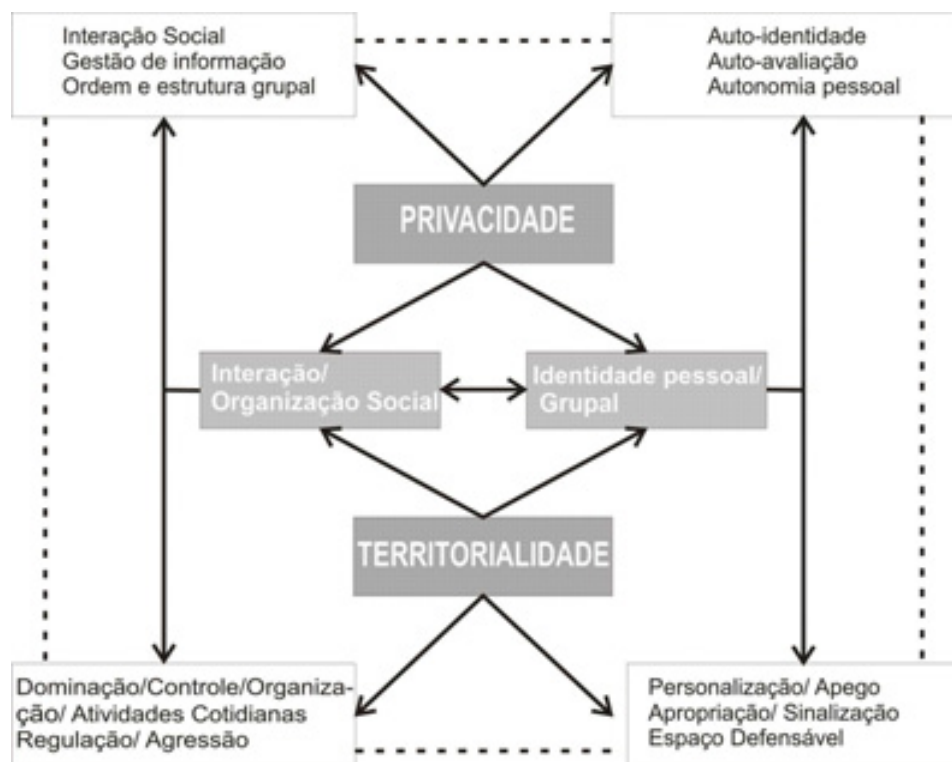


Figura 11: Funções associadas à privacidade e à territorialidade. Fonte: VALERA & VIDAL, 2009, p. 132, trabalhado pela autora;

A territorialidade é uma importante organizadora do comportamento e da vida humana, considerando parâmetros como: “tempo de ocupação do local, sentimento relativo a ele, propriedade e exclusividade do seu uso (conforme as regras da cultura em questão).” (ELALI & PINHEIRO, 1998, p. 4). Diversos grupos podem ter relações de territorialidade com um mesmo local ou com diferentes locais, reconhecendo-se neles e estabelecendo com eles uma noção de identidade. “Existe, pois, uma conduta territorial, na qual o indivíduo constrói a si mesmo como identidade na relação com o espaço, transformando-o e sendo transformado por ele, atribuindo-lhe um significado e deixando a sua marca.” (BOMFIM, 2010, p. 75). Esta conduta pode ser observada por vários enfoques como a antropologia, a geografia humana, a sociologia urbana, a psicologia ambiental, etc.

---

área geográfica por parte de un individuo o grupo, que implican la personalización y la defensa contra invasiones.”

No estudo da percepção ambiental com foco na Arquitetura e Urbanismo um dos precursores foi Lynch<sup>33</sup>, estudando como as pessoas organizam informações sobre o meio urbano quando transitam por ele, tendo como foco as cidades norte-americanas de Los Angeles, Boston e Jersey City. Segundo o autor, para se locomover na cidade as pessoas criam mapas mentais, os quais são elaborados com base em cinco elementos norteadores: Vias, Limites, Setores, Pontos nodais e Marcos.

Admitindo que os atributos ambientais influenciam o processo perceptivo da população, os estudos de Lynch procuram responder a ideais qualitativos como legibilidade e imaginabilidade. A importância espacial da *legibilidade* evidencia-se quando consideramos os ambientes nas escalas urbanas de dimensão, tempo e complexidade, influenciando decisivamente o processo de orientação dos indivíduos. Por sua vez, a *imageabilidade* diz respeito ao poder de um objeto evocar uma imagem forte em qualquer observador.

Além disso, a imagem ambiental pode ser decomposta em três componentes: Estrutura, identidade e significado.

As imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente. Este último sugere especificidades e relações, e o observador – com grande capacidade de adaptação e à luz de seus próprios objetivos – seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê. (LYNCH, 1997, p. 7).

Entretanto, embora a percepção seja individual, há uma tendência de grupos convergirem para um relativo consenso quanto à imagem de um lugar, na medida em que são identificadas características em comum, lidas pelas pessoas de acordo com as informações proporcionadas pela cidade.

Mais recentemente, a literatura (Bomfim, 2008, 2010; Elali & Pinheiro, 2008) na área passou a demonstrar que os aspectos de legibilidade e cognição devem ser complementados por uma compreensão dos afetos criados na relação pessoa-ambiente, se inter-relacionando. Assim, territorialidade pode ter relação com o sentido de espaço pessoal e ao apego a um local, de maneira que um local que marca a identidade de determinado grupo é objeto do seu afeto, e entendido como território por esse grupo, que passa a defendê-lo e apropriar-se dele, personalizando-o.

Refletindo sobre a crise da cidade acentuada na era da globalização, a afetividade tem

---

<sup>33</sup> A principal obra de Kevin Lynch é o livro “The image of the city”, publicado pela primeira vez na década de 1960, em português em 1982 “A imagem da cidade”, e no Brasil foi em 1997 (editora Martins Fontes).

sido considerada um instrumento para a transformação das cidades, servindo como motivação individual para a participação social. Sob esse ponto de vista, a afetividade e a memória coletiva têm que ser consideradas para uma participação cidadã, com aspectos que entrelaçam episódios da nossa vida (nas esferas semipúblicas, semiprivadas, íntimas e privadas), de maneira a priorizar a dimensão social da cidade e a qualidade da vida urbana.

Esses temas remetem à sustentabilidade e à questão ambiental da cidade. Hoje em dia certos atributos da cidade – principalmente os com apelo visual - são veiculados com força incorporando uma maior qualidade a esses lugares, ajudando a firmar uma imagem ambiental da população.

Porém essa sensação de conforto e bem-estar que determinados ambientes transmitem aos seus usuários, proporcionando-lhes condições agradáveis de trabalho, lazer ou repouso é, em muitos casos, o aspecto mais visível/perceptível e valorizado da questão, sobretudo quando se trata de *marketing* territorial para atrair clientelas específicas. É a imagem ambiental que aparece em primeiro plano e a ela se associa um determinado padrão de vida, de uso, de apropriação. Afinal, em tempos ditos pós-modernos e de concorrência acirrada, inclusive entre as cidades, os recursos imagéticos, com fortes apelos visuais, estão em alta. (VELOSO & ELALI, 2006, p. 20).

Nesse contexto, nas cidades atuais o lazer proporciona um determinado padrão de uso e de qualidade de vida, reforçando a importância dos atributos naturais e de suas imagens veiculadas pela mídia.

Estudos têm abordado os cenários naturais como particularmente importantes para este descanso e recuperação, funcionando mesmo quando as pessoas não estão no ambiente (enquanto paisagem) ou quando elas passam um curto período de tempo nele. Para lidarem com a fadiga, problemas de atenção e irritabilidade, as pessoas precisam de descanso e recuperação, portanto os ambientes restauradores são essenciais à qualidade de vida das pessoas. “Benefícios de restauração são mais fáceis de ocorrer quando uma pessoa pode se sentir segura o bastante para baixar a guarda, quando o indivíduo pode se sentir absorvido no ambiente sem se sentir vulnerável<sup>34</sup>” (KAPLAN, KAPLAN & RYAN, 1998, p. 68).

De acordo com esses autores, alguns padrões dos ambientes restauradores são: 1) Evocar uma calma fascinação (lugares naturais têm essa qualidade); 2) Vagueando em espaços pequenos (espaços com um sentido de extensão no tempo e espaço, constituindo

---

<sup>34</sup> Do original em inglês: “Restorative benefits are more likely to occur when one can feel secure enough to let down one's guard, when one can become absorbed in the environment without feeling vulnerable.”

um mundo diferente); 3) Separação da distração (cercos fechados/separados para reflexão); 4) Madeira, pedra e velho (materiais podem aumentar o efeito restaurador); 5) A vista da janela (estrutura da paisagem).

Estas reflexões (de qualidade de vida e ambientes restauradores) reforçam Mitchell (2001), ao referir-se à importância de lugares com qualidades únicas, como os cenários de lazer na cidade e o recurso imagético de apelo ao turista que representam. Em muitas situações, os locais de recreação dos habitantes de uma cidade nos seus momentos de folga podem ou não coincidir com os dos turistas, assim como as atividades realizadas nesse período de folga. Em artigo sobre esse tema, Hongenn e Huyton (1996) apontam os conflitos e diferenças existentes entre o lazer e o turismo em duas cidades chinesas, focando a importância de se equilibrar tais aspectos a fim de tornar estes espaços mais sustentáveis.

Tendo como base esse entendimento, para analisar a percepção ambiental dos usuários de barracas de praia com estruturas diferenciadas, é essencial complementar o estudo da configuração espacial com a compreensão do perfil dos usuários, as afetividades criadas e o papel atribuído às barracas pela população. Nessa dissertação tal perspectiva permitirá o entendimento da importância (local e turística) das barracas no contexto urbano de Fortaleza, considerando-as uma especialização de lazer que ocorreu naquela área.

O próximo tópico apresenta textos que exploram a complementaridade entre a análise espacial e a vivência dos usuários de um local, como maneira de compreender a relação bidirecional entre a pessoa e o ambiente, ou seja, que os espaços influenciam os comportamentos humanos e, por sua vez, influenciam a configuração deste espaço.

### **Do “configurado” ao “vivido”**

O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social. A *praxis*, ingrediente fundamental da transformação da natureza humana, é um dado socioeconômico, mas é também tributária dos imperativos espaciais. (SANTOS, 2008, p.34)

A complementaridade entre o “espaço configurado” e o “espaço vivido”, tem sido discutida em artigos apresentados em simpósios internacionais de Sintaxe Espacial e nos encontros bienais da *Environmental Design Research Association* (EDRA). De acordo com

Perdikogianni (2005)<sup>35</sup> esse paralelo remete à complementaridade entre estudos que tem como foco principal a noção de espaço e lugar. Nesta dissertação se concentra na Lógica Social do Espaço e na Percepção Ambiental (descritos nos tópicos anteriores). Ambos estudam relações existentes entre espaço e comportamento, mas atribuem pesos diferentes aos assuntos, desempenhando análises de naturezas diferentes: quantitativa e qualitativa.

A justaposição das análises de: i) Forma Uso (Lógica Social do espaço) e ii) Percepção Ambiental (Psicologia Ambiental) se dá pois a primeira parte do geral para o particular e a segunda do particular para o geral. Relacionam-se a: i) como as formas são concebidas; ii) como as figuras são percebidas. Este paralelo remete à: 1) Análise parte do ambiente, incorporando aspectos sociais intrínsecos na configuração espacial (espaço); 2) Análise parte do indivíduo, analisando o espaço experienciado, vivido (lugar). A análise urbana mais completa admite as duas concepções como complementares.

Na Lógica Social do Espaço (LSE) o espaço é lido como o espaço configurado, por meio da análise inteligível do espaço: ele traz em si informações intrínsecas da sociedade. O ambiente urbano é analisado visto como um objeto (HILLIER & HANSON, 1984, HILLIER, 2007), incorporando na sua abordagem o aspecto experiencial. Para estes autores, a “imagem da cidade” evoca propriedades inerentes no espaço “configurado”. A inteligibilidade provém de quão previsível é uma estrutura global da cidade baseada em suas propriedades locais (e vice-versa).

As cidades são espaços policêntricos, característica que faz delas lugares nos quais se “vale a pena viver”, e são formados a partir de dimensões físicas, sociais e econômicas. As sociedades humanas usam o espaço para se organizarem: o espaço “habitado” é o espaço “configurado” (PERDIKOIANNI, 2006). Ao lidar com a divisão filosófica entre espaço e “lugar”, a vizinhança é entendida como uma maneira de definir uma identidade urbana.

Na percepção ambiental (referindo-se principalmente à afetividade e legibilidade) o espaço é entendido como o ambiente vivenciado, uma análise que soma características físicas, com a experiência (afeto e vivência). Lynch aborda a legibilidade da cidade através de como os observadores e moradores leem a cidade e a dividem cognitivamente em elementos

---

<sup>35</sup> Baseado no artigo de Irini Perdikogianni: “*From space to place: the role of space and experience in the construction of place.*” Alguns trabalhos que abordam o assunto são apresentados nos Simpósios Internacionais de Sintaxe Espacial com participação de Young Ook Kim, “The effect of depth and distance in spatial cognition”(2007), “Influences of Spatial Configuration Learning on Spatial Behavior”(2009).

(vias, limites, bairros, marcos e nódulos), associando à legibilidade um “senso de lugar”. Quando existe legibilidade e experiência com o espaço, relações de afeto e identidade são mais facilmente criadas, transformando-o em lugar (TUAN, 1983).

Essa complementaridade também pode ser vista em outras reflexões, como Santos (2008) ao abordar a indissociabilidade da noção de espaço e de sociedade na formação social de um dado momento histórico, indicando as relações existentes entre o espaço global e o espaço local, “os lugares são condição e suporte de relações globais que, sem eles (os lugares), não se realizariam, e o número é muito grande.” (SANTOS, 2008, p. 156).

Nesta reflexão se pode ter uma aproximação das consequências das mudanças operadas na leitura do espaço pela revolução tecnológica com o desenvolvimento dos transportes (escala global, formas concebidas), em que alguns lugares ganham uma importância ainda maior, e constituem um incremento na economia com o desenvolvimento do turismo, enfatizando a importância de lugares que já têm forte vocação para o lazer local.

A praia enquanto espaço de uso revela aspectos interessantes acerca da apropriação do espaço (TUAN, 1983), abordando aspectos perceptivos (KAPLAN, KAPLAN & RYAN, 1998), de permeabilidade e de estrutura sintática. Falando sobre espaços naturais e as estruturas que os complementam, Holanda mostra essa complementaridade entre a visão sintática e comportamental ao falar da arquitetura como uma humanização particular do espaço:

Para deixar claro, sugiro que os sítios naturais contêm “estruturas profundas” tanto quanto o espaço artificial, e os primeiros podem também satisfazer expectativas humanas arquitetônicas de vários tipos (climáticas, comportamentais, simbólicas, etc.). Uma praia torna-se espaço arquitetônico – isto é, um espaço com o qual o homem estabelece uma certa família de relações – a partir do momento em que ela não é apenas um lugar no qual tartarugas põem seus ovos, mas um lugar utilizado por pessoas, presentes na praia, ou simplesmente observando-a de um ponto distante. Uma praia pode ser considerada sob vários aspectos: 1) sua ordem visual (por exemplo, quanto a ser uma paisagem mais ou menos “poderosa”, para usar os termos de Lynch – função simbólica); 2) os obstáculos que pedras ou outros elementos naturais impõem ao movimento das pessoas (sua “estrutura sintática”, para usar os termos de Hillier – função comportamental; 3) ou ainda o clima (função climática). (HOLANDA, 2002, p.72)

## CAP. 3 - Procedimentos Metodológicos

---

A arena de oposição entre o mercado – que singulariza – e a sociedade civil – que generaliza – é o território, em suas diversas dimensões e escalas.

Por enquanto, o lugar – não importa sua dimensão – é a sede dessa resistência da sociedade civil, mas nada impede que aprendamos as formas de estender essa resistência às escalas mais altas. Para isso, é indispensável insistir na necessidade de conhecimento sistemático da realidade, mediante o tratamento analítico desse seu aspecto fundamental que é o território (o território usado, o uso do território). Antes, é essencial rever a realidade de dentro, isto é, interrogar a sua própria constituição neste momento histórico. (SANTOS, 2008, p.143)

Este capítulo retoma o objetivo geral da dissertação: compreender relações entre forma – urbana (inserção na área) e edílicia (tipologia) – das Barracas da Praia do Futuro e padrões de uso dos estabelecimentos. Busca-se esclarecer os procedimentos utilizados para a análise desta pesquisa, a fim de verificar paralelos entre os atributos encontrados, identificar o grau de desenvolvimento das barracas a partir de um núcleo central e repercussões desses espaços nos grupos de usuários.

No esforço de entender a espacialização de uma das principais áreas de lazer da cidade e da importância das barracas para os usuários optamos por uma metodologia que abrangesse a territorialização de um fenômeno social, lendo-o na escala urbana – do bairro e da cidade – e na escala edílicia, ou seja, como o fenômeno social e urbano se reflete nas edificações das barracas, a partir de determinadas categorias. O fenômeno social é estudado, abordando os usos e percepções diferenciados ao longo da faixa da Praia do Futuro.

Assim, foram definidos três focos de estudo/análise: i) localização na malha urbana, compreendendo a sua configuração<sup>36</sup> espacial; ii) tipologia das barracas de praia (a partir de três categorias estabelecidas); iii) relevância social, ou seja, a importância das barracas de praia para seus usuários.

Os procedimentos analíticos têm como abordagens complementares: i) a Lógica Social do Espaço – LSE (com as ferramentas da Análise Sintática do Espaço); ii) a definição da tipologia das barracas a partir da delimitação de categorias de análise; iii) a percepção ambiental, visando compreender os usos pela observação e aplicação de questionários.

Cada grupo de análise tem fases que se inter-relacionam, como observação,

---

<sup>36</sup> A configuração aqui abordada se refere principalmente à topológica (ver item: “Lógica Social do Espaço”, no capítulo teórico).

quantificação e representação, retroalimentando as informações em cada grupo de análise (Figura 12). Este tripé corresponde às questões de pesquisa sobre as barracas da Praia do Futuro levantadas no capítulo introdutório, como: i) o papel que desempenham no uso de lazer na área; ii) as razões do seu contínuo desenvolvimento e as diferenciações criadas a partir daí; iii) como as variações entre as barracas ajudam a alcançar um público mais diversificado;. Assim, a questão de pesquisa e os procedimentos metodológicos se baseiam numa investigação sobre relações entre configuração, tipo e usos).

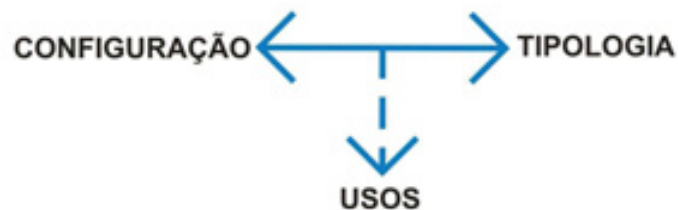


Figura 12: Base analítica das barracas da Praia do Futuro.

## Configuração Espacial

Visto as barracas da Praia do Futuro ocuparem aproximadamente seis quilômetros da costa de Fortaleza, este fenômeno pode ser lido em escala urbana, analisado pelos mapas axiais. Como primeira fase de análise se estabeleceu a leitura da configuração espacial (Lógica Social do Espaço) e, em menor grau a geográfica, criando subgrupos de barracas.

Esta fase da análise se baseia na compreensão do sistema a partir dos mapas axiais em duas escalas:

- (i) global: Inserção da Praia do Futuro na estrutura de Fortaleza. Análise do fluxo e dinâmica da cidade, a inserção da área nesse contexto, identificando principais acessos à área. O mapa axial<sup>37</sup> foi complementado nesta pesquisa, incorporando mudanças na área de estudo (escala local). Além do mapa axial o mapa de continuidade também foi analisado.
- (ii) local: Praia do Futuro<sup>38</sup>: A escala local permite aferir a hierarquia espacial

<sup>37</sup> Criado por Valério Medeiros (2006) e atualizado por Fernanda Linard de Paula (2010).

<sup>38</sup> Para efeito de análise, já que as barracas ocupam os espaços abaixo do bairro do Serviluz (próximo ao Porto do Mucuripe) até o rio Cocó (no Caça e Pesca), a área da Praia do Futuro analisada engloba os bairros: Praia do Futuro I, Praia do Futuro II e a porção leste dos bairros: Vicente Pinzon e Cais do Porto.

interna à área e localizar as barracas de praia neste contexto, delimitando grupos de acordo com a acessibilidade topológica.

Esta análise abordou as mudanças dos tipos e usos das barracas de praia com as localizações no sistema – identificando a acessibilidade topológica da malha – de maneira a fazer um paralelo entre forma e uso (teoria do movimento natural e renovação dos espaços).

As vias traçadas em escala local (Praia do Futuro) foram as asfaltadas (qualquer dimensão) e as vias de barro/paralelepípedo que tivessem um leito de, no mínimo, 8 metros (permite um trânsito veicular nos dois sentidos). Este procedimento excluiu vias que – pelas dimensões reduzidas e/ou pouca infraestrutura – não representam um fluxo significativo para a nossa escala de análise, tendo importância apenas em nível muito local, sem constituírem acessos relevantes para as barracas.

Nesta fase se estabeleceram dois grupos de barracas de acordo com a acessibilidade topológica do mapa axial da área (ver capítulo de análise): i) integradas: subdivididas em norte (mais integradas) e sul (menos integradas); ii) segregadas: subdivididas nos extremos norte e sul, além de um subgrupo na faixa central (ver capítulo de análise).

## Tipologia

Esta fase remete à criação de categorias de análise edilícia das barracas de praia e o rebatimento com a configuração espacial, identificando tendências no padrão tipológico dos grupos estabelecidos na fase anterior. As entidades criadas para esta análise foram: porte, paisagismo, programa (Quadro 1).

PORTE	PAISAGISMO	PROGRAMA
Quantidade de Quiosques fixos <sup>39</sup>	- Ausente - Simples - Elaborado	- Ausência de piscina - Presença de piscina (s)

Quadro 1: Correlação das categorias formadoras da tipologia das barracas de praia.

A quantidade de quiosques fixos é uma aproximação da capacidade de clientes em

<sup>39</sup> Também chamadas de barraquinhas, são estruturas de apoio, quase sempre composto por um pilar central de tronco de carnaúba e coberta de carnaúba, (às vezes podem ser estruturas com 2 ou 3 pilares de madeiras com seção retangular, mais fina, com coberta ora em lona, ora em palhas de carnaúba). A estrutura com pilar central compõe uma coberta com aproximadamente 2,50 metros de diâmetro. Essas estruturas se localizam na faixa de praia (entre a estrutura central da barraca de praia e o mar), fornecendo abrigo do sol a um grupo de usuários, composta por uma ou algumas mesas.

cada barraca, pois, embora não correspondam a um valor absoluto (número exato de clientes), indica níveis distintos de expectativa de clientela das barracas de praia, já que todas também têm área de mesas junto à estrutura principal<sup>40</sup>. Ressalte-se que as maiores barracas também dispõem de quiosques móveis, e que os espaços para mesas na estrutura principal aumentam ou diminuem de acordo com o porte da barraca. Além de se mostrar proporcional à capacidade das estruturas, os quiosques fixos também representam a ocupação mais visível em termos do espaço usado na faixa de praia.

Quanto ao porte, a classificação foi dividida em quatro categorias visando capturar grupos com diferenças significativas entre elas. A divisão dos grupos foi baseada no método *Jenks Optimal*<sup>41</sup>, que parte de uma distribuição estatística. Este método busca diminuir os efeitos de borda entre os grupos e encontrar uma maior uniformidade entre eles.

Dentro do campo de estudo desse modelo de classificação otimizada [no sentido que minimizam ou maximizam determinada medida de performance], o esquema de classificação otimizada define o valor do custo para cada classe como a variação interna. Ao minimizar este valor para todos os grupos, a classificação minimiza a variação total interna do grupo de modo que a maior parte da variação possível é “explicada” o máximo possível.<sup>42</sup>(CROMLEY & MROZINSKI, p. 78 Fonte: [mapcontext.com/.../an-evaluation-of-classification-schemes-based-on-the-statistical.pdf](http://mapcontext.com/.../an-evaluation-of-classification-schemes-based-on-the-statistical.pdf), acesso em junho, 2010)

A classificação busca delimitar grupos de unidades de áreas contíguas, com quebras menores dentro do grupo, enquanto que os limites separando os grupos correspondem a quebras maiores na superfície (CROMLEY & MROZINSKI). Por exemplo, se separarmos um conjunto de pessoas com idades entre 1 e 20 anos em quatro grupos, no entanto elas se concentram em determinadas idades, a divisão em quatro grupos pelo método Jenks não deverá resultar em grupos com intervalos iguais, como: 1 – 5, 6 – 10, 11 – 15 e 16 – 20 anos. As separações englobará concentrações das idades, como: 0 – 3, 4 – 6, 7 – 16 e 17 – 20, no caso delas se concentrarem entre mais novos (principalmente) e mais velhos, com poucos casos entre sete e 16 anos.

---

<sup>40</sup> Edificação próxima ao calçadão aonde se localizam: a administração, cozinha, banheiros e área de mesas.

<sup>41</sup> O método foi inicialmente publicado no livro de George Jenks, de 1977. o método também é intitulado: “*Optimal Data Classification for Choropleth Maps*”: São mapas temáticos com áreas sombreadas ou padronizadas proporcionalmente a medidas de variação estatística em exibição no mapa. Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/Choropleth\\_map](http://en.wikipedia.org/wiki/Choropleth_map), acesso em junho de 2010.

<sup>42</sup>Do original em inglês: “Within the framework of this generic optimal classification model, the Jenks1 optimal classification scheme defines the cost value for each class as the within class variation. By minimizing this value over all groups, the classification minimizes the total within group variation so that as much of the overall variation is “explained” by the classification as much as possible.”

Desta maneira, os grupos estabelecidos de acordo com os quiosques (capacidades) das barracas foram<sup>43</sup>: 1) pequeno: Até 42 quiosques fixos; 2) médio: de 43 à 84 quiosques fixos; 3) grande: 85 a 151 quiosques fixos e 4) mega: mais que 152 quiosques fixos. Exemplos podem ser vistos na figura 13. Essas diferenças mostram variações significativas e mais recorrentes de capacidade de público e espaço de ocupação das estruturas.



Figura 13: Barracas nos grupos de porte: 1) O Assis (pequeno); 2) Vila Galé (médio); 3) A Jangada (grande); 4) Itapariká (mega). Fonte: Google Earth, acesso em fevereiro 2011, modificado pela autora.

A categoria Paisagismo refere-se ao nível de tratamento dos espaços, correspondendo à criação de novos cenários. Quanto mais elaborado e denso o paisagismo menor a permeabilidade – visual e física – do calçadão à praia e ao mar, ou seja, os espaços se tornam mais introvertidos. O nível de tratamento foi dividido em três grupos (figura 14):

- (i) A ausência de paisagismo é notada quando não há grama ao redor da estrutura central da barraca, podendo haver plantas, mas desorganizadas.
- (ii) O paisagismo simples diz respeito a um gramado ao redor da barraca, com algumas plantas e árvores, sem ter uma grande densidade de vegetação,

<sup>43</sup> Rodados pelo programa Open JUMP GIS: Sistema de geo referenciamento de informações escrito na linguagem java, disponível em: <http://www.openjump.org/>

permitindo algum acesso visual pelas barracas.

- (iii) O paisagismo elaborado (rebuscado, complexo), é atribuído a espaços com gramados, plantas e árvores em grande densidade na maioria da área ocupada pelas barracas. Esses espaços ainda com outros artifícios, como: fontes, lagos artificiais e programação visual requintada.



**Figura 14:** Barracas com o tratamento paisagístico: - **Ausente:** 1) Zé da Praia; 2) O Assis; - **Simples:** 3) A Jangada; 4) Porto Beach; - **Rebuscado:** 5) América do Sol; 6) Itapariká.

A existência de piscinas denota um grande impacto na ocupação, com uma função e programa mais elaborado, pois muitos desses locais agregam à piscina parques aquáticos e *playgrounds*, impactando nas atividades desempenhadas na faixa de praia.

As categorias abordam aspectos complementares das edificações, devendo ser lidos em conjunto para as barracas de praia. Nem sempre a maior quantidade de quiosques corresponde a um paisagismo mais complexo e/ou a presença de piscinas, e vice-versa, mesmo que algumas barracas mais simples tenham um pequeno porte, isso pode não significar ausência de paisagismo ou de piscinas.

Geralmente as barracas com piscinas e tratamento paisagístico elaborado também tem um programa maior, contando com *playgrounds* mais desenvolvidos, a presença de lojas e boutiques, restaurantes e serviços de lazer (como área de massagem, relaxamento). O programa sozinho não determina uma maior especialização, podendo ser identificado quando unido a um paisagismo mais elaborado, e vice-versa.

As estruturas com piscina e paisagismo complexo, por exemplo, tendem a criar novas paisagens e destoar da imagem natural, como um oásis, especializaram-se buscando um público diversificado, extrapolando a função de mero apoio ao uso do mar e da praia, tornando-se o cenário principal de uso.

Os atributos foram analisados para as 84 barracas de praia em funcionamento no período de análise (março a abril de 2010), que foram georreferenciados no programa OpenJump<sup>44</sup>. Essas informações foram rebatidas com a configuração espacial da malha urbana da área, caracterizando os grupos criados (ver tabela 5, capítulo 5).

## Percepção e Usos

Existem três maneiras de analisar o comportamento humano no contexto das ciências sociais empíricas: “(1) observar o comportamento que ocorre naturalmente no âmbito real; (2) criar situações artificiais e observar o comportamento ante tarefas definidas para essas situações; (3) perguntar para as pessoas sobre o que fazem (fizeram), pensam (pensaram).” (GÜNTHER, 2008, p. 105). Cada uma dessas possibilidades de pesquisa apresenta características, com vantagens e desvantagens.

Nesta fase de análise, o método utilizado mesclou a observação do comportamento em âmbito real e a aplicação de questionários (apêndice A). Para a realização dessas atividades foram escolhidas quatro barracas com características diferentes no que concerne a análise feita entre a configuração espacial e o tipo edifício, consideradas representativas dos conjuntos criados. Mesmo que não englobem todas as variações de público e subgrupos de acessibilidade topológica, exemplificam relevantes mudanças na Praia do Futuro. A opção por essa escolha relacionou-se ao limite de tempo disponível, e teve como meta manter o foco da análise.

A pesquisa se concentra na relação de afeto dos usuários e a imagem ambiental da Praia do Futuro. Investigou-se também o papel das barracas para os usuários, enfocando: assiduidade, tempo de permanência, atividades realizadas. Os perfis dos usuários (visitante, morador/ escolaridade/ fase de vida/ e se têm filhos) também foi abordado.

No que concernem os estudos perceptivos, a abordagem da imagem ambiental é

---

<sup>44</sup> Sistema de Georreferenciamento de fonte aberta escrito na linguagem de programação Java: <http://www.openjump.org/>

obtida relacionando a identidade e a legibilidade da área, questionando sobre a primeira coisa que vem à mente quando se pensa sobre a Praia do Futuro. Sobre o afeto, questionamos os motivos de uso da barraca escolhida, as qualidades positivas e negativas da área e a importância das barracas de praia para a cidade (apêndice A).

### **O recorte temporal**

Os questionários foram aplicados em uma época que não fosse o cume da alta estação, objetivando retratar eventos mais recorrentes no decorrer do ano. Procurou-se enfatizar os usuários mais assíduos, provavelmente os moradores da própria cidade, sem excluir a possibilidade dos visitantes, que podem privilegiar certos tipos de barracas e usos. Para tanto, o período de aplicação dos questionários foi agosto e setembro de 2010, em dias diferentes da semana (para abranger mudanças de uso e um universo maior de pesquisa).

### **As barracas estudadas**

Com o objetivo de explorar diferentes níveis de identificação e grupos de usuários nas barracas de praia, foi escolhida uma barraca de cada grupo de porte, entre elas variando o paisagismo, o programa (ausência ou presença de piscina) e a localização na malha urbana (configuração espacial), de acordo com resultados colhidos nas fases anteriores de análise. As quatro barracas de praia selecionadas para aplicação dos questionários foram:

- TIO PEIXE: Faz parte do grupo das mais simples, segregadas situadas no extremo norte, próximas ao bairro Vicente Pinzon e é representativa desse grupo: tem porte pequeno (c24 quiosques<sup>45</sup>), ausência de piscina e paisagismo.
- VIRA VERÃO: Barraca Integrada Norte (mais integradas) localiza-se na grande faixa central da Praia do Futuro, ao norte da Praça 31 de Março. Tem porte grande (124 quiosques fixos), paisagismo simples e ausência de piscinas.
- ATLANTIDZ: Localizada entre as barracas menos integradas (ao sul da Praça 31 de Março), próximo ao prolongamento da Avenida Padre Antônio Tomás. Tem um porte médio (62 quiosques), um paisagismo elaborado e piscina (formando um pequeno parque aquático).
- CROCOBEACH: Uma das mega barracas (ver capítulo de análise). Está localizada

---

<sup>45</sup> Contagem aproximada dos quiosques fixos de acordo com a imagem do GoogleEarth em abril de 2010.

entre as barracas de praia Integradas Norte (mais integradas), ocupa um grande espaço da faixa de praia, tem palcos para shows, parque aquático, loja de conveniência, pertence ao maior porte (com 193 quiosques), com paisagismo elaborado e parque aquático.

### Os respondentes

Para a definição da quantidade de questionários aplicados em cada barraca se estimou uma população supondo uma média de quatro pessoas por quiosque fixo (chegando ao número de  $N$  para cada barraca de praia). Para o cálculo do tamanho da amostra utilizamos a amostragem casual simples (também chamada de amostra aleatória) com um nível de confiança de 95,5% ( $Z_{\alpha/2} = 2,00$ ), em que:

$$e^2 = (2)^2 \times 0,5 \times 0,5 / n, \text{ ou } e^2 = 1/n,$$

$$n = 1/e^2$$

Para estimar com uma população finita, utilizamos:

$$e^2 = 1/n \times (N - n)/N - 1, \text{ ou seja:}$$

$$n = \frac{N}{(e^2 (N - 1) + 1)}$$

Aonde:  $N$  = População estimada;  $n$  = número de amostras;  $e$  = margem de erro

Aplicando este cálculo com as populações estimadas das barracas, temos (tabela 1):

Amostra casual simples – nível de confiança 95,5%, margem de erro (e) = 15 %			ESTIMATIVA DE QUESTIONÁRIOS
BARRACA	População estimada (N)	0.15	
<b>Tio Peixe</b>	96	30.6	31
<b>Atlantidz</b>	248	37.82	38
<b>Vira-Verão</b>	496	40.87	41
<b>Crocobeach</b>	772	42.08	42
	Infinito	44.44	

Tabela 1: Estimativa da população e amostra das barracas.

### Aplicação

Os questionários foram aplicados em dias e horários variados nas barracas para apreender um universo de usos maior. Os turnos diurnos de aplicação foram nas datas (2010): 11 de agosto: Quarta-feira, feriado do dia dos estudantes; 15 de agosto: domingo; 19 de agosto: Quinta-feira. Alguns questionários foram aplicados na tradicional caranguejada

de quinta à noite, no dia 26 de agosto. Nos turnos diurnos de aplicação foram escolhidos horários com maior número de frequentadores na praia, entre 9h e 16 h (quadro 2). A barraca Tio Peixe seguiu um programa próprio de aplicação dos questionários. Não foi possível terminar os questionários nos mesmos dias das outras barracas por ter menos dias de funcionamento<sup>46</sup> e uma baixa quantidade de frequentadores com grande assiduidade. Além do pequeno público, parte dele se repetiu nos outros dias de visita, não havendo a quantidade de pessoas necessárias para aplicação dos questionários estimados para o dia, sendo preciso revisitá-la em mais dois fins de semana para completar os 31 questionários estimados para aquela barraca (quadro 2).

Nas quintas-feiras à noite a quantidade de questionários foi menor do que nos turnos diurnos de aplicação pois, apesar de já ser tradicional, trata-se de um evento semanal com poucas horas de duração e que não existe em todas as barracas de praia (como na Tio Peixe).

<b>Dia 11.08.2010</b> Quarta-feira, feriado dia do estudante	<b>Dia 15.08.2010</b> Domingo.	<b>Dia 19.08.2010</b> Quinta-Feira	<b>Dia</b> <b>21.08.2010</b> Sábado	<b>Noite</b> <b>26.08.2010</b> Quinta da caranguejada	<b>Dia –</b> <b>11.09.2010</b> Sábado	<b>Dia</b> <b>25.09.2010</b> Sábado
09:40 <sup>47</sup> - 10:40: Barraca Crocobeach. 10:50 – 11:50: Barraca Atlantidz 13:00 – 14:00: Barraca Vira Verão	09:40 – 10:40: Barraca Atlantidz 11:00 – 12:00: Barraca Tio Peixe 13:10 – 14:00: Barraca Crocobeach 14:10 – 15:10: Barraca Vira Verão	09:30 – 10:30: Barraca Vira Verão 10:40 – 11:30: Barraca Crocobeach 13:00 – 14:10: Barraca Atlantidz	10:00 – 11:30: Barraca Tio Peixe.	19:20 – 19:45: Barraca Atlantidz 19:55 – 20:20: Barraca Crocobeach 20:25 – 20:40: Barraca Vira- Verão	13:00 – 13:30: Barraca Tio Peixe.	13:30 – 14:00: Barraca Tio Peixe

Quadro 2: Cronograma de aplicação dos questionários.

No total foram aplicados 154 questionários, um questionário a mais do que o previsto nas barracas: Crocobeach e Vira Verão. Tal fato aconteceu pela distribuição dos questionários nos dias e ter sido aplicado com uma ajudante. Tal variação não prejudicou os resultados.

### **O instrumento de pesquisa**

Confeccionado após consulta a instrumentos utilizados em pesquisas semelhantes<sup>48</sup> e

<sup>46</sup> A Tio Peixe abre em poucos dias, principalmente no finais de semana (o dono disse no dia 11.08.2010 que a barraca abria de quinta-feira a domingo, mas na quinta-feira de visita (19.08.2010) a barraca estava fechada.

<sup>47</sup> Horários aproximados das visitas.

<sup>48</sup> Como os mapas afetivos de BOMFIM, 2008, 2010, os métodos de pesquisa em VELOSO & ELALI, 2006 e o texto de GÜNTHER, 2008, p. 105 -147 sobre a elaboração de questionários.

repensados a partir da realidade em estudo, o questionário tem 21 questões divididas em dois blocos: i) treze questões sobre a relação dos usuários com a Praia do Futuro, suas atividades, frequência e o uso da respectiva barraca de praia; ii) sete questões fechadas sobre o perfil socioeconômico (ver apêndice A).

A maioria das questões foi aberta devido à natureza do questionário. As perguntas fechadas se referiram à frequência dos usuários na Praia do Futuro e ao perfil socioeconômico dos respondentes. Os assuntos abordados seguiram esta ordem: i) questões gerais sobre a Praia do Futuro: a imagem ambiental, tempo de uso, frequência, aspectos positivos e negativos, atividades desempenhadas e o tempo que passa na praia; ii) questões sobre a(s) barraca(s) de praia que frequentam: quanto tempo passa na barraca, qual barraca costuma frequentar e o que atrai a este local, se já frequentou outra barraca e porque mudou; iii) questão aberta final com uma visão mais abrangente, sobre a importância das barracas da Praia do Futuro para Fortaleza; iv) questões socioeconômicas, abordando: gênero, idade, escolaridade, ter ou não filhos (e se moram juntos), cidade em que mora (e se em Fortaleza, qual o bairro).

Procurou-se fazer um questionário simples e abordagem direta para facilitar a aplicação e a obtenção de respostas claras, mantendo a atenção do respondente e tornando a sua tarefa mais fácil. Mesmo que fossem questionários, quando aplicados oferecemos<sup>49</sup> a escolha: se os respondentes queriam preencher os questionários ou se preferiam que nós redigíssemos as respostas. Como estavam em um momento de lazer (acabando de tomar banho, pegando sol, comendo e/ou bebendo), a maioria dos respondentes preferiu que redigíssemos as respostas.

### **Tabulação dos dados**

As questões fechadas foram numeradas e relacionadas no BrOffice Calc. As questões abertas foram transcritas separadamente, para em seguida receber códigos indicativos de sua natureza, comparando respostas com natureza semelhante. Ressalte-se que, para o estabelecimento da codificação a autora contou com a participação de duas outras pesquisadoras, também estudantes de pós-graduação, cuja função relacionou-se a garantia de um entendimento comum do material coletado. Assim, por exemplo, na questão sobre os

---

<sup>49</sup> Em cada turno de aplicação houve uma ajudante também aplicando questionários.

aspectos positivos – sobre o que mais gostam – da Praia do Futuro, respostas como: “Do mar” q1Cf<sup>50</sup>, “Mar, praia bonita” q25Vf, “A praia” q35Af e “A luz da lua sobre o mar” q138Cf receberam códigos semelhantes, de *natureza*. Ao passo que muitas respostas receberam mais que um código, englobando assuntos diferentes em uma mesma resposta, como: “A praia, areia, quiosque, atendimento” q122Vf, que recebeu os códigos: *natureza*, *estrutura* e *serviço* e “caranguejo, praia e o mar” q126Pm, com os códigos: *lazer de consumo* e *natureza*. De acordo com a natureza das respostas encontradas, os seguintes códigos foram criados:

- Lazer: Referência a atividades lúdicas. Este grupo foi subdividido em:
  - (i) Lazer Contemplativo: Ligado ao repouso, recreação. Respostas como: Pegar sol, tomar banho de mar, caminhar, relaxar, “desestressar”, dormir, etc.
  - (ii) Lazer Esportivo: Lazer ativo, em que o participante é receptor e emissor de estímulos, aqui se agrupam as atividades físicas, como: correr, jogar frescobol, nadar, surfar, esportes no mar, etc.
  - (iii) Lazer de Consumo: Atividades de recreação que incluem o consumo, entre beber, comer (nas barracas). As respostas incluem: Comer caranguejo, tomar cerveja, tomar água de coco, comer, etc.
  - (iv) Atividade Social: Faz referência a atividades lúdicas nas quais o foco é o social. Exemplos: Conversar, encontrar com amigos, ver pessoas bonitas, etc.
- Natureza: Respostas que abordam a paisagem natural. Por exemplo: praia, mar, natureza, vento, areia, etc.
- Sensação: Associada aos sentidos (sobretudo visão e audição) e a expressões como: praia convidativa, praia maravilhosa, beleza, tranquilidade, bom lugar, algo agradável, etc.
- Estrutura: Refere-se às estruturas das barracas de praia e/ou o que elas oferecem: barracas de praia, barraquinhas (quiosques), sombra, chuveiro, cadeiras, etc.
- Serviço: Atendimento nas barracas de praia e/ou atrativos oferecidos por ela (spa, restaurante). Nas respostas pôde ter uma conotação positiva ou negativa.
- Poluição: Efeito negativo no equilíbrio ambiental, de fonte sonora, visual, etc.
- Comércio: Citados nas respostas sobre aspectos negativos, faziam alusão ao

<sup>50</sup> Citações dos questionários indicam: q: questionário seguido do número (neste caso questionário n. 105, seguido pela sigla da barraca (C – Crocobeach; A – Atlantidz; P – Tio Peixe; V – Vira Verão), seguido pelo gênero: f – Feminino; m – Masculino.

comércio ambulante.

- Insegurança: Referência à violência, insegurança, perigo (a maioria das citações em respeito a aspectos negativos da área).
- Prostituição
- Propaganda: Anúncios diversos.
- Apreciação: Uma ideia, um conceito, um julgamento, uma opinião. Alguns exemplos das respostas incluídas neste código foram: “Porque gosto mais daqui” q18Vm, “Sem elas não dá pra ficar. Atrai” q117Vf e “É necessário por causa dos turistas. Fortaleza sem barracas é nada.” q128Pf. Nessa última resposta se inclui, além da *apreciação*, os códigos de *turismo* e *estrutura* (referência às barracas de praia).
- Questões territoriais: Abordam questões relativas à privatização e ocupação da praia, à desorganização da ocupação.
- Singularidade: Faz referência à particularidade das barracas, como um fenômeno único em Fortaleza.
- Turismo
- Econômico: Faz referência à economia que provém das barracas de praia, alimentação do turismo, geração de emprego, etc.

Os últimos quatro códigos foram referenciados apenas na última questão, sobre a importância das barracas da Praia do Futuro para Fortaleza. Dado o contexto da pergunta, cada uma reúne certos grupos de gêneros nas respostas, com assuntos se repetindo em outras questões, podendo ter naturezas mais ou menos variadas.

Após serem codificadas, as questões foram analisadas através do BrOffice Calc (mesmo programa usado para tabular e analisar as perguntas fechadas). Este procedimento permitiu relacionar informações sobre os usuários da Praia do Futuro no geral e em cada uma das barracas (ver capítulo de análise). A análise de diferentes aspectos trouxe respostas complementares na compreensão das relações entre pessoa e ambiente, tornando legível a diferenciação encontrada entre as barracas e como repercutem no público e na sua percepção.

## CAP. 4 - A Praia do Futuro em Fortaleza

---

### **No Ceará É Assim**

composição: Carlos Barroso. Interpretação: Raimundo Fagner Cândido Lopes

Eu só queria  
Que você fosse um dia  
Ver as praias bonitas do meu Ceará

Tenho certeza  
Que você gostaria  
Dos mares bravios  
Das praias de lá

onde o coqueiro  
Tem palma bem verde  
Balançando ao vento  
Pertinho do céu  
E lá nasceu a virgem do poema  
A linda Iracema dos lábios de mel

Oh! Quanta saudade  
Que eu tenho de lá  
Oh! Quanta saudade

A jangadinha vai no mar deslizando  
O pescador o peixe vai pescando  
O verde mar ...  
Que não tem fim  
No Ceará é assim

Fonte: <http://letras.terra.com.br/fagner/254928/>

Este capítulo objetiva situar o desenvolvimento da Praia do Futuro em paralelo com a dinâmica de crescimento de Fortaleza para o Leste e a utilização das praias para o lazer, permitindo delinear em linhas gerais o início de ocupação da área e caracterizar a sua configuração atual.

### **Fortaleza e o uso das praias**

A abertura de Fortaleza para o mar se iniciou com o porto, no período da cultura do algodão, cujo crescimento aconteceu a partir de 1850. Como capital do estado, incorporou regiões produtoras de algodão e construiu o sistema ferroviário ligando-a ao sertão. Nessa

época a cidade começou a crescer e obteve soberania entre as cidades cearenses, tornando-se ponto de drenagem de mercadorias (DANTAS, 2002), investindo em infraestrutura urbana, equipamentos e instituições, fruto de uma série de medidas de disciplinarização da capital (PONTE, 1993). Estas modificações caracterizaram Fortaleza como a *Capital do Sertão*, ponto de chegada dos emigrantes do sertão, que compuseram a elite local. A zona portuária influenciou os costumes locais, estabelecendo comunicação com a Europa, e na área da Praia Formosa (atual Praia de Iracema) provocou grande movimento de mercadorias e de pessoas.

As cidades brasileiras até o início do século XX eram viradas de costas para o mar, utilizando-as como esgoto a céu aberto e como porto. Com as práticas de higienização e lazer vindas da Europa, as praias receberam uma nova atenção como espaço de lazer, salubridade e saúde.

As praias de Fortaleza começaram a ser efetivamente utilizadas para as práticas de lazer, com os banhos de mar ganhando importância a partir da década de 1920, primeiramente na Praia Formosa e incorporando gradativamente outras orlas marítimas da cidade como espaço de recreação e lazer (DANTAS, 2002). O uso das praias em Fortaleza seguiu a dinâmica de expansão da cidade, o foco de uso para o lazer mudou da Praia de Iracema para a Praia do Meireles e a do Mucuripe (correspondendo à Av. Beira-Mar) e, finalmente, para a Praia do Futuro. Políticas urbanas (e a construção de calçadões) evidenciam estas práticas.

Com o reforço dos movimentos de ocupação das zonas de praia, nas décadas de 1940-1970, presenciou-se a valorização dos espaços litorâneos como espaços de habitação e lazer transformando as zonas de praia em espaços conflituais, marcado por duas lógicas: “uma representada pelos usos tradicionais (o porto, a pesca e a habitação dos pobres) e outra pelas novas práticas marítimas (os tratamentos terapêuticos, os banhos de mar, os veraneios...)” (DANTAS, 2002, p.57).

A partir dos anos 1970 entrou em cena uma cidade litorânea capaz de responder à demanda crescente por espaços de lazer, em concordância com o crescimento da cidade e do turismo. A especulação nesta área pode ser vista na retirada das barracas, com sua transferência como bares e restaurantes:

A ação do estado, reforçada pela Lei do Solo de 1979, enseja a substituição gradual das últimas residências de pescadores e da classe média, bem como dos pequenos restaurantes, por hotéis e arranha-céus luxuosos. A legislação, em virtude do

processo de verticalização que engendra, favorece o aumento do preço da terra e provoca a transferência dos bares e restaurantes para a outra margem da avenida, substituindo antigas barracas. (DANTAS, 2002, p. 66).

Pelos anos 1980 e 1990, Fortaleza se desenvolveu como uma cidade litorânea marítima, alimentando-se dos fluxos turísticos e de lazer, propiciou a predominância dos lugares de consumo sobre os de produção. A valorização do litoral nordestino em geral, com novas práticas marítimas, de vilegiatura<sup>51</sup>, juntamente com a crescente importância do cenário litorâneo com o aumento do turismo, associou ao mar propriedades terapêuticas e, paulatinamente, aumentou a importância do mar no cenário urbano (DANTAS, 2002). Além dos banhos de mar, os banhos de sol passaram a ter grande importância nos usos de lazer nas praias. Após os anos 1970, esse lazer extrapola a capital, com veranistas construindo residências secundárias em zonas de praia de outros municípios.

Da antiga *Capital do sertão*, criou-se a imagem de Fortaleza como a *Cidade do sol*: a terra do sol, dos coqueiros e das jangadas, correntemente empregada pela mídia, direcionada a um grupo específico: os consumidores de praia. Este tipo de política também fez parte de uma tendência em maior escala, de infraestrutura e foco no litoral nordestino, compondo a chamada “urbanização turística”, uma das especificidades desse estilo é tornar o Estado um empreendedor.

Podemos destacar que os remanescentes espaciais da cidade organizada segundo a lógica da produção agora são reinventados de acordo com a lógica do consumo e do lazer, através, principalmente, dos processos de intervenção na cidade existente, como nos centros históricos, nas antigas zonas portuárias e zonas industriais abandonadas, a fim de torná-los insumos para a atividade turística e pretexto para o desenvolvimento local. (PAIVA & DIÓGENES 2009, p.1)

O turismo de “sol e mar” ocupa um importante lugar no conjunto de políticas do estado (PAIVA & DIÓGENES, 2009). O “Governo das Mudanças” (denominado o governo a partir de 1987, quando da posse do governador Tasso Jereissati) desenvolveu programas de incentivo ao turismo (como a construção do novo aeroporto internacional Pinto Martins, em 1999), sendo o PRODETUR-NE (Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste) o maior expoente em âmbito regional. Algumas das estratégias dessas políticas são:

organização, desenvolvimento e promoção do turismo através de uma articulação entre governo e iniciativa privada; instalação de infra-estrutura de base e de infra-estrutura turística adaptadas às potencialidades regionais; formação profissional dos recursos humanos ligados ao setor (turismo); descentralização da gestão

---

<sup>51</sup> Temporada que se passa para descansar dos trabalhos habituais, a banhos, no campo ou viajando.

turística com o fortalecimento dos organismos estatais, a municipalização do turismo e a terceirização das atividades para o setor privado.(DANTAS 2003, p.56 apud PAIVA & DIÓGENES, 2009)

As estratégias devem ser levadas em consideração na construção dos espaços litorâneos, a contar principalmente na terceirização das atividades para o setor privado, havendo uma maior liberdade de ação deste setor no território urbano.

No Ceará, a relação entre o homem e o litoral se desdobra em função de três dinâmicas: a primeira resulta de uma estratégia colonial de ocupação do espaço (séculos XVII e XVIII); a segunda deriva do movimento de abertura do Ceará ao mercado internacional, possibilitando o acesso da elite Fortalezense à cultura Européia, o que alimenta um movimento de frequência às praias (final do século XIX – início do século XX); a terceira mais recente, orienta a valorização das zonas de praia como mercadoria turística. (CAMPOS 2003 apud Abreu 2005, p.61, 62)

Contextualizamos o surgimento e o desenvolvimento da Praia do Futuro enquanto espaço de lazer da cidade na terceira dinâmica da relação do homem e o litoral em Fortaleza, que orienta a valorização das praias como mercadoria turística. A área ganhou importância como praia urbana de fácil acesso, com atributos naturais e infraestrutura de lazer (a contar principalmente as barracas de praia). O crescimento da área – inserido na dinâmica de orientação da praia como mercadoria turística – será explanada para compreender seu crescimento no decorrer dos anos e as mudanças de uso e configuração.

## **A Praia do Futuro e a dinâmica intra urbana de Fortaleza**

Considerando o crescimento da cidade, fatores econômicos, naturais e sociais, a Praia do Futuro<sup>52</sup> representa uma nova centralidade de lazer em Fortaleza. Tal processo e caracterização serão contemplados neste capítulo, para compreender, em linhas gerais, o surgimento e a situação atual das barracas de praia. Neste tópico fazemos um paralelo da localização da Praia do Futuro com o contexto teórico apresentado sobre a dinâmica intra urbana, no capítulo 2.

A Praia do Futuro se apresenta com potencial de expansão urbana, pelo padrão e direção de crescimento da cidade, e por não ser plenamente urbanizada (muitos solos livres).

---

<sup>52</sup> Para efeito de análise, visto as barracas de praia ocuparem os espaços abaixo do bairro do Serviluz (proximidades do Porto do Mucuripe) até a Foz do rio Cocó, a área analisada englobará os bairros: Praia do Futuro I, Praia do Futuro II e a porção leste dos bairros do Vicente Pinzón e do Cais do Porto (ver mapa 2).

[...] Aproveito a oportunidade para uma explicação. A denominação Praia do Futuro foi dada por mim, quando editoralista do Correio do Ceará. Mas o que eu queria dizer é que aquela era a praia do nosso futuro urbano, e não dar um nome definitivo a ela, sem sentido, aliás, para ser um nome próprio, pra ter caráter toponímico. Mas o nome pegou e ficou [...] (ARARIPE, 1995 apud ABREU, 2005, p.1)

A urbanização da cidade de Fortaleza se iniciou ao redor do Forte de Schoonenberg no século XVIII. Os primeiros planos urbanísticos (de Silva Paulet em 1812 e de Adolfo Herbster em 1875) organizaram a cidade em um traçado ortogonal, tentando disciplinar a expansão de Fortaleza. A construção de uma cidade policêntrica ocorreu entre os anos 1940 e 1970, promovida pelo Porto do Mucuripe (construída para substituir o antigo porto da “Ponte Metálica”, na Praia de Iracema). O desembarque de mercadorias e passageiros, apesar da precariedade do equipamento, foi transferido para o Porto do Mucuripe desde 1946, e foi inaugurado oficialmente em 1953 (as obras ainda continuaram depois da inauguração). “A obra proposta consistia na dragagem da bacia hidrográfica, na construção do aterro, armazéns, linhas férreas, instalação de luz, abertura de avenida, que ligaria Fortaleza ao Mucuripe.” (JUCÁ, 2003, p.130). Esta avenida é hoje em dia o prolongamento da Avenida Monsenhor Tabosa e seu prolongamento é o acesso mais antigo à Praia do Futuro.

A compreensão da expansão do centro a partir da ideia de setores de círculo<sup>53</sup>, através do esquema de Capasso (2007), permite um entendimento da expansão e padrões de desenvolvimento em Fortaleza. A figura 15 mostra o bairro da Aldeota como principal sub centro, em consolidação neste esquema, mas por outros autores – como Diógenes (2007) – já consolidado, e evidencia um crescimento da camada mais rica da população e da infraestrutura da cidade em direção ao leste da cidade polarizando os bairros ao seu redor (figuras 15 e 16). O esquema apresenta como eixo de distribuição a Avenida Santos Dumont, que alcança a Avenida Dioguinho, na Praia do Futuro.

A ocupação da Aldeota começou na década de 1930, mas foi apenas na década de 1970 que efetivamente sofreu maiores mudanças, sob a vigência de novas leis de uso e ocupação do solo (DIÓGENES, 2007). Desenvolveu-se como área residencial nobre da cidade e hoje em dia constitui um forte sub centro.

“A formação de novas áreas de centralidade é fenômeno que tem surgido ultimamente nas grandes metrópoles brasileiras, coincidindo com a crise geral das zonas centrais das cidades, que se manifesta pela perda progressiva de atração

---

<sup>53</sup> Desenvolvido primeiramente por Hoyt, posteriormente desenvolvido com base nas metrópoles brasileiras por Villaça (2001), ver capítulo teórico.

como área de interesse e importância para os habitantes” (DIÓGENES, 2007, p. 30).

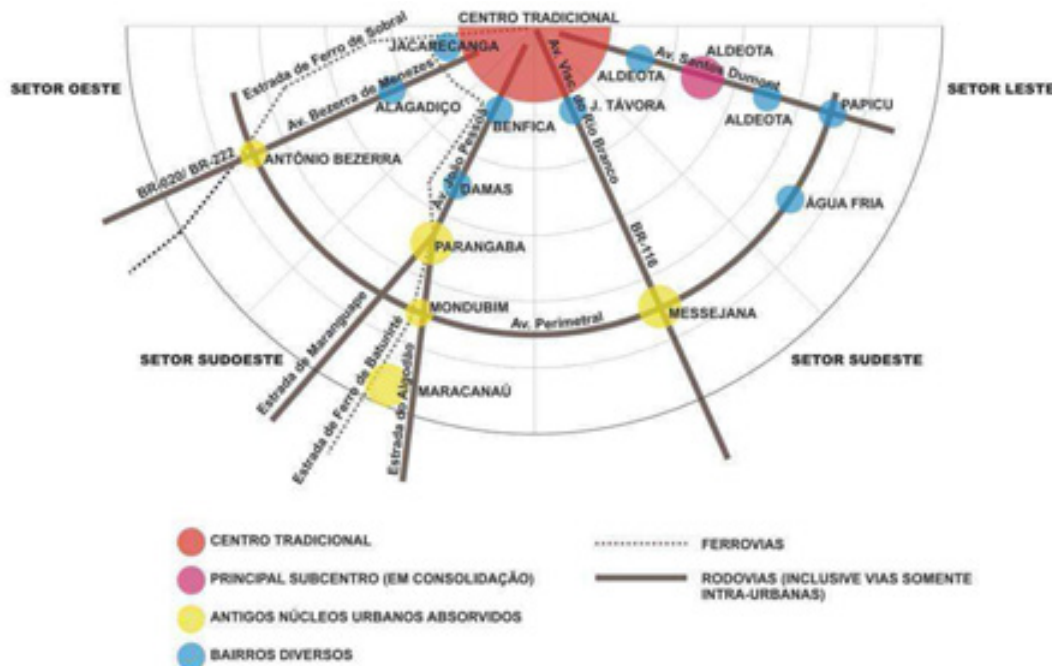


Figura 15: Esquema de expansão de Fortaleza (modelo de Hoyt). Fonte: CAPASSO, 2007, p.6;

A expansão espacial de Fortaleza pode ser compreendida pelo modelo de Hoyt como indo em direção ao leste e sudeste da cidade de Fortaleza e tem como foco o bairro da Aldeota, um forte sub centro e área comercial e residencial das classes nobres da cidade (DIÓGENES, 2007). Os bairros ao seu redor (como o Cocó, Papicu, Varjota, Meireles e Dionísio Torres) foram polarizados por este bairro e também são áreas de expansão da cidade.

Existem indícios de maior especulação na área, como: (i) A construção da ponte ligando o da Praia do Futuro (na foz do rio Cocó, próximo à área conhecida como o Caça e Pesca) à região da Sabiaguaba, um equipamento facilitador do desenvolvimento da área ao criar maior acessibilidade; (ii) a construção de edifícios multifamiliares horizontais e verticais.

Pode-se observar uma tendência em consolidação na área de valorização, apesar da maresia que limitou o ritmo do seu progresso (ver próximo tópico). Iniciativas privadas, por meio de empreendimentos imobiliários e iniciativas públicas (vias e infraestrutura), aumentam a acessibilidade à área e comprovam esta afirmação. Esta análise enfatiza a Praia do Futuro como foco de atenção, pela potencialidade da área sofrer renovações num futuro próximo e já ter sofrido algumas, como a construção de condomínios residenciais e o contínuo crescimento e desenvolvimento das próprias barracas.

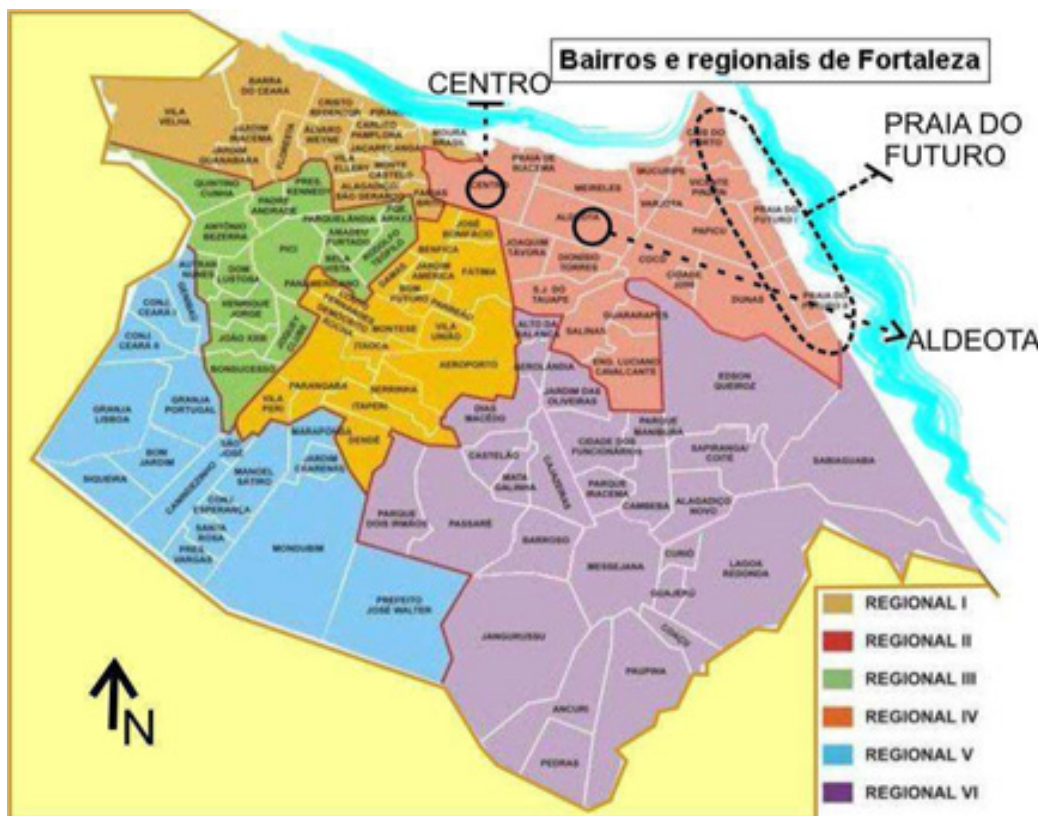


Figura 16: Mapa dos bairros e regionais de Fortaleza. Fonte: [www.wikimedia.org](http://www.wikimedia.org), acesso em nov. 2009, modificado pela autora;

A Praia do Futuro se localiza no eixo de expansão da cidade. Por não ser plenamente ocupada e ter atributos naturais (como a extensa faixa de praia), apresenta-se como uma nova centralidade de lazer da cidade, sendo uma das principais áreas de lazer da cidade, com grande movimentação em determinadas épocas e horários do ano. Uma consideração das fases de ocupação da área ajudam a delinear a construção deste perfil.

### Ocupação da Praia do Futuro

Partindo da dinâmica de formação do espaço da Praia do Futuro<sup>54</sup> e a sua vocação como espaço de lazer para os fortalezenses, duas fases da ocupação da Praia do Futuro serão traçadas em seguida: (i) 1960-1995, com o início da ocupação da área até mudanças operadas com a implantação de PRODETUR-NE (na sua fase II); (ii) 1995 até os dias atuais, após com o desenvolvimento das barracas de praia e turismo.

<sup>54</sup>Para efeito de análise, visto as barracas de Praia ocuparem os espaços logo abaixo do bairro do Serviluz (nas proximidades do Porto do Mucuripe) até a área do Caça e Pesca), a área analisada engloba os bairros: Praia do Futuro I, Praia do Futuro II e a porção leste dos bairros do Vicente Pinzón e do Cais do Porto (Ver Ilustração 1).

### Fase 1: A Praia do Futuro entre 1950 – 1995

O uso das praias urbanas em Fortaleza seguiu a dinâmica de expansão da cidade em direção ao leste, incentivado pela construção do Porto do Mucuripe, inaugurado em 1953. A Praia do Futuro nesta época ainda não era ocupada (figura 17).

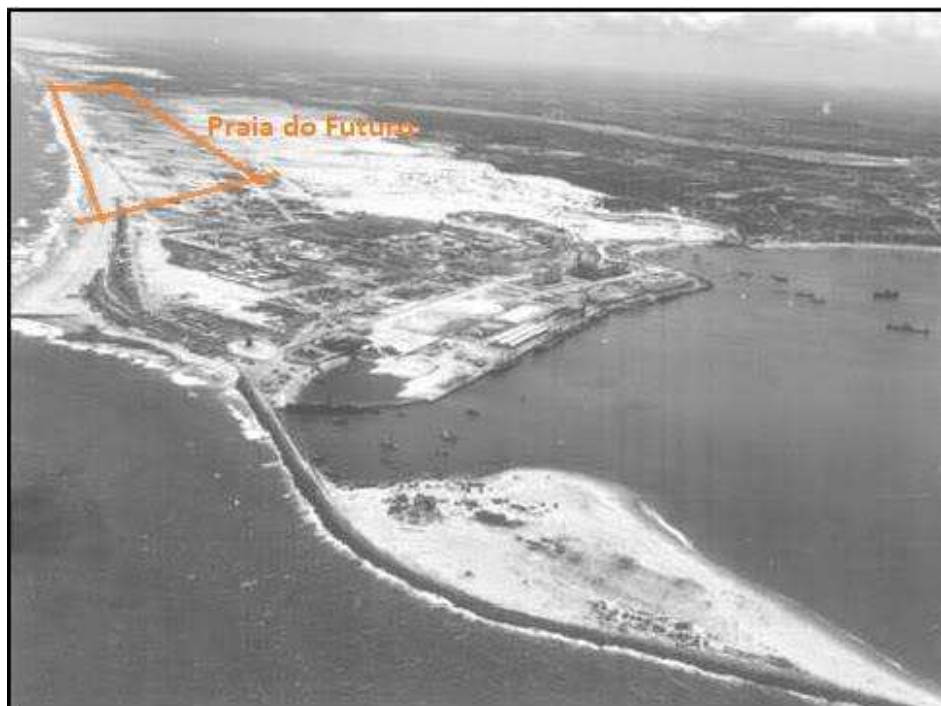


Figura 17: Imagem aérea do Porto do Mucuripe e Praia do Futuro na década de 1960, do arquivo Nirez. Modificado pela autora. Fonte: [www.skyscrapercity.com](http://www.skyscrapercity.com), acesso em 22 de abril de 2010;

As terras provinham de um loteamento criado em 1950 pela imobiliária Antônio Diogo, com comprimento de 7 quilômetros por 600 metros de largura. Cada quadra dos 12 lotes tinha uma extensão de 20 metros de frente por 40 metros de fundo (JUCÁ, 2003, p. 134). Levou o nome oficial de Praia Antônio Diogo, mas não foi adotado pela população da cidade, sendo chamada de Praia do Futuro até os dias atuais.

Em virtude do aumento do número de frequentadores, acreditava-se que poderia se transformar numa “Copacabana” cearense. Uma matéria do jornal intitulada *A avenida do Futuro*, se referia à necessidade de iluminação e alargamento da Avenida Dioguinho e mostra o início do uso de lazer no local:

Hoje, os “Chez Pierre, os Drive-in Bar, os Sombra Amena”, vão povoando de cumeeiras leves ou portáteis o antigo deserto de dunas e ventos fortes. Praticamente, os banhos de mar de Fortaleza se mudaram com armas e bagagens para o lado do velho farol. Por que não iluminar a Praia do Futuro? A municipalidade deve acompanhar o povo, criando-lhe novas áreas de respiração. (jornal O Povo, de 22 de abril de 1968, apud SILVA, 2006, p. 87)

Outra notícia mostra a preocupação com o ordenamento da ocupação que se iniciava na área. A notícia referia-se a Hélio Modesto, urbanista contratado pela prefeitura de Fortaleza entre os anos 1962 e 1963, quando elaborou o Plano Diretor de Fortaleza.

Por fim, O Sr. Hélio Modesto referiu-se ao crescimento que a cidade vem experimentando para o Leste, com o aumento da edificação na zona da Praia do Futuro. Asseverou que o crescimento naquele sentido era esperado, mas é indispensável que as autoridades municipais cuidem de discipliná-lo para que Fortaleza não venha a ser prejudicada. [...] Considera que a Praia do Futuro tem grandes possibilidades turísticas, mas entende que se deve prioritariamente estabelecer uma orla residencial com todas as condições de habitabilidade e que impeça a desumanização e os problemas decorrentes de uma ocupação desordenada. (jornal O Povo, 20 de outubro de 1968, apud ABREU, 2005, p. 92, 93)

A Praia do Futuro ganhou lugar definitivo para o lazer da população fortalezense após 1976, com a extensão da Avenida Santos Dumont até a área, que permitiu o acesso da Cidade 2000 (construído na década de 1970) à praia. Iniciou-se uma acelerada especulação imobiliária com grandes loteamentos (muitas vezes clandestinos), aterros de riachos, desmonte de dunas, e a expulsão de contingentes de baixa renda para a periferia (SILVA, 2006). Na década de 1970 se presenciou a construção de edifícios multifamiliares, a abertura de ruas e avenidas e a construção das sedes de alguns clubes (figura 18).

A Praia do Futuro ganhou importância neste cenário como praia urbana de fácil acesso, com atributos naturais e infraestrutura de lazer, principalmente as barracas de praia (figura 19). Na década de 1980 (ABREU, 2005) diminuiu a intensidade de empreendimentos na Praia do Futuro, mas ainda com um grande uso. Projetos de urbanização e infraestrutura começavam a ser pedidos pela população e ocorreram duas importantes intervenções do governo (mesmo que sua execução tenha sido incompleta):

- Em 1984 foi terminada a construção da Avenida Zezé Diogo, e o seu calçadão. No início da construção da Avenida Zezé Diogo as barracas foram transferidas para uma área mais próxima ao mar (SILVA, 2006);
- Em 1993 houve um projeto urbano do calçadão: parcialmente concluído, temos como reminiscência os bolsões de estacionamento e desenhos do piso do calçadão.



Figura 18: Imagem aérea da Praia do Futuro no final da década de 1970. Fonte: [www.skyscraper.com](http://www.skyscraper.com). acesso em 22 de abril de 2010;



Figura 19: Cartão postal da Praia do Futuro na década de 1980, antes da construção da Av. Zezé Diogo. Fonte: [www.skyscraper.com](http://www.skyscraper.com), acesso em 22 de abril de 2010;

A construção das avenidas Santos Dumont e Zezé Diogo gerou novos fluxos (DANTAS, 2002): a) os não desejados pela elite (o paraíso foi descoberto pelos usuários de ônibus); b) os resultantes da consolidação da área como espaço de lazer (mansões, apartamentos para a classe média e hotéis); c) os característicos de demanda por espaços de lazer e turísticos:

Os usuários frequentam barracas na praia, que oferecem bebidas, alimentos e diversão para toda sorte de clientes, denotando uma especialização espacial – as barracas situadas do Vicente Pinzón até o cruzamento das avenidas Zezé Diogo e Santos Dumont são frequentadas por clientes menos privilegiados, enquanto as situadas após este cruzamento tendem a especializar-se no atendimento de fluxo de lazer das classes abastada e média, bem como de representativo fluxo turístico. (DANTAS, 2002, p.71, grifo nosso)

Apesar de estabelecida como praia urbana de intenso uso, seu crescimento no que concerne a construção de edifícios e infraestrutura não foi tão grande quanto o esperado, devido à intensa maresia na área (ver próximo item) e sua grande dimensão, uma urbanização completa foi difícil de atingir e até hoje em muitos locais recebe a alcunha de ter uma imagem “desértica”, como um imenso areal.

## **Fase 2: A Praia do Futuro e a consolidação das Barracas (1996 – 2010)**

As relações entre o turismo e a urbanização contemporânea podem ser evidenciadas sob dois aspectos, a saber: os impactos do turismo sobre os processos urbanos da cidade existente e as cidades e lugares criados com fins exclusivamente turísticos. (PAIVA & DIÓGENES, 2009, p.1)

Esta fase é delimitada acompanhando as mudanças operadas com o PRODETUR-NE na sua mudança da fase I para II, em 1996:

Negociações preparatórias voltadas à adoção de políticas de investimentos integrados e maciços no turismo nordestino (envolvendo SUDENE, BID, BNB, EMBRATUR e CTI – NE) aconteceram a partir de 1992 e consolidaram-se após o Plano Nacional de Turismo de 1996, que passa a compor o Avanço Brasil (1999), programa federal de incentivo a investimentos estratégicos do governo federal, pautado na área de Turismo no PRODETUR [...] (DANTAS, 2010a, p. 35)

Além disso, o crescimento de Fortaleza nos últimos anos mudou a escala da sua dinâmica intra urbana. Em 1980 Fortaleza tinha uma população de 1.308.919 habitantes, hoje em dia a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) conta com uma população de 3.655.259 habitantes, enquanto que a população do município de Fortaleza conta com 2.505.552<sup>55</sup>. Esse crescimento colocou a cidade na posição de 5ª cidade mais populosa do Brasil. Fortaleza se estabeleceu como um grande polo de turismo do país neste período. De fato, o turismo doméstico aumentou acentuadamente neste período, enquanto o fluxo internacional de turistas posicionou Fortaleza entre as cidades mais visitadas no Brasil pelos turistas internacionais<sup>56</sup>.

<sup>55</sup> Estimativas do IBGE para 1 de julho de 2009.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o\\_Metropolitana\\_de\\_Fortaleza](http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Fortaleza), acesso em 23 de abril de 2010.

<sup>56</sup> Segundo a Associação Brasileira das Agências de Viagens (ABAV), no período de 2003 a 2005, Fortaleza foi a

Foi nessa época que o “Governo das Mudanças” desenvolveu programas de incentivo ao turismo (como a construção do novo Aeroporto Internacional, Pinto Martins, em 1999), sendo o PRODETUR-NE o maior expoente em âmbito regional. As estratégias dessas políticas devem ser levadas em consideração na construção atual dos espaços litorâneos, a contar principalmente na terceirização das atividades para o setor privado, havendo uma maior liberdade de ação deste setor no território urbano.

Pela tendência de crescimento da capital e a escassez de terrenos livres na capital, a tendência é a de ter efeitos futuros na Praia do Futuro. A paisagem do bairro é marcada por uma diversidade de ocupação (figura 1c e 20), que tem terrenos baldios, favelas, residências uni e multifamiliares de médio e alto padrão (sobretudo no bairro das Dunas e proximidades) entre condomínios horizontais, verticais, comércio (principalmente na Av. Zezé Diogo) e equipamentos de lazer, cujos principais expoentes são as barracas de praia, compondo o conjunto econômico mais significativo da área. As favelas despontam principalmente nas extremidades norte e sul da região, como também em algumas áreas intermediárias, ocupando principalmente o leito de vias sem infraestrutura urbana.

Atualmente, território de uso misto caracteriza a praia do Futuro, tornando-a mais diversa que as outras praias de Fortaleza. (...). A diversidade da Praia do Futuro é garantida graças ao comportamento diferenciado do mercado fundiário. Se na praia de Iracema e na avenida Beira-mar, a construção do calçadão implicou incremento do preço de terra, naquela praia os preços continuam baixos. A particularidade explica a permanência das classes menos abastadas e a chegada de outros usuários que ocupavam zonas de praia mais valorizadas [...]. As favelas, os bairros populares, os apartamentos, as residências da classe média e da classe abastada coabitam neste lugar heterogêneo, com fraca taxa de verticalização. Ademais, a baixa especulação imobiliária permite continuidade das barracas nas zonas de praia, acompanhando toda a extensão do calçadão.(DANTAS, 2002, p.71, 72)

A heterogeneidade da região e a sua extensão permitem, e permitiram, que esta fosse uma praia ocupada por variadas classes sociais, como aponta ABREU (2005, p.86) : “No caldeirão social da Praia do Futuro, sem dúvidas, diferentemente de outras praias de Fortaleza, ela se caracteriza como um espaço onde todas as classes, não só de Fortaleza como da região metropolitana, freqüentam.”

Projetos e intervenções recentes de iniciativa pública têm aumentado a acessibilidade à área, como a construção da ponte sobre o rio Cocó, ligando a Praia do Futuro à Sabiaguaba,

capital brasileira mais procurada como destino turístico pelos turistas nacionais, na alta estação de julho. A cidade passou do 11º lugar em 1996 para o 4º lugar em 2003 de destino do turismo de fluxo internacional. Fonte: [http://www.setur.ce.gov.br/setur/docs/estudos\\_e\\_pesquisas/evolucao\\_turismo\\_ceara\\_v17.pdf](http://www.setur.ce.gov.br/setur/docs/estudos_e_pesquisas/evolucao_turismo_ceara_v17.pdf), acesso em dezembro, 2009;

e da Avenida Dr. Aldy Mentor (prolongamento da Av. Padre Antônio Tomás), que também dá acesso à “Cidade Fortal<sup>57</sup>”.

No que concernem os empreendimentos imobiliários e uma ocupação urbana a área não teve maior sucesso, apesar de ser utilizada para o lazer. A hipótese para esta pequena ocupação – promovendo uma paisagem heterogênea – é a forte maresia<sup>58</sup> no local, que corói postes, portas de elevadores, carros e a estrutura dos edifícios. A maresia como forte fator ambiental é exposto por ABREU (2005), discorrendo sobre a dificuldade de ocupação e manutenção da infraestrutura no local, citando matéria do jornal O Povo (de 16/06/1996):

As concessionárias de telecomunicações e energia elétrica tiveram que se adequar ao fenômeno da maresia [...] O problema é inerente a toda a cidade de Fortaleza, explica o engenheiro Jamacy José da Silva, chefe do Departamento Técnico de Fortaleza da Companhia Energética do Ceará. Um dos agravantes da Praia do Futuro é a falta de arborização, opina o engenheiro. De acordo com informações da Assessoria de Comunicação Social da TELEMAR, a empresa realiza manutenção preventiva periódica da Praia do Futuro. Para se ter uma ideia do índice de corrosão no local, basta fazer a comparação entre a vida útil do poste. Em Parangaba, dura entre 20 e 25 anos, enquanto que na Praia do Futuro, dois anos.

O Jornal Diário do Nordeste<sup>59</sup> cita estudo da CEPEL (Centro de Pesquisa da Eletrobrás) que atribui o índice de maresia a 1832mg/m<sup>3</sup>/dia na Praia do Futuro. Essa dificuldade de manter residência aliada ao crescimento da cidade e incremento do turismo acentuou a vocação da região mais para o lazer.

Todas as praias em Fortaleza são utilizadas, mas as demais têm uma ocupação mais densa e têm como palco de uso principal seus calçadões, enquanto que na Praia do Futuro o uso da faixa de praia é mais intenso, nas barracas de praia. As barracas intensamente utilizadas fazem parte da cultura local<sup>60</sup>, vão se consolidando e se diferenciando, compondo grandes complexos (figura 20). Algumas foram aumentando seu programa de necessidades, incorporando *playgrounds*, parques aquáticos, lojas e boutiques. Se já se podia falar de uma especialização espacial, tal fenômeno pode ser visto claramente agora (capítulo 5).

Os usos na Praia do Futuro giram em torno das barracas: bares e restaurantes à beira-

<sup>57</sup> Micareta que acontece em Fortaleza em julho desde 1991. Até alguns anos atrás acontecia na Av. Beira-Mar, hoje em dia se localiza nas proximidades do bairro Cidade 2000.

<sup>58</sup> O Prof. Francisco Belmino do departamento de Química Analítica da UFC comenta que a Praia do Futuro é “um verdadeiro laboratório de corrosão”. O prof. desenvolve estudos sobre a corrosão, acompanhando o NUTEC (Núcleo de Tecnologia do Ceará) em parceria com a COELCE (Companhia Elétrica do Ceará) no mapeamento da corrosividade atmosférica no estado do Ceará.

<sup>59</sup> 14/05/2000 “Maresia afugenta moradores da Praia do Futuro”, segundo a qual a maresia no local é a 2ª maior do mundo, perdendo apenas do Mar Morto, em Israel.

<sup>60</sup> São intensamente utilizadas nas épocas de férias e finais de semana no período diurno. Shows e eventos trazem movimento nas noites, como a tradicional caranguejada nas Quintas-feiras na maioria das barracas.

mar, com infraestrutura de chuveiros e banheiros, apoiando os banhos de mar e sol. A área é utilizada para a prática de esportes: i) na faixa de praia (frescobol, futebol e vôlei de praia); ii) no mar proporcionado pelos “verdes mares bravios” (surfe, kitesurfe e windsurfe).



Figura 20: Foto aérea da Praia do Futuro e das barracas de praia. Fonte: [www.feriasbrasil.com.br](http://www.feriasbrasil.com.br), acesso em novembro, 2008;

## A Praia do Futuro e as Barracas de Praia

As barracas de praia se desenvolveram a partir das antigas palhoças de pescadores. Inicialmente não tinham piso e as construções eram de estruturas de pilares de carnaúba, paredes em barro e cobertas com madeiramento em carnaúba sustentando palhas de carnaúba. Paulatinamente, foram se desenvolvendo em resposta às demandas de lazer na região, incorporando materiais de construção convencionais e mais atuais, como as paredes de alvenaria, pisos em cimento, estruturas de cobertura incorporando outras madeiras.

Seu programa de necessidades também foi aumentando, incorporando escritórios, grandes banheiros (e vestiários), lojas de boutiques, *playgrounds* e piscinas (compondo parques aquáticos). Seu paisagismo se desenvolveu, a maioria assentou das barracas teve um gramado assentado ao seu redor e outras mais rebuscadas tiveram fontes, lagoas artificiais e uma densa vegetação incorporadas.

Este tipo de desenvolvimento foi promovido por algumas restrições das leis, como um

espaçamento mínimo de 15 m entre as barracas e afastamento de 25 m do calçadão (NETO, 2009). As barracas recorreram a artifícios para aumentar a área de domínio sem confrontar a legislação, como o paisagismo mais rebuscado, estruturas móveis para delimitar um espaço privado (tapumes e cercas de palha de carnaúba) e programação visual mais elaborada. Estes artifícios buscam demarcar um território das barracas de praia sem levantar muros.

Ao mesmo tempo que têm grande força econômica e um intenso uso da população (local e turística), as barracas de praia têm uma frágil situação legal, por ocuparem em parte terrenos de marinha e faixas de praia. Debates acirrados acontecem em torno de se devem, ou não, continuar a existir na área. O Projeto Orla de novembro de 2006, por exemplo, citou como alguns problemas da região a ocupação irregular e a poluição na faixa de praia e previu como ação uma requalificação urbano ambiental com reordenamento da ocupação. Pretende-se alcançar esta meta com um diagnóstico e o remanejamento das barracas, buscando uma melhoria da qualidade de vida, dos ecossistemas e de acesso da população.

Para estimar o público usuário da região, calcula-se uma média de uso de 40 mil pessoas na quinta da caranguejada, a mesma quantidade no sábado e cerca de 60 mil no domingo. Cerca de 4 mil pessoas trabalham na área na baixa estação e 5 mil na alta. A situação legal das barracas causa polêmica entre os fortalezenses, já que é uma praia intensamente utilizada, e representa uma forte base econômica (Jornal Diário do Nordeste, de 23 de outubro de 2010 (anexo 1).

Enquanto as barracas de praia se encontram nesta situação, poucas melhorias urbanas têm ocorrido na região. O impasse jurídico oferece um pretexto ao descaso do poder público. A Praça 31 de março, que ocupa um espaço aproximado de 257m por 106 m no meio da Praia do Futuro, no cruzamento com a Av. Santos Dumont com a Av. Dioguinho, se encontra abandonada (figura 27, capítulo 5), apesar de ter recebido recursos do Cirque du Soleil (que se apresentou neste local em 2009) para uma reforma (Jornal Diário do Nordeste, 22 de maio de 2010). Existe um projeto em circulação, que a prefeita Luizianne Lins assinou um Ordem de Serviço de Urbanização no dia 23/03/2011, que mudaria o nome da praça para “Praça do Futuro”<sup>61</sup>. Este projeto tem recursos do PRODETUR (Nacional) e englobaria espaços, como: ciclovia, quadras poliesportivas, quadras de areia, etc.

---

<sup>61</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=wku8XpwrEYM>. A matéria pode ser vista no site da Prefeitura: [http://www.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=15540&Itemid=239](http://www.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=15540&Itemid=239), acessos no dia 23/03/2011.

Outros problemas da área são: leitos de vias ocupados de maneira ilegal e barracas de praia abandonadas que continuam em processo de degradação: “hoje, contamos com 85 barracas associadas, mas 40 já foram desmontadas.” afirmou Fátima Queiroz, presidenta da associação dos empresários da Praia do Futuro (Jornal Diário do Nordeste, 22 de maio, 2010).

Este breve histórico ajuda a compreender o surgimento e desenvolvimento da região e a importância das Barracas da Praia do Futuro neste contexto, sua força econômica, além da frágil situação e polêmicas acerca da sua existência. Partindo desta reflexão os trabalhos em campo e análises desta dissertação aprofundam o conhecimento sobre a região, abordando mais especificamente (capítulo 5):

- i) A diferenciação das barracas de praia a partir do estabelecimento de uma tipologia;
- ii) Paralelo do desenvolvimento das barracas com a sua configuração espacial;
- iii) O uso nesses diferentes espaços, a fim de compreender qualidades e características da percepção ambiental, além da importância desses espaços como apoio ao uso de lazer da região.

## CAP. 5 - Análise – Resultados e Discussão

---

Segue neste capítulo uma discussão do conjunto de procedimentos desenvolvidos e resultados encontrados nas relações entre: Configuração (análise espacial da cidade e do entorno da área do objeto de estudo), Tipo (porte, tratamento paisagístico e programa das barracas de praia) e Usos (percepção ambiental, com a aplicação e análise de questionários). Finalizando o capítulo temos reflexões sobre a dissertação e o objeto de estudo em questão.

### Configuração Espacial

Abordamos aqui a configuração espacial, baseada na análise sintática do espaço enfocado como estrutura topológica<sup>62</sup>, a fim de compreender a dimensão morfológica e funcional das barracas da Praia do Futuro. Para situar a área na cidade – entendendo a sua localização enquanto importante área de lazer da população fortalezense – e compreender a sua dinâmica, esta análise é feita em duas escalas, enfocando, particularmente, a acessibilidade topológica da malha viária:

- (i) Escala Global: engloba a malha urbana da cidade de Fortaleza<sup>63</sup>: leitura feita pelo mapa axial e pelo mapa de continuidade<sup>64</sup>;
- (ii) Escala Local: engloba a malha da Praia do Futuro e áreas próximas a fim de ler a hierarquia interna à área e a localização das barracas de praia nesse contexto.

#### Escala Global

Apesar de ter um núcleo de integração<sup>65</sup> bem marcado (coloração laranja e vermelha), a trama de Fortaleza é composta pela união de diferentes grupos de malhas, na sua maioria ortogonais. O núcleo se expandiu de maneira radial com algumas vias principais

---

<sup>62</sup> Estrutura topológica da cidade, referindo-se às ligações de um sistema, conforme se definiu no tópico “A Lógica Social do Espaço”, do capítulo teórico.

<sup>63</sup> Mapa axial criado por Valério Medeiros, com atualizações de Fernanda Linard de Paula e complementação neste trabalho no espaço da Praia do Futuro.

<sup>64</sup> Ferramentas da Análise Social do Espaço, são tipos de abstração do espaço aberto o mapa axial (e continuidade) calcula medidas potenciais de acessibilidade topológica do sistema em uma escala cromática: em azul espaços mais segregados, em vermelho espaços mais integrados.

<sup>65</sup> Conjunto de vias mais integradas do sistema, que tendem a corresponder (ao menos em parte) ao centro ativo do local.

se tornando eixo de outras malhas ortogonais que lhe são transversais (figuras 21 à 23), distribuindo-o por um espaço maior, promovendo o estabelecimento de núcleos estendidos.

A malha de ocupação inicial da cidade encontrou limitações naturais à sua expansão, como o desenho da orla que orientou o traçado de vias paralelas à costa, as dunas próximas à Praia do Futuro e o parque do Cocó e a foz do seu rio, com poucas vias ultrapassando esses espaços. Além disso, equipamentos maiores, como o Aeroporto Internacional Pinto Martins e o estádio Castelão contribuíram para quebras no traçado da cidade.

Estes fatores fomentaram a constituição de uma cidade relativamente fragmentada, em sua aparência se assemelhando à uma *colcha de retalhos*<sup>66</sup> (MEDEIROS, 2006), embora sua malha seja mais contínua que a de outras cidades brasileiras de mesmo porte. Alguns conjuntos com a malha viária em mesmo sentido (como os bairros Aldeota, Centro e Meireles – figuras 21 à 23) permitiram a distribuição de integração axial por uma área maior do assentamento urbano (núcleo de integração mais distribuído).

Analisando a acessibilidade topológica global (mapas axiais e de continuidade<sup>67</sup> - respectivamente figuras 21 e 23), podemos ver o núcleo de integração se expandindo do centro antigo em direção ao leste da cidade, polarizado ao redor do bairro da Aldeota, promovido pela trama ortogonal da malha de mesmo sentido. O desenho da orla promoveu essa expansão também em direção ao sul de Fortaleza.

A Aldeota foi o primeiro dos centros surgidos além do tradicional, ensejado pela eleição desse bairro como o “elegante” da cidade a partir de 1930, efetivamente estabelecendo a vocação comercial na década de 1970, resultando numa intensa alteração na fisionomia do bairro (DIÓGENES, 2005, 2007). A grande densidade de ocupação e verticalização desta área e do bairro do Meireles – um bairro mais residencial – podem ser observados na figura 22, que mostra a marcação da Aldeota em Fortaleza, com a imagem aérea de bairros adjacentes.

---

<sup>66</sup> “As cidades são, em grande parte, contexturas dos mais variados tipos de grelha montados diacronicamente segundo planos urbanos, ocupações irregulares, limitantes geográficos, etc.”(MEDEIROS, 2006, p. 117). Esses aspectos denotam a maior fluidez ou restrição na circulação urbana. Tal processo se faz mais latente em algumas cidades com maior porte. Embora Fortaleza tenha aspectos de cidades fragmentadas, ela apresenta uma colcha mais contínua do que outras cidades no país com porte semelhante.

<sup>67</sup> Variação do mapa axial, no qual algumas vias com curvas pouco acentuadas se unem (estabelece-se um ângulo máximo para essa união e para uma segunda união da mesma via).

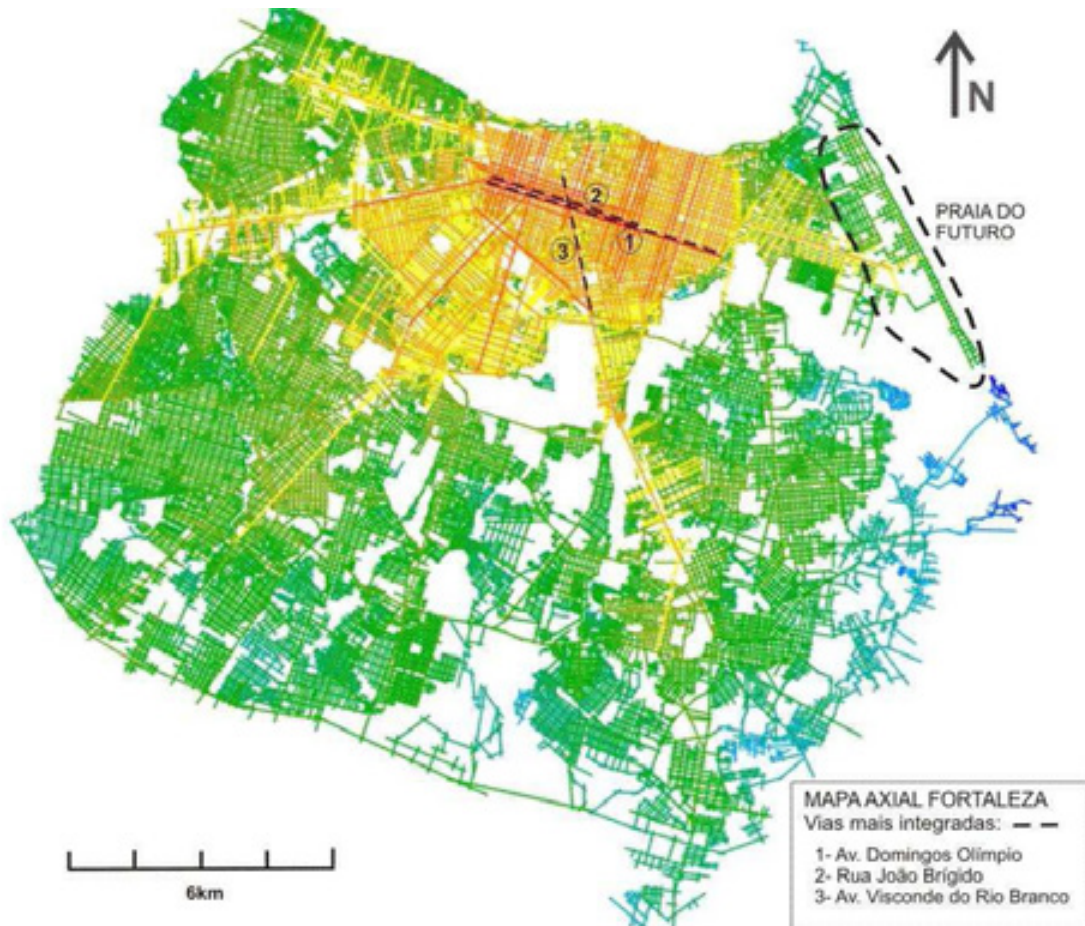


Figura 21: Mapa axial da cidade de Fortaleza mostrando a integração global. Fonte: MEDEIROS, 2006; atualizado por PAULA, 2010 e complementado pela autora.



Figura 22: Imagem aérea do bairro da Aldeota e entorno, com a marcação dos limites do mesmo. Fonte: Google Earth, acesso em novembro de 2010, modificado pela autora;

No mapa axial o núcleo de integração se concentra nos eixos entre os bairros: Centro e Aldeota, unindo a malha ortogonal de mesmo direcionamento, estendendo-se para bairros: i) próximos do Centro: bairro José Bonifácio e bairro de Fátima (ao sul); ii) próximos da Aldeota: bairros Meireles, Joaquim Távora e Dionísio Torres. Algumas vias que cruzam este núcleo alcançam outras áreas da cidade distribuindo a integração (figura 21). A área mais segregada corresponde à da Sabiaguaba (ao sudeste), separada da Praia do Futuro pela foz do rio Cocó. A Av. General Osório de Paiva (se transforma na CE-095) é a via mais conectada, seguida pela Av. Washington Soares, mas ambas têm uma integração baixa. A via mais integrada é a Av. Domingos Olímpio, que atravessa em sentido leste-oeste o núcleo de integração, a segunda via com maior integração é uma rua paralela a esta: a Rua João Brígido. Ambas conectam áreas comerciais do Centro com a Aldeota (tabela 2 e figuras 22 e 24). A terceira via mais integrada é a Av. Visconde do Rio Branco, distribuindo o fluxo no sentido norte-sul (ligando os bairros: Centro, José Bonifácio e Joaquim Távora), seguido pela quarta via mais integrada, também neste sentido, mas situada ao oeste da cidade: a Av. Carapinima, que liga os bairros Centro, Benfica e Parangaba.

Existem mudanças entre o mapa axial e o de continuidade. No mapa de continuidade o núcleo de integração se expande mais em direção ao sul da cidade, possibilitando unir vias que apresentam poucas mudanças na sua direção (ver figuras 23, 24 e 25), enquanto que no mapa axial este núcleo se encontra mais concentrado.

O mapa de continuidade<sup>68</sup> uniu caminhos mais longos, enfatizando a importância de vias que fazem a distribuição do trânsito no sentido radial, principalmente as que se direcionam ao sul da cidade, ampliando o núcleo de integração nesta direção, descentralizando o foco na Aldeota<sup>69</sup>. Como exemplos marcantes dessas vias, temos a Av. João Pessoa e a BR116 – continuação da Rua Visconde do Rio Branco (figuras 23 e 24). As vias de maior integração neste mapa alcançam mais bairros do que no mapa axial, distribuindo a integração em áreas mais afastadas do Centro e da Aldeota, marcando a importância de vias de comércio e grande fluxo na cidade e na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

---

<sup>68</sup>Foi calculado com a união de vias que tivessem uma curva de 30 graus no seu trajeto, podendo chegar até 45 graus no encontro de outra curva.

<sup>69</sup> Em relação ao mapa axial. No mapa de continuidade o núcleo de integração se espalha mais para os bairros do Benfica e Fátima.

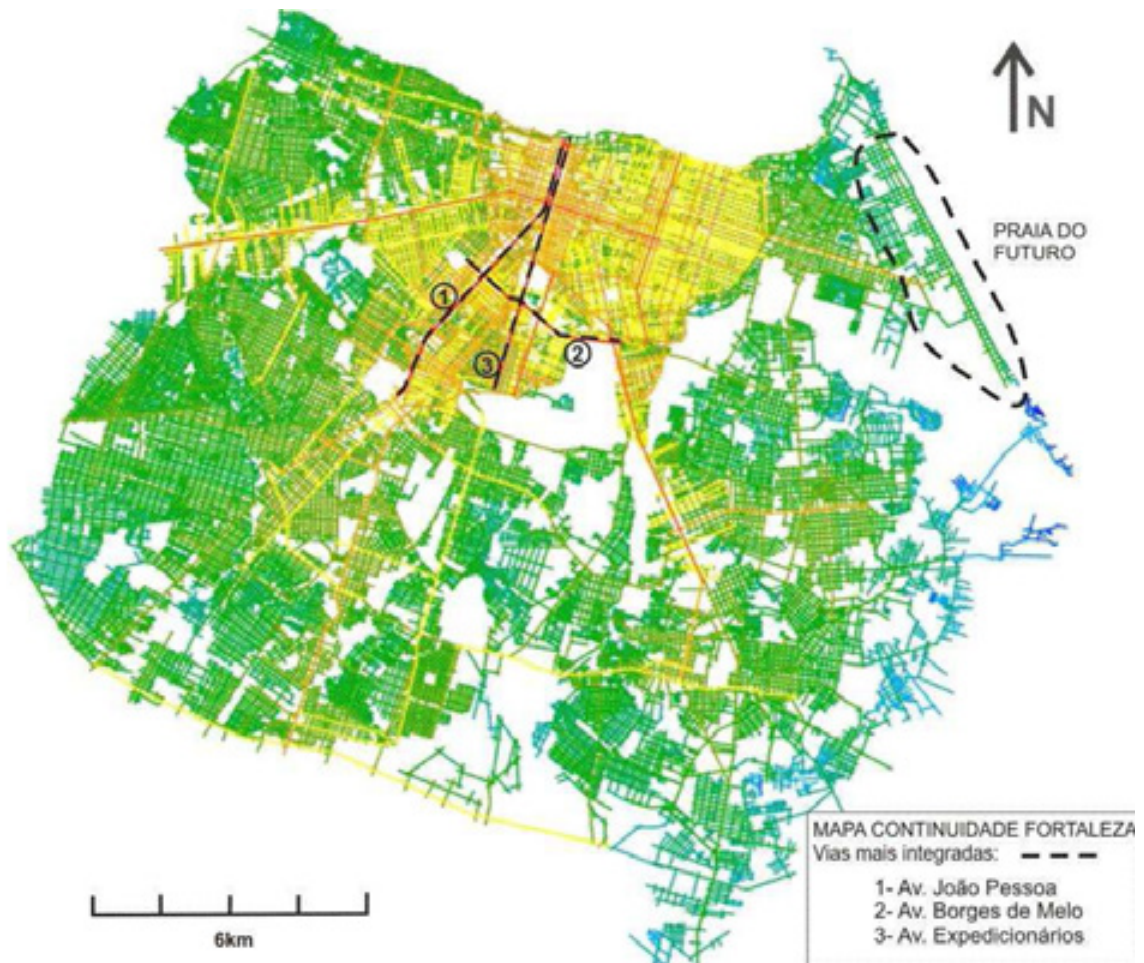


Figura 23: Mapa de continuidade da cidade de Fortaleza mostrando a integração global (30, 45 graus).

A via mais integrada é a Av. João Pessoa, de grande comércio e fluxo na cidade, ligando os bairros: Centro, Benfica, Damas, Couto Fernandes, Demócrito Rocha e Parangaba. A segunda via mais integrada é a Av. Borges de Melo, distribuindo o fluxo no sentido leste-oeste, pelos bairros: Damas, Jardim América, Fátima – onde se localiza a rodoviária da cidade – e Alto da Balança, alcançando a BR-116, importante rota de escoamento da cidade (tabela 2 e figuras 23 e 24).

Analisando o mapa de continuidade identificamos a integração de vias em uma escala mais abrangente, importantes para o transporte de automóveis na cidade, enquanto que o núcleo de integração do mapa axial se concentrou na malha urbana com o mesmo sentido do Centro da cidade. A análise dos mapas permitiu entender mudanças na integração das vias, ambos indicando avenidas de grande comércio e fluxo da cidade (figura 24 e tabela 2). Não houveram mudanças significativas entre os mapas devido ao baixo nível de agregação

do tecido irregular da cidade. Em algumas faixas da cidade a malha ortogonal com diferentes sentidos trouxe muitas curvas no percurso das vias, enquanto que outras vias não tem curva alguma. Mesmo que eixos com muitas mudanças de direção tenham um papel importante (como algumas vias de acesso à Praia do Futuro), isto não foi capturado nas representações axiais.

VIAS MAIS INTEGRADAS DO SISTEMA - FORTALEZA.			
MAPA AXIAL		MAPA CONTINUIDADE (30°, 45°)	
VIA	INTEGRAÇÃO (RN)	VIA	INTEGRAÇÃO (RN)
Av. Domingos Olímpio	1, 462	Av. João Pessoa	2, 209
Rua João Brígido	1, 431	Av. Borges de Melo	2, 164
Av. Visconde do Rio Branco	1, 422	Av. Expedicionários	2, 163

Tabela 2: Vias mais integradas de Fortaleza: no mapa axial e no mapa de continuidade

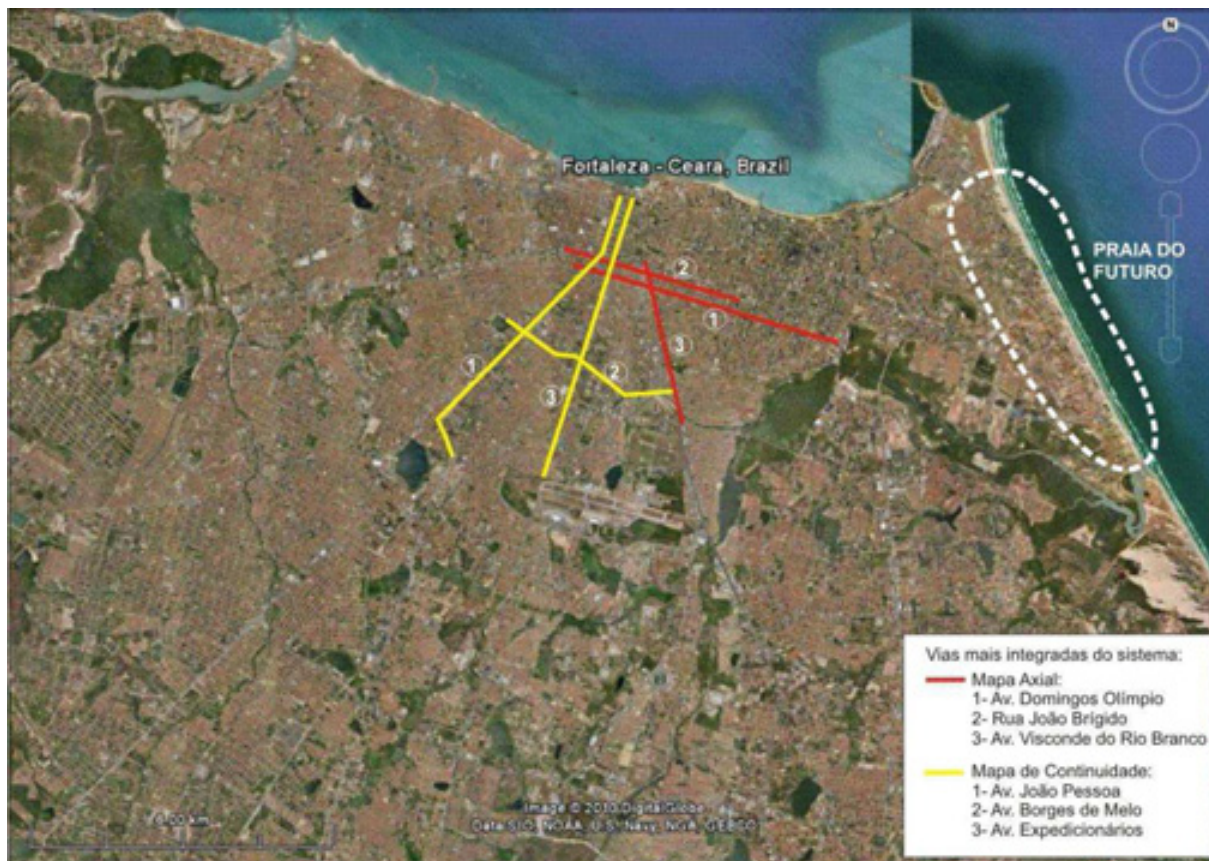


Figura 24: Imagem aérea de Fortaleza e marcação das vias mais integradas: i) no mapa axial; ii) no mapa de continuidade, e da Praia do Futuro. Fonte: Google Earth, acesso em outubro 2010, modificado pela autora.

No plano global, a área da Praia do Futuro – no mapa de continuidade e no axial – apresenta um índice de integração médio, apesar de se encontrar muito próxima do núcleo

de integração da cidade (tabela 3). As limitações a uma maior integração podem ser atribuídas: i) à menor densidade de ocupação nos bairros de ligação: Vicente Pinzon, Papicu e Dunas ; ii) à descontinuidade no sentido das malhas, promovido pelo relevo desses bairros e pelo direcionamento da malha urbana da Praia do Futuro, que segue o sentido da orla (sentido Noroeste - Sudoeste) – figuras 21 e 23.

INTEGRAÇÃO GLOBAL (Rn)	MAPA AXIAL DE FORTALEZA		MAPA DE CONTINUIDADE DE FORTALEZA (30°, 45°)	
	Fortaleza (Geral)	Praia do Futuro	Fortaleza (Geral)	Praia do Futuro
Mínima	0,318	0,72	0,468	0,917
Média	0,914	0,92	1,322	1,19
Máxima	1,462	1,30	2,209	1,848

Tabela 3: Integração Global do sistema geral e do sistema local nos mapas: axial e de continuidade de Fortaleza.

Mesmo que as médias de integração do sistema da Praia do Futuro tenham ficado próximas às dos sistemas globais, encontramos algumas mudanças nas representações: i) no mapa axial a média de integração do sistema local se manteve acima da média geral – o núcleo de integração nesse mapa se encontra mais próximo à área de estudo; ii) no mapa de continuidade a integração do sistema local se apresenta um pouco abaixo da média geral - o núcleo de integração nesse mapa se expande mais ao sul, mais distante da Praia do Futuro.

No mapa axial da escala de *choice*<sup>70</sup> da cidade identificamos algumas vias importantes que mostraram grande acessibilidade topológica nos mapas anteriores, como: a BR-116 (e Rua Visconde do Rio Branco), a Av. João Pessoa, a Av. Domingos Olímpio e a Av. Bezerra de Menezes. Todavia, algumas vias com menor acessibilidade topológica mostraram uma importância nesta escala, como: a Av. Santos Dumont, a Av. Washington Soares e a Av. Dioguinho<sup>71</sup>, conectando malhas com diferentes sentidos (figura 25).

Existe um grande fluxo na Praia do Futuro, principalmente nos períodos de lazer da população, mesmo que a Praia do Futuro não tenha uma acessibilidade topológica tão alta, seu uso e intenso fluxo em determinados horários podem ser reconhecidos como impulsionados pelos atributos da área. Estabelece-se um paralelo entre a acessibilidade e a atratividade existente: apesar de não ser tão privilegiada em termos de integração, uma

<sup>70</sup> Análise de escolha, vias importantes entre diferentes malhas da cidade.

<sup>71</sup> Enfatiza-se a porção norte da Av. Dioguinho, que também é o principal eixo de distribuição do fluxo em escala local.

qualidade da área é o seu poder de magneto (ver definição no capítulo teórico), com atrativos puxando uma movimentação para aquela área, que são:

- i) Os atributos naturais: a faixa de praia e o mar;
- ii) A infraestrutura de lazer: as barracas de praia.



Figura 25: Mapa axial apresentando a escala de valores *choice*. Linhas mais escuras têm um valor maior. Fonte: MEDEIROS, 2006, PAULA, 2010, modificado pela autora.

Uma limitação da representação axial para a análise de Fortaleza são algumas vias que têm muitas curvas – seguindo a topografia e os limites naturais (como o desenho da orla da cidade) – são lidas nas representações de maneira mais fragmentada do que o seu desempenho. Elas têm grande movimentação, revelado por algumas características: são asfaltadas (leito de, no mínimo, 11 m) compõem a rota de transportes coletivos (com paradas de ônibus), e têm comércio em boa parte do seu trajeto (figura 26):

- a) Av. José Saboia, se junta com a Av. Vicente de Castro (continuação da Av. Abolição e da Av. Beira Mar). Estas vias representam a continuação da Av. Monsenhor

Tabosa, acompanhando o desenho da orla e atravessando o parque industrial, dando acesso à área pelos bairros: Meireles e Mucuripe.

- b) Rua Renato Braga, que se junta com as Avenidas: Engenheiro Luis Vieira e Alberto Sá. Pelo relevo nessa área a via tem um desenho curvado, dando acesso à área pelos bairros: Papicu, Varjota e Dunas.



Figura 26: Foto aérea da Praia do Futuro, marcando as principais vias de acesso à área: a) Av. José Saboia; b) R. Renato Braga; c) Av. Santos Dumont, e as barracas estudadas: 1) Tio Peixe; 2) Vira Verão; 3) Crocobeach; 4) Atlantidz. Fonte: Google Earth, acesso em outubro, 2010, modificado pela autora.

Outro acesso à área é a continuação da Av. Padre Antônio Tomás – ao sul da Av. Santos Dumont, mas devido à pequena densidade do seu entorno (edifício e viário) não apresenta papel de destaque, com pouco movimento (sem comércio e transporte coletivo).

A Av. Santos Dumont é o único eixo que mantém a sua importância como via de acesso à Praia do Futuro nas representações axiais (figuras 22 à 25). A Av. Dioguinho (também denominada Av. César Cals) é a principal via de distribuição da Praia do Futuro e, comparada com os atributos das vias do sistema global, tem integração, conectividade, e medida de *choice* acima da média.

### **Escala Local**

Este recorte tem como objetivo estabelecer a hierarquia viária da Praia do Futuro e, neste contexto, ler mudanças na acessibilidade topológica das barracas de praia. A análise enfoca a Praia do Futuro e entorno, reunindo o subsistema da malha viária com a mesma orientação da praia aonde se localizam as barracas. O recorte abrangeu parcialmente os bairros: Dunas, Vicente Pinzon e Cais do Porto, e a totalidade dos bairros: Praia do Futuro I e II. Os mapas de continuidade<sup>72</sup> e de segmento<sup>73</sup> foram testados, mas para esta escala consideramos somente a análise do mapa axial, que conseguiu englobar mudanças de acessibilidade entre as barracas e delimitar grupos.

As principais vias de acesso são (figura 26): i) Av. José Saboia ao norte, pelo cais do Porto; ii) rua Renato Braga, pelo bairro das Dunas; iii) Av. Santos Dumont, pela área central;

As vias do sistema local são majoritariamente ortogonais, atravessando a Av. Dioguinho e alcançando a Av. Zezé Diogo<sup>74</sup>, ambas alcançam quase toda a área (figuras 26 e 27). A via mais conectada e integrada é a Av. Dioguinho<sup>75</sup>, distribuindo o fluxo no sentido noroeste sudeste, tem dois sentidos de fluxo, transporte público, acessos às pousadas e comércios (posto, oficina, lojas de materiais de construção, lanchonetes, etc.) e as indicações

---

<sup>72</sup>O mapa de continuidade foi testado, mas não serviu para esta escala, pois eliminou as diferenças na configuração das vias, principalmente das avenidas: Zezé Diogo e Dioguinho que, neste mapa foram lidas como um único eixo, anulando mudanças de acessibilidade entre as barracas de praia.

<sup>73</sup> O mapa de segmento foi testado, mas teve poucas mudanças em relação ao mapa axial da área, mostrando os mesmos grupos em relação a menor ou maior acessibilidade topológica, não foi analisado, podendo ser abordado em um estudo posterior.

<sup>74</sup> Também é chamada Av. Clóvis Arrais em alguns trechos.

<sup>75</sup> Esta avenida tem uma pequena mudança de direção à altura da Praça 31 de Março, no encontro com a Av. Santos Dumont. A porção mais conectada e integrada é a localizada ao norte deste ponto.

de acesso às barracas (programação visual de alguns estabelecimentos).

Os eixos de maior integração, em valor decrescente, são: Av. Dioguinho (porção norte), rua Francisco Teixeira de Alcântara, rua Coronel José Aurélio Câmara (paralela à Renato Braga), Av. Santos Dumont e Av. Zezé Diogo (porção norte). Estes eixos têm uma medida de integração acima da média do sistema (tabela 4 e figura 27). Esta disposição enfatiza a importância da porção norte da faixa central da área, entre a rua Cel. José Aurélio Câmara e a Av. Santos Dumont.

A integração das barracas de praia é medida pela integração da Av. Zezé Diogo (via de acesso) o seu desenho com curvas a separa em eixos com diferentes medidas de acessibilidade topológica (figura 27). Grupos e subgrupos foram identificados, classificando as barracas em: - Integradas: Norte (mais integradas) e Sul (menos integradas); - Segregadas (Norte e Sul); – Barracas Centrais. Nos extremos norte e sul da Av. Zezé Diogo existem curvas no traçado da via e na altura da Praça 31 de março existe uma mudança sutil de direção, acompanhado por uma mudança na via: o trecho no qual se localizam as barracas mais integradas tem trânsito em mão única, com leito menor. Nos demais trechos a via é mais larga, com trânsito de carros nos dois sentidos e canteiro central.

<b>INTEGRAÇÃO (Rn) SISTEMA LOCAL</b>		
<b>MÍNIMA</b>	<b>MÉDIA</b>	<b>MÁXIMA</b>
0,617	1,269	2,563
<b>PRINCIPAIS EIXOS DE INTEGRAÇÃO</b>		<b>INTEGRAÇÃO (Rn)</b>
1	Av. Dioguinho (porção norte)	2,563
2	Rua Francisco Teixeira de Alcântara	2,044
3	Rua Coronel José Aurélio Câmara	1,938
4	Av. Dioguinho (porção sul)	1,915
5	Av. Santos Dumont	1,884
6	Av. Zezé Diogo (porção norte)	1,84

Tabela 4: Integração (Rn) do sistema local e principais eixos .

O grupo das barracas integradas se localiza na faixa central da Praia do Futuro, e é dividida em dois subgrupos:

- (i) norte: barracas com maior acessibilidade topológica, se localizam entre a Rua Renato Braga e a Rua João Nogueira Borges<sup>76</sup> (figuras 26 e 27). Tal

<sup>76</sup> Um quarteirão ao norte da Praça 31 de março.

acessibilidade pode ser lida pela maior integração das vias do norte em escala local e em escala global (escala *choice* da Av. Dioguinho, figura 25).

- (ii) sul: barracas com acessibilidade média-alta, localizadas entre a Rua Edmundo Falcão<sup>77</sup> e a rua Oito. Mesmo que a Av. Zezé Diogo não tenha curvas nessa faixa, esta área não é tão privilegiada em termos de integração por se localizar numa área com menor densidade edilícia e malha viária (figuras 26 e 27).

As barracas segregadas são formadas por três subgrupos (figura 27):

- i) no extremo norte da área, próximo ao Vicente Pinzon, identificado no mapa axial (segregadas norte).
- ii) no extremo sul da área, próximo à foz do rio Cocó, identificado no mapa axial<sup>78</sup> (segregadas sul).

Barracas centrais: A Praça 31 de Março – ocupa dois quarteirões em relação ao entorno (260 x 107m) e se encontra abandonada – é um obstáculo ao acesso às barracas (JACOBS, 1992). A menor capilaridade e inexistência de funções influencia na vitalidade da área (segregação social e funcional), que pode ser visto pela simplicidade das barracas nessa área, assemelhando-se tipologicamente às demais segregadas (figura 27 e 28). Este grupo engloba um quarteirão ao norte até um quarteirão ao sul da Praça, servindo como faixa de divisão entre as barracas Integradas Norte e Sul (figura 27).



Figura 27: Imagem aérea da Praça 31 de Março. Fonte: Google Earth, acesso em 9 de agosto de 2010;

<sup>77</sup> Um quarteirão ao sul da Praça 31 de março.

<sup>78</sup> Os grupos segregados norte e sul foram identificados pela mudança de integração da Av. Zezé Diogo.

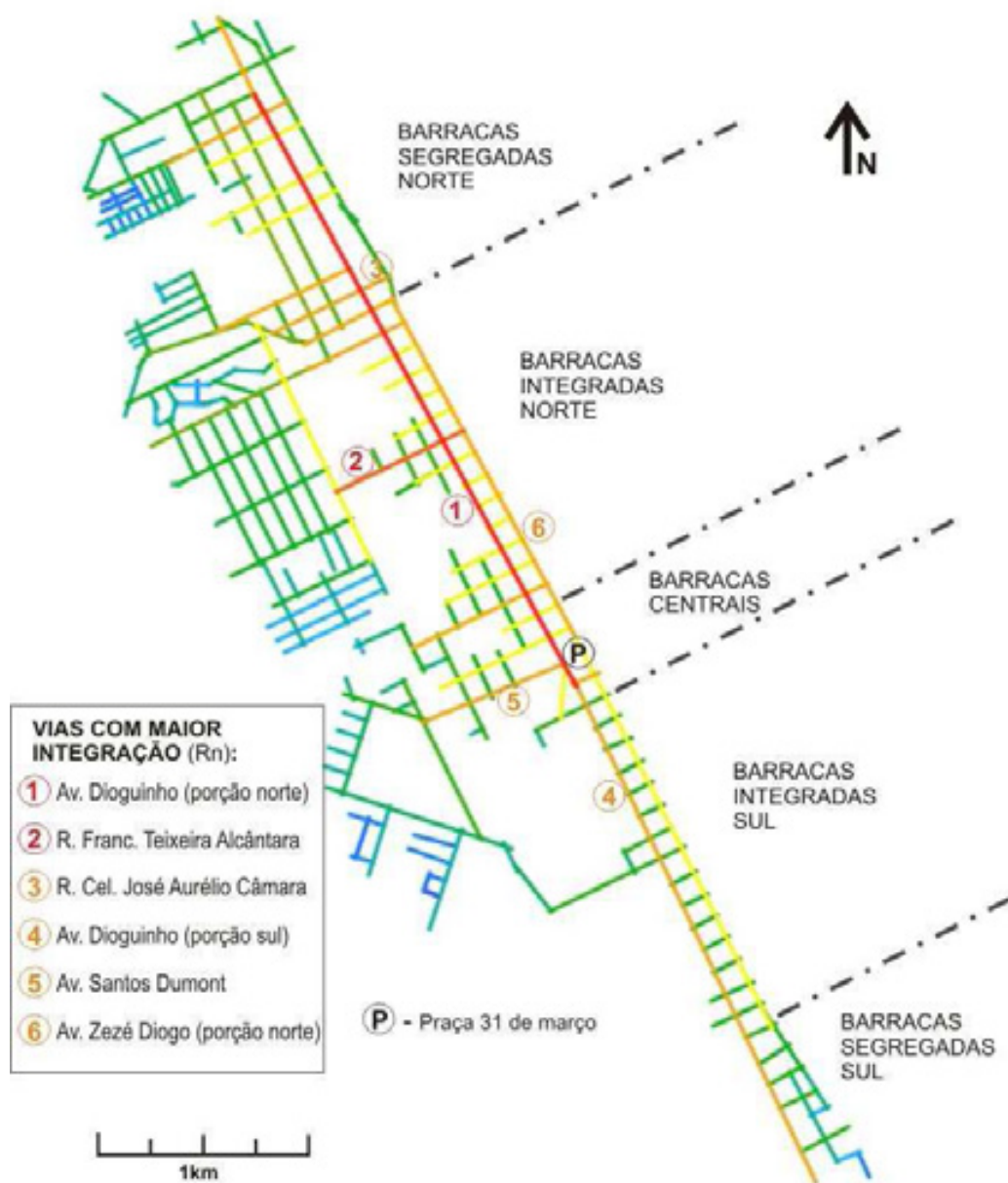


Figura 28: Mapa axial da Praia do Futuro mostrando a integração global (Rn), marcando os grupos de barracas e as vias com maior integração.

## Tipologia

Após estudo inicial e georreferenciamento<sup>79</sup>, categorias de análise foram criadas para subsidiar o estudo da ocupação das barracas (capítulo metodológico), e serão relacionadas com os grupos identificados na análise da configuração espacial local. Elas abrangeram: capacidade (influenciando no porte da estrutura), nível de tratamento dos espaços (permeabilidade e mudança de cenários) e programa (existência ou não de piscinas). Os

<sup>79</sup> Ver definições e descrições das categorias tipológicas no capítulo metodológico.

atributos foram referenciados para as 84 barracas de praia<sup>80</sup> e seguem (figuras 29 a 31):

- (i) Porte: quantidade de quiosques fixos<sup>81</sup> em cada barraca. Esta medida não mostra a capacidade absoluta das barracas de praia, mas constitui uma aproximação e foi escolhida como proporcional entre as barracas, já que todas têm a área de quiosques fixos na faixa de praia e têm estruturas e tamanhos semelhantes. Foram definidos quatro grupos de porte pelo método Jenks<sup>82</sup>:
  - a) pequeno: menos que 43 quiosques;
  - b) médio: entre 43 e 84 quiosques fixos;
  - c) grande: entre 85 e 151 quiosques fixos;
  - d) mega: 152 ou mais quiosques fixos.
- (ii) Paisagismo: três grupos foram definidos de acordo com as variações encontradas entre o tratamento das barracas de praia:
  - a) ausência de paisagismo: Podem ter algum tipo de vegetação, mas sem organização ou tratamento paisagístico e sem gramado ao redor da estrutura principal.
  - b) paisagismo simples: tem gramado na área de ocupação/influência e vegetação, mas com pouca densidade;
  - c) paisagismo elaborado: com gramado, densidade grande de vegetação e outros artifícios, como fontes, lagos artificiais, etc.;Alguns exemplos desses tipos podem ser observados na figura 13 (capítulo metodológico), e a distribuição desses tratamentos nas barracas da Praia do Futuro pode ser visto na figura 30.
- (iii) Programa: Considera a existência ou ausência de piscinas/parques aquáticos, que é a mudança mais perceptível em respeito ao programa de necessidades, interferindo bastante na relação do usuário com a área, além de ser o impacto mais visível na faixa de praia. A existência ou não de piscinas entre as barracas está representada na figura 31.

---

<sup>80</sup> Que não estavam abandonadas no período do estudo – março a junho de 2010 (capítulo metodológico).

<sup>81</sup> Também chamadas de barraquinhas, são estruturas de apoio, quase sempre composto por um pilar central de tronco e coberta de carnaúba, se localizam na faixa de praia (entre a estrutura central da barraca de praia e o mar), fornecendo abrigo do sol a um grupo de usuários, composta por uma ou algumas mesas.

<sup>82</sup> 1977, classificação baseada na distribuição estatística. Ver capítulo metodológico, tópico “Tipologia”.



Figura 29: Praia do Futuro, marcação dos eixos do sistema viário e dos grupos de porte das barracas de praia (geo referenciadas pelo Open Jump).



Figura 30: Praia do Futuro, marcação dos eixos do sistema viário e do tratamento paisagístico das barracas de praia (geo referenciadas pelo Open Jump).



Figura 31: Quadras da Praia do Futuro com a marcação dos eixos com a marcação do programa das barracas da Praia do Futuro (geo referenciadas pelo Open Jump).

## Configuração x Tipo

Os grupos da configuração espacial (figura 27) foram relacionados com as categorias formadoras da tipologia edilícia das barracas de praia e contabilizados (figuras 29 a 31), delineando tendências internas aos grupos (tabela 5). As 84 barracas da área foram divididas inicialmente nos grupos: Integradas e Segregadas. Um grupo de barracas centrais foi identificado com tipologia semelhante às segregadas e servem como faixa de divisão entre os subgrupos das barracas integradas. As barracas integradas foram subdivididas em: (i) integradas norte; (ii) integradas sul, as integradas norte com maior acessibilidade topológica. O grupo das segregadas foi subdividido em: (i) Norte (iii) Sul.

GRUPOS BARRACAS		PORTE (quant. Quiosques)				PAISAGISMO			PROGRAMA		TOTAIS	
		0-42	43-84	85-151	152-+	AUSENTE	SIMPLES	ELABORADO	S. PISC.	C. PISC.		
SEGREGADAS	NORTE	13	2	0	0	15	0	0	15	0	15	27
	SUL	11	1	0	0	9	3	0	12	0	12	
CENTRAIS		10	1	0	0	11	0	0	11	0	11	11
INTEGRADAS	NORTE*	8	8	9	1	13	9	3	23	3	26	46
	SUL	4	11	4	1	4	11	5	12	8	20	
SUB-TOTAIS (categorias)		46	23	13	2	52	23	8	73	11	84	84

\* Neste grupo existem duas barracas de praia (ocupam a faixa ou o calçadão da praia) que não tem quiosques: (I) Açai do Jojó, que se localiza no calçadão, com apenas uma área de mesas; (ii) Biruta: Nos dias atuais funciona apenas para eventos, utilizando a faixa de praia com estruturas móveis em determinados períodos (principalmente à noite); Estão classificadas no menor porte, no paisagismo simples e sem piscina.

Tabela 5: Distribuição da quantidade de barracas nos grupos: configuração x tipologia.

### Quantidade de barracas nos sub-grupos:

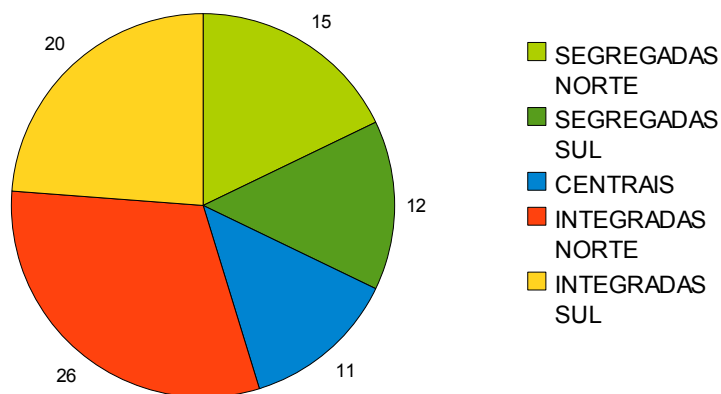


Gráfico 1: Quantidade de barracas de cada grupo (configuração espacial)

O grupo integrado totalizou 46 unidades e representa a maioria das barracas, situadas em locais com maior facilidade de acesso, ocupando a grande faixa central da Praia do Futuro. Encontramos vários tipos de barracas nesta categoria, dentre as quais estão as de maior porte, com tratamento paisagístico mais elaborado, e as dotadas de piscinas e parques aquáticos. O grupo foi dividido em dois subgrupos de acordo com a acessibilidade topológica da malha, e têm como faixa de divisão as barracas centrais, à altura da Praça 31 de março: i) mais integradas se localizam ao norte; ii) menos integradas se localizam ao sul.

Cada subgrupo integrado tem uma mega barraca: (i) Crocobeach entre as Integradas Norte; (ii) Itapariká entre as Integradas Sul. São as únicas no porte mega (mais de 152 quiosques fixos), ambas tem paisagismo e programação visual elaborados e parque aquático, incorporando espaços e serviços, como: playground, restaurante, área de massagem e spa.

O subgrupo das Integradas Norte totaliza 26 unidades e são as mais privilegiadas em termos de acessibilidade topológica (figura 27). É o subgrupo com as maiores capacidades: a maior parcela tem porte grande (nove unidades), seguido pelo porte médio e pequeno (oito em cada) e uma mega barraca. Todavia não corresponde ao subgrupo mais desenvolvido em termos de paisagismo e presença de piscinas: a maioria das barracas não tem paisagismo, algumas têm paisagismo simples (nove) e poucas tem paisagismo elaborado (três). Além disso, quase todas (23) não tem piscina (ver tabela 5, quadro 3 e figuras 29 a 31).

As Integradas Sul têm uma acessibilidade topológica menor que as Integradas Norte (figura 27), formam um subgrupo de 20 unidades, cada ocupa um espaço semelhante às do subgrupo anterior, mas com capacidades menores: a maioria das barracas tem porte médio (11), existem quatro barracas em cada grupo: médio e grande, e uma mega barraca. O tratamento dos espaços é mais rebuscado que as Integradas Norte: a maioria das barracas tem tratamento paisagístico: simples (11) e elaborado (cinco), e algumas sem paisagismo (quatro); ii) parcela significativa das barracas tem piscinas/parques aquáticos (oito unidades) – ver tabela 5, quadro 3 e figura 31. Pelo espaço que ocupam e sua capacidade, estas barracas oferecem um espaço maior para cada cliente, muitas vezes devido ao paisagismo elaborado e a presença de piscinas. Esta distinção aponta para uma diferenciação proposital, buscando atrair um cliente mais requintado para um espaço menos acessível. Encontramos um paralelo entre configuração/acessibilidade com atração/magneto: as barracas Integradas Sul têm paisagismo e programa mais rebuscados, utilizando-se desses artifícios para atrair

um cliente que também busca certa reclusão e uma maior privacidade.

As 27 barracas segregadas situam-se nos extremos norte e sul da Praia do Futuro. Elas têm tipologias semelhantes ao grupo de Barracas Centrais, próximo à Praça 31 de Março (figura 27). Esses subgrupos de barracas simples totalizam 38 unidades. Desses conjuntos, o com maior quantidade de barracas é subgrupo das Segregadas Norte, com 15 unidades, seguido pelas Segregadas Sul e as Centrais (12 e 11 unidades, respectivamente).

Nessas faixas as barracas têm tipologias semelhantes, se desenvolveram pouco com o passar dos anos. Elas se assemelham às barracas mais antigas, ocupando espaços menores do que as integradas e têm capacidades menores: a grande maioria (34 unidades) tem porte pequeno e quatro têm portes médios, que se distribuem entre os três grupos. As estruturas são simples: majoritariamente não tem paisagismo (36), duas têm paisagismo simples (subgrupo segregadas sul), e nenhuma barraca tem piscina (quadro 3 e figuras 29 à 31).

Mesmo que tenham uma quantidade parecida de unidades: as integradas com 46 e as segregadas com 38 barracas de praia (gráfico 1), os grupos causam impactos marcadamente diferentes na faixa de praia. Isto se deve pelos diferentes tamanhos e capacidades dos grupos, como pelo tratamento dos espaços e o tipo de estrutura (existência de piscinas, por exemplos). As barracas mais simples permitem uma maior permeabilidade – física e visual – do calçadão à praia. Em relação ao impacto no ecossistema, no terreno das barracas mais simples observa-se que o ambiente natural tem um domínio maior, com as dunas invadindo o espaço da barraca de praia, enquanto que nas barracas maiores há maior domínio do espaço natural (ver próximo tópico, figura 33).



## Percepção e Usos

Para o estudo da percepção e uso do espaço foram escolhidas quatro barracas que pudessem representar uma variedade de localização, tipologia e usos, de acordo com as análises desenvolvidas nos tópicos anteriores. As diferenças significativas de porte criaram quatro grupos, já que o número de quiosques fixos muda bastante entre as barracas de praia (principalmente por conta da existência das mega barracas, dividindo este atributo em: pequeno, médio, grande e mega). A escolha de quatro barracas se mostrou adequada pois, além da sua localização nos grupos de configuração espacial<sup>83</sup>, possibilitou explorar variações nos demais atributos da tipologia: paisagismo e programa.

As barracas escolhidas para aplicação de questionários foram (quadro 4):

- i) Tio Peixe: barraca de praia segregada, de pequeno porte, paisagismo ausente, sem piscina;
- ii) Vira Verão: barraca de praia Integrada Norte (mais integradas), porte médio alto e paisagismo simples, sem piscina;
- iii) Atlantidz: barraca Integrada Sul, porte médio, paisagismo elaborado, com piscina;
- iv) Crocobeach: mega barraca, localizada entre as Integradas Norte, com parque aquático e paisagismo elaborado.

BARRACA DE PRAIA	GRUPO CONFIGURAÇÃO	PORTE	PAISAGISMO	PROGRAMA
TIO PEIXE	SEGREGADAS NORTE	PEQUENO (24 quiosques)	AUSENTE	SEM PISCINA
VIRA VERÃO	INTEGRADAS NORTE	GRANDE (124 quiosques)	SIMPLES	SEM PISCINA
ATLANTIDZ	INTEGRADAS SUL	MÉDIO (62 quiosques)	ELABORADO	COM PISCINA
CROCOBEACH	INTEGRADAS NORTE	MEGA (193 quiosques)	ELABORADO	COM PISCINA

Quadro 4: Características de configuração e tipologia das barracas escolhidas para aplicação dos questionários.

Em cada barraca de praia a ocupação, o tamanho, o porte e a localização são diferentes, resultando em ambientes variados (mais ou menos requintados), com maior ou menor permeabilidade visual do calçadão à praia, trazendo consigo diferentes impactos e

<sup>83</sup> Entre as barracas de praia mais simples (segregadas e centrais) apenas uma foi escolhida como representativa pela pequena variação tipológica dessas barracas, além de não impactarem muito a faixa de praia e não ser o destino de grande parte do público.

relações pessoa-ambiente. Essas mudanças podem ser vistas na figura 32 (a imagem aérea da área de ocupação/influências das barracas na mesma escala) e na figura 33 (mostrando tratamentos paisagísticos e permeabilidades visuais nas barracas).



Figura 32: Imagem aérea das barracas e das área de ocupação: 1) Tio Peixe; 2) Vira Verão; 3) Atlantidz; 4) Crocobeach. Fonte: Google Earth, acesso em setembro de 2010, trabalhado pela autora.

Nas observações e nos questionários foi constatada a existência de diferentes públicos usuários e modos de apreensão do espaço, além de consolidar-se o entendimento da Praia do Futuro e suas barracas como uma grande área de lazer em Fortaleza. Seus atributos naturais, como a larga e extensa faixa de praia e o mar, ensejam o uso desse espaço como um ambiente restaurador, constatada pela importância dada aos atributos naturais e sensações pelo público respondente das barracas.

Em geral, nota-se que a percepção da Praia do Futuro por seus usuários se confunde com a visão que têm da(s) barraca(s) de praia que eles/elas frequentam, de modo que, neste aspecto, pode-se dizer que existem várias “Praias do Futuro”. A maioria das pessoas englobadas na pesquisa alegou que costuma frequentar mais do que uma barraca, dependendo do dia, da companhia, ou do humor, à exceção dos usuários da 'Tio Peixe', que,

majoritariamente afirmam manter-se fiéis a ela. A variedade de serviços atende à diversidade de perfis de pessoas que frequentam a área.

A maioria dos participantes mora em Fortaleza (64%), apesar de ter uma quantidade significativa de turistas, cuja presença variou bastante entre as barracas: a Crocobeach apresenta o maior número de turistas (68% dos respondentes desta barraca não moram em Fortaleza), enquanto que na Vira Verão esse número cai (17%). Além disso, o tempo de uso e a faixa etária também variam entre as barracas de praia. Diferenças existentes entre estas quatro barracas - quanto à sua estrutura e usos - reforçam a Praia do Futuro como um “caldeirão social”, como apontou ABREU (2005, p.86), em que a grande extensão da praia e a variedade de espaços (localização, tratamento, custo) ensejam seu uso por uma variedade de classes e perfis sociais.



**Figura 33: Imagens parciais das barracas: 1)** Faixa de praia da Tio Peixe a partir da estrutura principal; **2)** Gramado e faixa de praia da Vira Verão; **3)** Piscina da Atlantidz; **4)** Área de mesas próxima à piscina, na Crocobeach. Fonte: Arquivo Pessoal, 2009 e 2010;

### Barraca Tio Peixe

Localizada próximo ao bairro Vicente Pinzón, entre as barracas: da Tia e O Dionísio, faz parte do maior subgrupo de barracas mais simples: Segregadas Norte (15 unidades). Tem porte, paisagismo e programa representativos das barracas desse grupo: pertence ao grupo de menor porte (com 24 quiosques fixos), ausência de piscinas e de tratamento paisagístico (quadros 3 e 4 e figura 32).

O espaço de ocupação/influência da barraca tem 8,5m de frente, 10,5m de fundos por 85 m de profundidade<sup>84</sup>, ocupando aproximadamente 800m<sup>2</sup>. A estrutura principal com a cozinha, depósito e área de mesas cobre um espaço de 8,5m por 38m, sendo o restante do espaço a área de quiosques fixos na faixa de praia (separada da estrutura principal por uma área com uma estrutura maior coberta), ver figura 34. O espaço ocupado na faixa de praia com os 24 quiosques fixos é de 325m<sup>2</sup> (resultando em 13,5m<sup>2</sup>/quiosque).

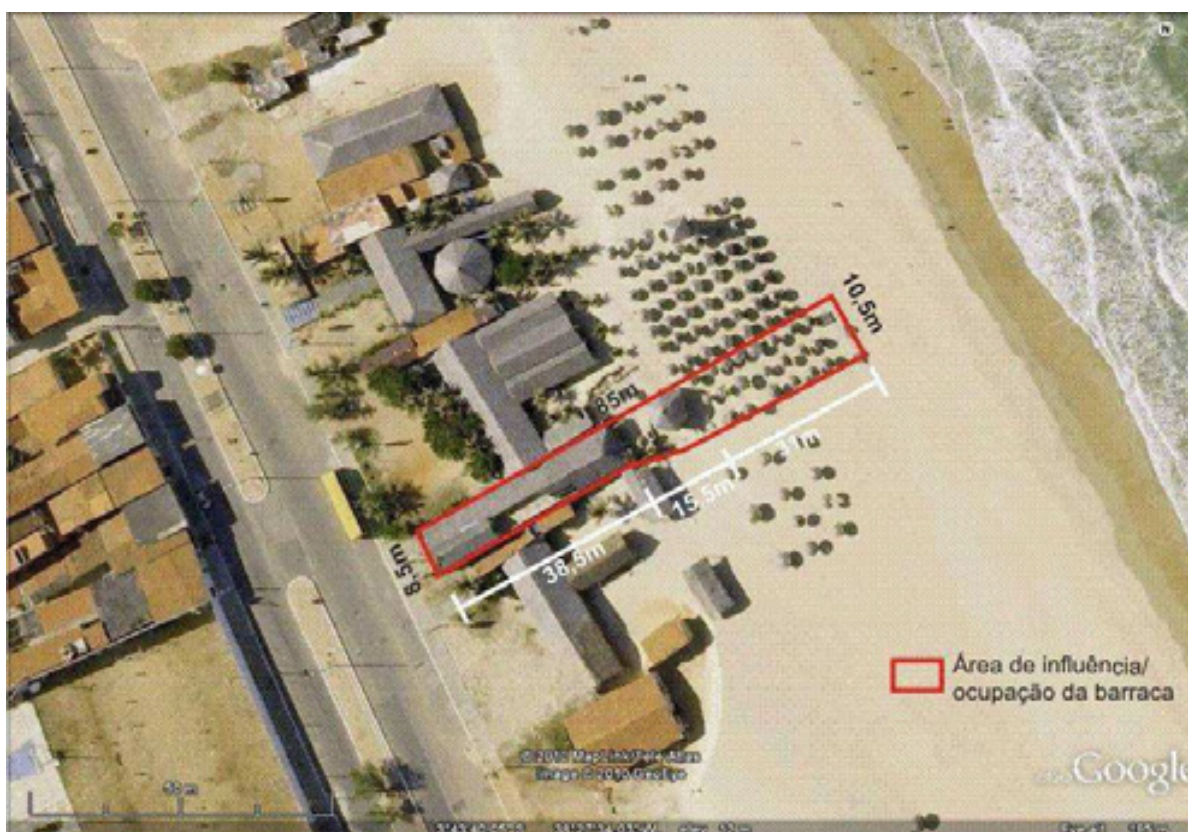


Figura 34: Imagem aérea da Tio Peixe e marcação da ocupação. Fonte: Google Earth, acesso em setembro de 2010;

<sup>84</sup> Todas as medidas de ocupação das barracas de praia constituem uma aproximação baseada nas estruturas de coberta. Uma aproximação por se constituir basicamente de espaços abertos com diferentes conjuntos de estrutura com diferentes formatos.

Nesta barraca o ambiente natural tem predominância sobre o construído, sofrendo as intempéries e a movimentação das areias (figura 35.1). Todas as cobertas são de palhas de carnaúba apoiadas por pilares em carnaúba (troncos), utilizando a alvenaria nas laterais da estrutura principal, na cozinha e na área de depósito. Devido à inexistência de paisagismo e simplicidade da construção existe uma maior permeabilidade visual e física, sendo possível ver a faixa de praia e o mar a partir da estrutura principal, seu acesso se assemelhando à um grande corredor (figura 33.1 e 35).



Figura 35: Imagens da barraca Tio Peixe: 1) Vista da faixa de praia (e das contenções ao movimento das areias); 2) Vista da estrutura principal a partir da entrada pelo calçadão. Fonte: Arquivo pessoal, agosto de 2010.

O perfil dos usuários da Barraca Tio Peixe mostra grande variedade no que concerne a faixa etária (público significativo em cada faixa), resultando numa população mais velha do que nas outras barracas (56% dos respondentes têm mais que 35 anos), tem também a maior parcela dos respondentes com filhos (71%) - ver quadro 5. A maioria dos respondentes reside em Fortaleza ou na RMF (84%), dos quais encontramos pessoas provenientes de bairros com perfis diversos de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano<sup>85</sup>), sendo a barraca com número mais marcante de respondentes de bairros com IDH baixo (15%), mesmo que esta parcela ainda seja menor que os respondentes provenientes de bairros com IDH alto (19%) e médio (65%) - quadro 6.

<sup>85</sup> De acordo com pesquisa do PPAA (Plano Plurianual do Município) 2006 - 2009, da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Os indicadores foram encontrados relacionando o bairro dos respondentes com os resultados publicados neste plano.

Quanto às relações de uso na Praia do Futuro, a Tio Peixe é a barraca que tem maior porcentagem de pessoas com longo tempo de uso da área (20% há mais de 24 anos e 21% entre 19 e 23 anos). A grande maioria costuma ir à área nos finais de semana (58%), sendo a barraca com maior parcela de respostas nessa frequência (quadro 7).

### Barraca Vira Verão

Pertence ao subgrupo das barracas Integradas Norte, situada entre a Barraca Feitiço do Sol e um bolsão de estacionamento, próximo ao prolongamento da Rua Francisco Teixeira de Alcântara. Tem paisagismo simples, com gramado e coqueiros, mas sem um tratamento mais elaborado e não tem piscina (figuras 33.2 e 37). Tem porte médio alto (124 quiosques), ocupando um lote de 40,5m de frente, 100 m de profundidade e 60 m de fundo (figura 36). A área de influência se aproxima de 5068m<sup>2</sup>, tirando o gramado (área de transição do calçadão para a área construída) ocupa 3793m<sup>2</sup> (estrutura principal e área de quiosques). Nas Quintas-feiras à noite o gramado é ocupado por mesas para a caranguejada. A área de quiosques fixos na praia é de 2160m<sup>2</sup> aonde se distribuem os 124 quiosques (17,4m<sup>2</sup>/quiosque).



Figura 36: Imagem aérea da barraca Vira Verão com a marcação da sua ocupação. Fonte: Google Earth, acesso em setembro de 2010, modificado pela autora;

Todas as estruturas de coberta e pilares são em carnaúba, à exceção da área de cozinha/depósito/vestiário, que têm paredes em alvenaria parcialmente revestidos por cerâmica. Apesar do grande espaço ocupado e capacidade de público, o paisagismo simples (ausência de cercas vivas e níveis elevados) permite certa permeabilidade visual pelo espaço (figura 33.2 e 37).



Figura 37: Imagens da barraca Vira Verão: 1) Área de mesas da estrutura principal; 2) Quiosques fixos na faixa de praia. Fonte: Arquivo pessoal, julho de 2009.

O público desta barraca está entre os mais jovens, com a maioria entre os 22 e 34 anos (62%) e inexistência de respondentes acima de 47 anos, sendo também a barraca de praia com a menor porção de respondentes com filho(s) – quadro 5. A maioria são fortalezenses (83%), provenientes de bairros variados, sendo a maioria com IDH médio (62% – como Fátima, Montese e Papicu), seguido pelo IDH alto (22% – como os bairros Meireles, Dionísio Torres e Cocó), alguns com IDH baixo (9% – como o Passaré e Lagoa Redonda). A própria frequência das pessoas é um grande atrativo da barraca de praia, que é considerada a barraca “da moda” entre seus frequentadores.

Sobre as relações de uso da barraca, a maioria (52%) dos respondentes conhecem a área há entre 19 e 23 anos. Comparando com a idade do público, conclui-se que a maioria frequenta a área desde a infância. Mesmo que seja a barraca com parcela mais significativas de pessoas frequentando a área vários dias na semana (12%), a maioria frequenta nos finais de semana (45%) ou uma/duas vezes por mês (21%). Nota-se a menor quantidade de respostas dentre as barracas trabalhadas com frequência nas férias (7%), ver quadro 7.

### **Barraca Atlantidz**

Representa o subgrupo das barracas integradas ao sul da Praça 31 de março – menos

integradas – na continuação da Av. Padre Antônio Tomás. Tem um porte médio (62 quiosques fixos), com piscina, escorregador e brinquedos ao seu redor (figura 33.3) e paisagismo elaborado, que inclui: gramado, denso coqueiral, lago artificial e uma fonte d'água na estrutura principal (ver quadro 4 e figuras 38 e 39).

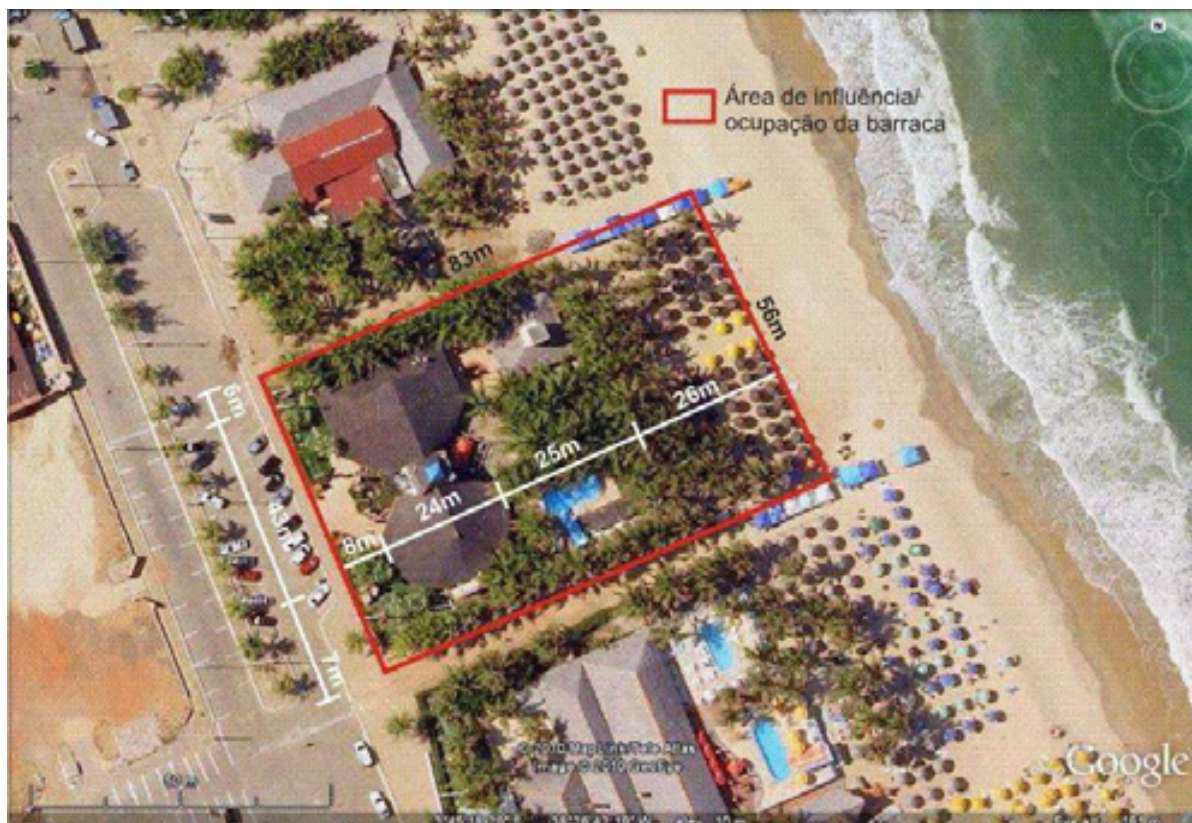


Figura 38: Imagem aérea da Atlântida e marcação da sua ocupação. Fonte: Google Earth, setembro de 2010, modificado pela autora;

A área de ocupação/influência da barraca tem 56 m de frente por 83 m de profundidade, totalizando 4648m<sup>2</sup>, dos quais a maioria é densamente ocupada, sem um gramado na frente do edifício principal, apenas um pequeno espaço de transição em um nível elevado<sup>86</sup>(figura 38). Os 62 quiosques fixos ocupam 56 m de largura por 26 m de profundidade na faixa de praia, resultando em 1456m<sup>2</sup> (23,5m<sup>2</sup>/quiosque<sup>87</sup>).

As cobertas são em palhas de carnaúba (figura 39), mas outros materiais são incorporados (paredes e pilares em alvenaria e madeiramentos em eucalipto) com um

<sup>86</sup> A Av. Zezé Diogo nesta faixa (das integradas sul), que tem dois sentidos de trânsito e um leito maior, com todas as estruturas principais das barracas de praia se aproximando mais da via em relação às barracas de praia integradas norte, aonde a Av. Zezé Diogo tem um leito menor.

<sup>87</sup> Nesse espaço existem também alguns espaços para massagem e existem também quiosques fixos e espaço na sombra de coqueiros para mesas, mesmo assim o espaço é menos densamente ocupado por quiosques e mais afastados, resultando em um espaço mais privado entre os quiosques.

tratamento mais rebuscado. A estrutura principal é mais alta que nas barracas anteriores. O espaço ocupado pela Atlantidz tem estruturas como: lago artificial, cascata, tabuados em madeiras com cercas de proteção acima do nível do chão (e do lago artificial) e uma maior densidade de vegetação, tornando o espaço introspectivo. Materiais regionais são misturados com estruturas em alvenaria com uma temática “greco-romana” (figura 39).



Figura 39: Imagens da Atlantidz: 1) Quiosques na faixa de praia; 2) Estrutura principal vista a partir da entrada. Fonte: arquivo pessoal, agosto de 2010.

O público desta barraca tem idades variadas (uma parcela significativa em cada faixa) e a maioria do público tem filhos – 54 % (quadro 5). O público fortalezense também é significativo (61 %), a maioria proveniente de bairros com IDH médio (48%), com a parcela mais significativa dentre as barracas de pessoas de bairros com IDH alto (46%) e apenas 10 % com IDH baixo (quadro 6). Boa parcela do público não mora em Fortaleza (39%), dentre os quais temos a maior parcela de estrangeiros (11%). Dentre o público fortalezense, tivemos a maior parcela dentre as outras barracas com IDH alto (43%). Costumam frequentar este espaço pessoas em busca de tranquilidade e um bom serviço.

Em relação ao uso e frequência encontramos diversos tipos de situações, enquanto 16% frequenta a Praia do Futuro há até seis meses, 16% frequenta há mais de 24 anos, distribuindo o restante do público nas faixas intermediárias (quadro 7). A frequência também varia: tem a parcela mais significativa entre as demais barracas do público visitando a área nas férias (29%), enquanto muitos frequentam a área nos finais de semana (26%).

## Barraca Crocobeach

É a barraca da Praia do Futuro com maior capacidade (193 quiosques fixos) e, juntamente com a Itapariká, forma a dupla das barracas de porte mega, localizadas em subgrupos diferente das barracas integradas: a Crocobeach entre as Integradas Norte e a Itapariká entre as Integradas Sul (figura 12.4 e 13.6). Ambas são desenvolvidas e ocupam um grande espaço na praia, compondo complexos de lazer com paisagismo elaborado e parques aquáticos e um programa de necessidades mais amplo (ver figuras 12.4, 13.6, 33.4, e 40 a 42). A Crocobeach é amplamente divulgada em hotéis, shoppings, tendo inclusive uma página na web<sup>88</sup>, mostrando a programação, localização e vídeos de eventos realizados.



Figura 40: Imagem aérea da Crocobeach com área de influência e medidas gerais. Fonte: Google Earth, setembro de 2010, modificado pela autora;

A barraca ocupa um espaço de 100 metros de frente por 110 m<sup>89</sup> de profundidade, totalizando uma área de ocupação de 11000m<sup>2</sup>, dos quais 193 quiosques fixos na faixa de praia correspondem à 2900m<sup>2</sup> (15m<sup>2</sup>/quiosque).

<sup>88</sup> [www.crocobeach.com.br](http://www.crocobeach.com.br), com o slogan: “Esta é a sua praia”, acesso em novembro de 2009.

<sup>89</sup> A profundidade da barraca varia com o desenho curvado do calçadão no encontro com o gramado. A medida de 110 metros equivale à profundidade do meio da barraca (em relação à largura)

As cobertas da Crocobeach são em palhas de carnaúba apoiadas por madeiramento, incorporando nos apoios dos pilares estruturas em alvenaria (figura 41.1). O tratamento do espaço é elaborado e introspectivo, o gramado tem cercas vivas no encontro com o calçadão e seu espaço é densamente ocupado por coqueiros (figuras 40 e 42). Os acessos são marcados por portais metálicos e constituem a programação visual da barraca e divulgação da programação de eventos (shows de humor e música, caranguejada, etc.). No espaço ocupado existem lagos artificiais sombreados por coqueiros (figura 41.2), parque aquático (uma grande piscina com escorregador e brinquedos para crianças – figura 33.4), dois palcos para shows, restaurantes, sauna, área de massagem, restaurante *self-service*, etc.

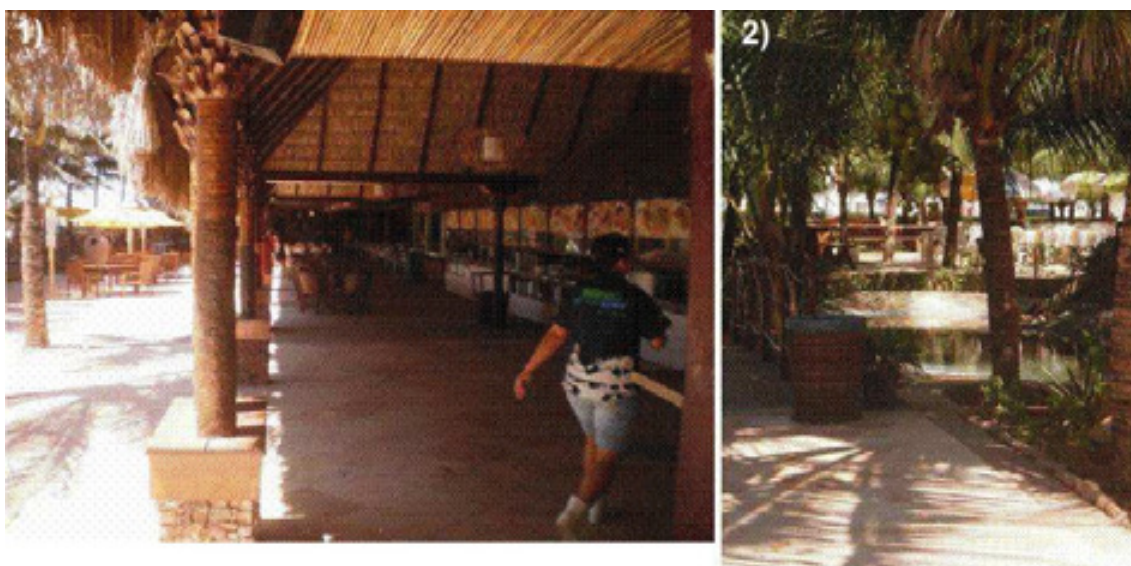


Figura 41: Imagens da barraca Crocobeach: 1) Área de mesas junto à estrutura central; 2) vista da ponte e lago artificial junto à entrada a partir da estrutura principal. Fonte: arquivo pessoal, agosto de 2010.

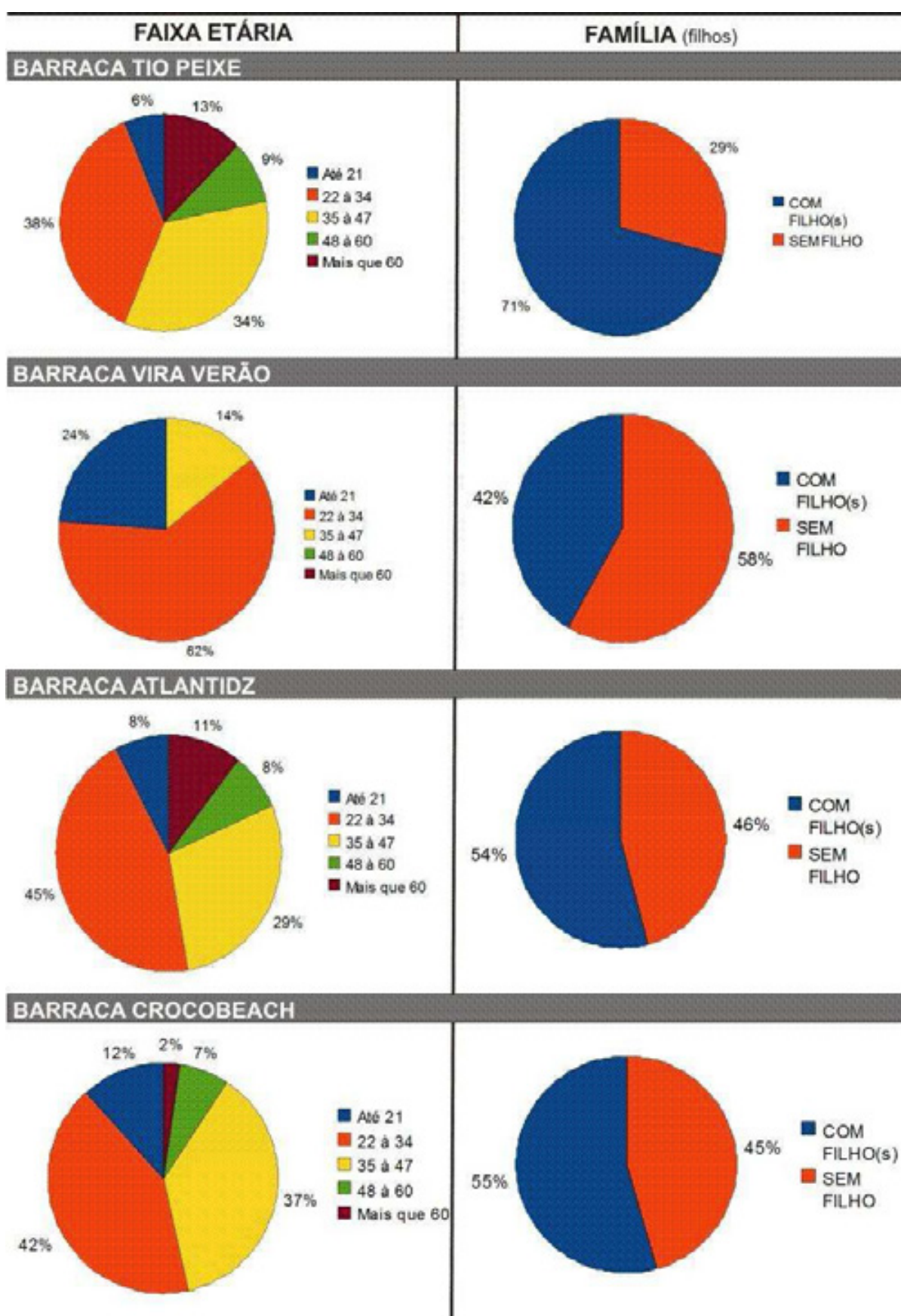


Figura 42: Crocobeach vista do calçadão. Fonte: Arquivo Pessoal, 2009.

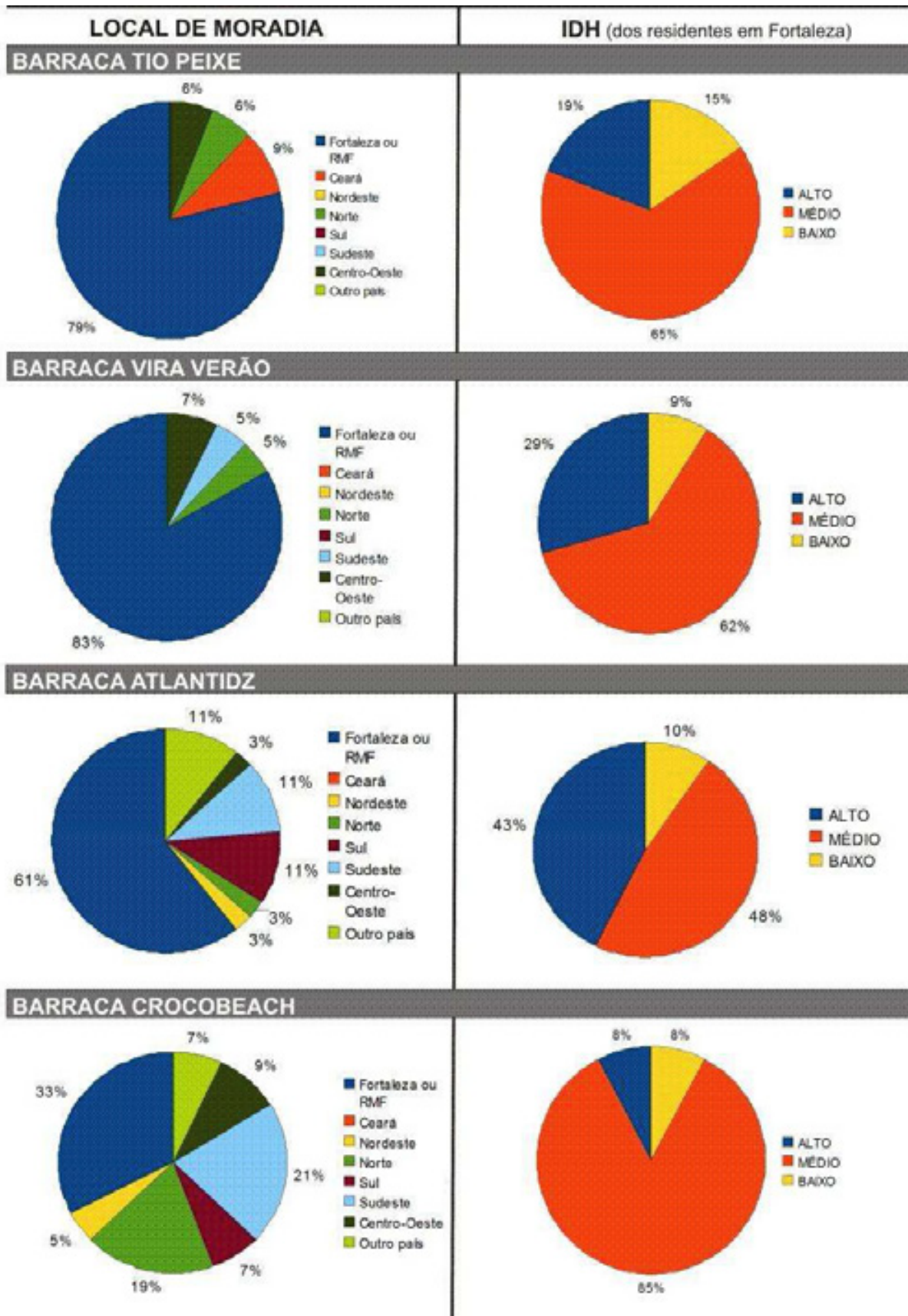
A maioria do público desta barraca se concentra nas faixas de 22 a 34 anos (42%) e 35 a 47 anos (37%), embora existam usuários distribuídos nas demais faixas (quadro 5), verifica-se que mais da metade desse público tem filhos (55%). A maioria dos usuários não mora em Fortaleza: 67%, a maior margem entre as barracas de praia pesquisadas, dentre os quais estão turistas estrangeiros (7%) e brasileiros (60% – dos quais a maioria provenientes das regiões sudeste e norte, respectivamente 21 e 19% do público) – ver quadro 6. Dentre o público de Fortaleza, a maioria provém de bairros com IDH Médio (85%), distribuindo o restante entre os provenientes de bairros com IDH alto e baixo (cada um equivalendo a 8%).

Nesta barraca temos a maior parcela de pessoas que conhecem/frequentam a Praia do Futuro há pouco tempo: 38% há até seis meses e 31% entre seis meses e seis anos. Alguns respondentes que conhecem a área há mais tempo costumam ser pessoas que estão acompanhando amigos turistas visitando Fortaleza. Boa parte dos respondentes frequentam a área nas férias ou períodos variáveis de acordo com a visita à cidade (ambas com 33% das respostas), uma parcela menor do público frequenta a área nos fins de semana, ou uma ou duas vezes por mês – quadro 7.

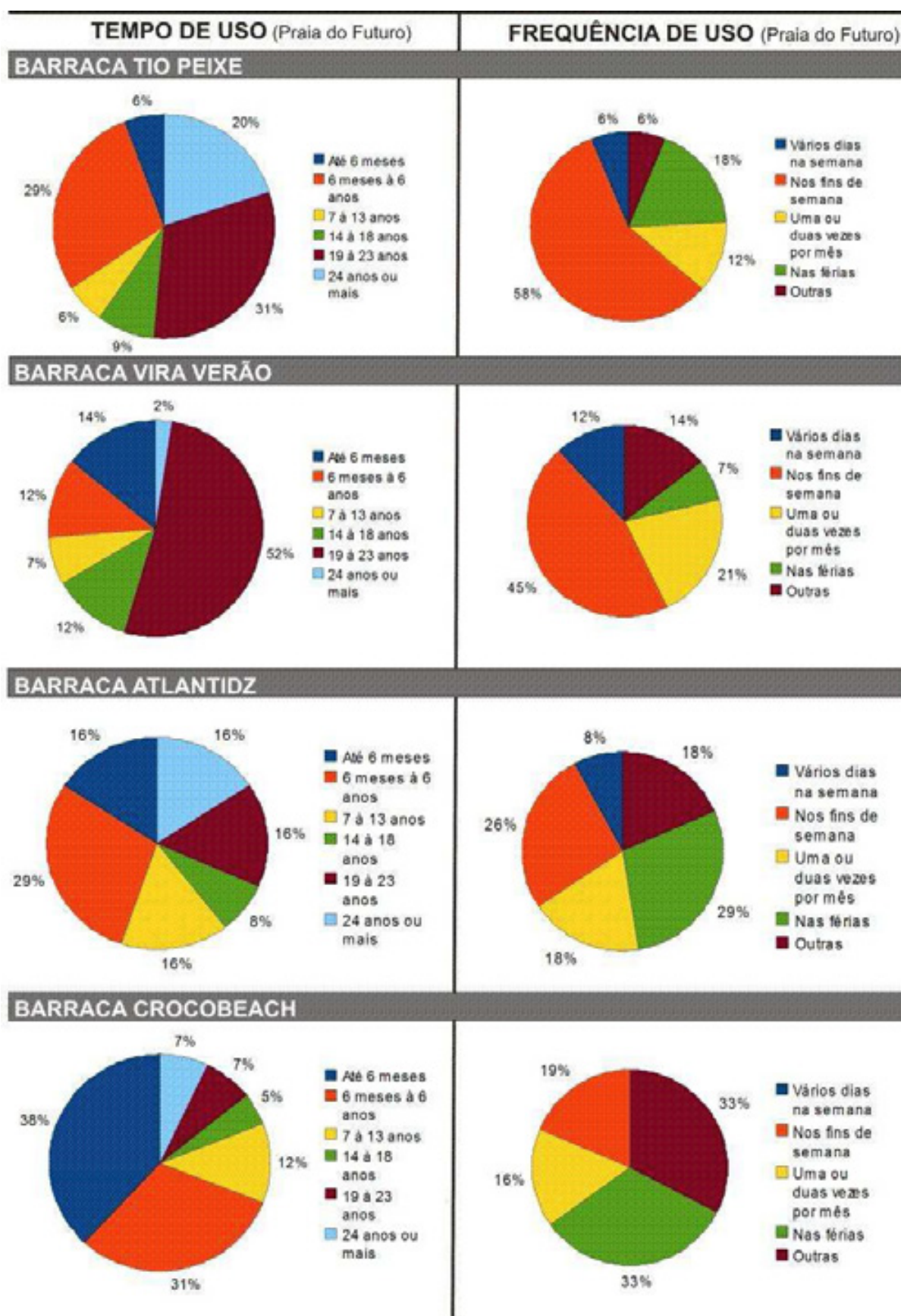
Comparando o público com a configuração e tipologia das barracas estudadas, nota-se que as barracas de praia mais integradas (Crocobeach e Vira verão) têm o público mais jovem enquanto que os mais velhos e famílias tendem a ir para espaços menos acessíveis (Tio Peixe e Atlântidz). Por outro lado, as barracas com paisagismo e programa mais elaborado tende a concentrar mais turistas (Crocobeach e Atlântidz). Destes a barraca com perfil mais rico é a que está com uma acessibilidade média, porte médio e programa/paisagismo elaborado: Atlântidz.



Quadro 5: Perfil dos usuários das barracas de praia: faixa etária e família (se têm ou não filhos).



Quadro 6: Perfil dos usuários das barracas de praia: Local de moradia e IDH - Índice de Desenvolvimento Humano (dos residentes em Fortaleza).



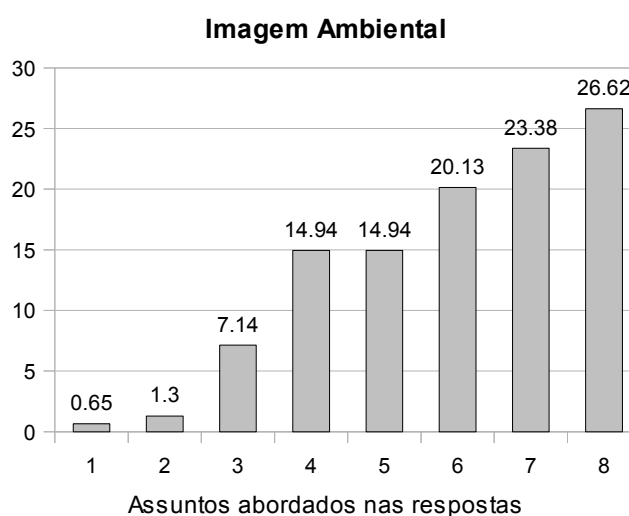
Quadro 7: Relações de uso dos respondentes das barracas de praia com a Praia do Futuro: tempo e frequência de uso.

## Aspectos trabalhados nos questionários

Algumas questões informam a percepção e as atividades desempenhadas pelos usuários da área, relacionando também a importância dos atributos da praia sob o ponto de vista dos frequentadores. Os aspectos trabalhados referem-se às questões abertas e estão na mesma ordem quando da aplicação dos questionários (apêndice a). As respostas foram codificadas e organizadas, permitindo fazer paralelos entre as percepções dos usuários (ver capítulo metodológico).

### A Imagem da Praia do Futuro

A imagem ambiental foi encontrada perguntando ao público sobre a primeira coisa que vem à mente quando se pensa na Praia do Futuro. Constatou-se a grande importância dos atributos naturais e paisagísticos da praia formando uma imagem que reforça sua vocação para o lazer. Constantemente os respondentes indicaram: aspectos naturais (26,6%), seguida pelo lazer contemplativo e sensação (23,4% e 20,1%). Estrutura e lazer de consumo foram mencionados por 15% dos usuários, lazer social citado por 7%, e 2% se referiu a aspectos negativos (poluição e insegurança) – gráfico 2. Os aspectos naturais se mostram ainda mais relevantes já que o lazer contemplativo e sensação tem o ambiente natural como perspectiva. Estes aspectos também reforçam a vocação da área como grande ambiente restaurador dentro da cidade.



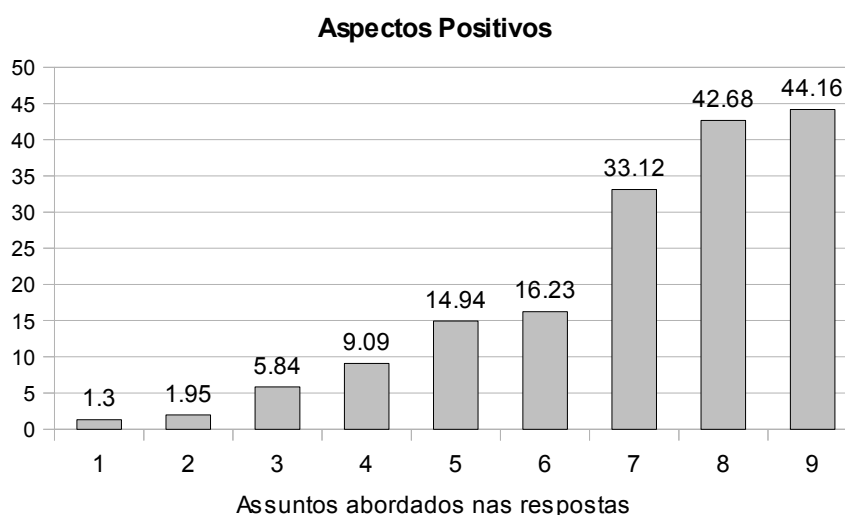
**Gráfico 2: Legenda:** 1) Poluição; 2) Insegurança; 3) Lazer Social; 4) Estrutura; 5) Lazer de Consumo; 6) Sensação; 7) Lazer Contemplativo; 8) Natureza.

Ao analisar as respostas obtidas em cada barraca verifica-se que: (i) a Tio Peixe recebeu a maioria das respostas relativas ao lazer contemplativo (38,7%), seguida pela natureza (25,8%); (ii) a Vira Verão teve 36,8% de respostas relativas à natureza, seguida pelo lazer de consumo (21%) e contemplativo (15,8%); (iii) Na Crocobeach a maior parte das respostas remeteram a sensações (36,8%), seguido pelo lazer contemplativo (23,7%) e natureza (21%); (iiii) A Atlantidz teve a maioria das respostas entre Natureza e Estrutura (ambas com 26,3%) seguido por lazer contemplativo e sensação (ambas com 23,7%). As barracas na sua maioria variaram entre natureza, lazer e sensação como pontos mais importantes, apenas na Atlantidz menções à estrutura das barracas foi mais relevante, mesmo que equiparado com a natureza.

As respostas citando aspectos negativos remeteram à insegurança (2 menções) e à poluição (1), e vieram de fortalezenses que moram em bairros próximos (até 8 km da área), sendo dois usuários da Vira Verão e um da Crocobeach.

### Apego

Quando questionados sobre o que mais gostam na área, as respostas reforçam a importância dos atributos naturais (42,8%) e destacam as barracas enquanto estrutura de apoio ao lazer (44,16%). O lazer de consumo foi o terceiro aspecto mais mencionado (com 33,1%), seguido pelo lazer contemplativo e social, ambos próximos de 15 % (gráfico 3).



**Gráfico 3: Legenda:** 1) Outros; 2) Localização; 3) Sensação; 4) Serviço; 5) Lazer Social; 6) Lazer Contemplativo; 7) Lazer de Consumo; 8) Natureza; 9) Estrutura;

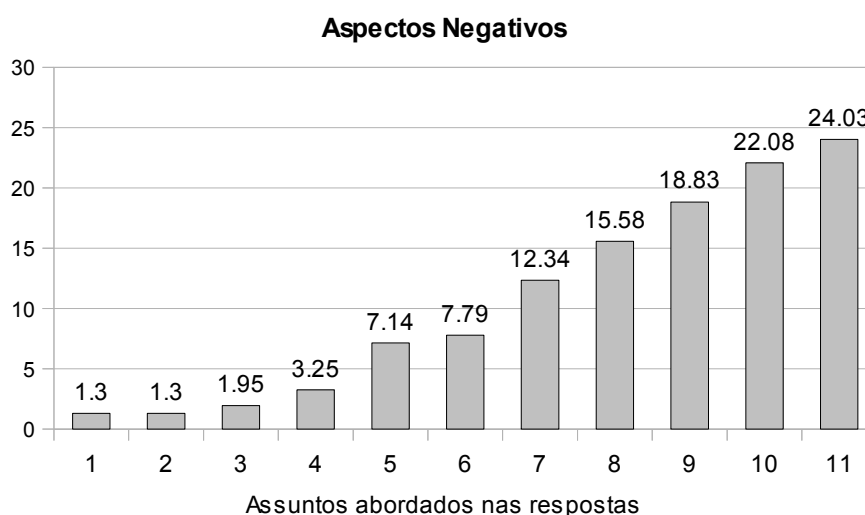
Entre as barracas a importância dos assuntos mencionados variaram. Na Crocobeach e na Atlantidz a estrutura das barracas é enfatizada, enquanto que na Tio Peixe e na Vira Verão os aspectos relacionados à natureza e ao lazer de consumo são mais mencionados: (i) Na Crocobeach a estrutura foi mencionada em 58% das respostas, seguido pela natureza (37,2%), lazer de consumo e serviço (cada com 14%); ii) A Atlantidz também teve as respostas concentradas na estrutura das barracas (60,5%), seguido pela natureza (42%) e o lazer de consumo (32%); (iii) Na Tio Peixe os assunto mais abordados foram o lazer de consumo (48,4%) e a natureza (42%), depois a estrutura, com apenas 13% das repostas; (iv) Na Vira Verão metade das respostas mencionaram aspectos naturais (50%), seguido pelo lazer de consumo (43%), lazer social e a estrutura das barracas (cada com 38%).

### **Aspectos Negativos**

Questionados sobre o que menos gostavam na Praia do Futuro, as respostas se referiram principalmente: ao comércio na praia, os ambulantes (24% das pessoas mencionaram este aspecto), à insegurança na área (22%) e à poluição (sonora e visual) da área (18,8%). Algumas pessoas citaram o serviço das barracas e um número significativo (12,3 %) dos participantes não respondeu a questão. Outras respostas giraram em torno da lotação e aspectos da estrutura das barracas (gráfico 4).

Esses aspectos mudam entre as barracas de praia, mostrando que a visão da Praia do Futuro se confunde com a visão que tem das barracas que frequentam: i) A Crocobeach (a maior barraca de praia, com mais turistas, aonde se observou muitos ambulantes) tem a parte mais significativa das respostas mencionando o aspecto do comércio (37%), relacionando-o aos vendedores ambulantes. Grande parcela não respondeu à questão (20,9%), seguido por serviço, insegurança e poluição, cada uma tendo 11,63% das menções; ii) A Atlantidz também tem a maioria das respostas citando o comércio ambulante, mas com menor discrepância (31,6%), seguido de perto pelo serviço da barraca e insegurança (cada uma com 29%); iii) A Tio Peixe – com estrutura menor e aonde se observou menor policiamento – teve a maioria das respostas concernindo a insegurança (32,3%), seguido pela poluição (22,6%); iv) A Vira Verão – que se localiza do lado de um bolsão de estacionamento que canaliza uma saída de água e é muito frequentada – teve a maioria das respostas relacionadas à poluição (35,7%), seguida pela insegurança e lotação (cada uma com 19%).

A diferenciação das respostas pode estar relacionada à procedência dos respondentes e relação de uso com a área, sendo que a maioria dos respondentes que não responderam a questão foram os turistas, provavelmente não conseguindo identificar, com pouco tempo de uso, aspectos negativos da praia, ou indicando apenas aspectos visíveis em um curto prazo de tempo (como os ambulantes). Além disso, as barracas aonde foram observados maior assédio de vendedores ambulantes foram justamente aquelas com maior número de turistas e/ou pessoas com maior renda (relaciona-se aqui ao IDH). As demais barracas apontam para outros aspectos negativos, relacionando aspectos perceptíveis à médio e longo prazo: como a poluição e a insegurança na área.

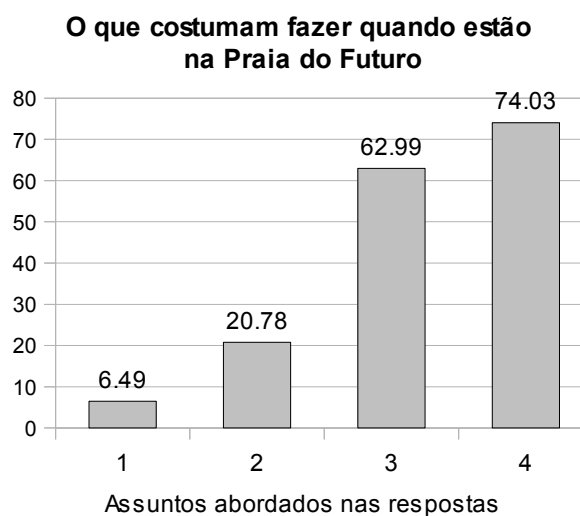


**Gráfico 4: Legenda:** 1) Nada; 2) Localização; 3) Lazer Social; 4) Natureza; 5) Lotação; 6) Estrutura; 7) Nenhuma resposta; 8) Serviço; 9) Poluição; 10) Insegurança; 11) Comércio (ambulantes).

### O que as pessoas fazem (Atividades)

Respostas foram obtidas perguntando sobre o que faziam quando estavam na Praia do Futuro. As atividades foram divididas em: Lazer de Consumo, Lazer Contemplativo, Atividades Sociais e Lazer Esportivo. A grande maioria desenvolve o lazer contemplativo quando está na praia, mostrando a importância do cenário da praia para: relaxar na sombra, descansar, tomar banho, tomar banho de sol e até dormir, seguido pelo lazer de consumo, como: beber, comer, que enfatiza a importância das barracas para as atividades dos usuários, além de servir de apoio para as demais atividades (lazer contemplativo). Deve-se ter em consideração que, embora outras atividades possam ser desempenhadas, as que foram mencionadas têm maior importância na visão dos usuários.

Cerca de 74% das respostas mencionaram o lazer contemplativo, 63% mencionaram o lazer de consumo, 20,8% se referiram ao lazer social e 6,5% ao lazer esportivo (gráfico 5). Normalmente uma pessoa cita mais que uma atividade, algumas vezes de natureza semelhante como: *“Passeando, no mar, sol, apreciando o momento”* (q105Cf<sup>90</sup>), indicando lazer de contemplação, ou se refere a aspectos de naturezas diversas, como: *“Tomar cervejinha, caranguejo, conversar com amigos, tomar banho de mar”* (q153Pm), aonde se inclui: lazer de consumo, atividade social e lazer contemplativo.



**Gráfico 5: Legenda:** 1) Lazer Esportivo; 2) Lazer Social; 3) Lazer de Consumo; 4) Lazer Contemplativo.

Esta ordem de importância dos assuntos não muda entre as barracas, sendo observadas apenas algumas variações: - (i) Na Vira Verão o lazer social foi mencionado acima da média (23,8%), relacionado à paquera e a encontrar com os amigos, como: *“Beber, paquerar e tomar banho de mar”* (q59Vm); (ii) A barraca Atlantidz e Vira Verão tem parcela mais significativa praticando esportes (10,5% e 11,9%, respectivamente), divididas entre surfar, jogar futebol e frescobol.

### O que atrai as pessoas a uma barraca de praia

Os principais motivos de atração às barracas de praia são os serviços oferecidos pela mesma (43,5% citaram este aspecto), lazer social (40%) e a estrutura (em 32% das respostas).

<sup>90</sup> Citações dos questionários, indica: q: questionário seguido do número (neste caso questionário n. 105, seguido pela sigla da barraca (C – Crocobeach; A – Atlantidz; P – Tio Peixe; V – Vira Verão), seguido pelo gênero: F – Feminino; M – Masculino.

Outros aspectos citados foram: conceitos, custo, atributos naturais, propaganda e “para variar”. A menção destes aspectos muda de acordo com a barraca.

Nas barracas Atlantidz e Crocobeach os aspectos mais citados foram, em ordem decrescente: Estrutura (respectivamente 50% e 48,8%), Serviço (respectivamente 47,37% e 44,2%) e Lazer Social (respectivamente 23,7% e 25,6%). O papel da estrutura como atração é menor na Vira Verão (19,5%), não sendo mencionado na Tio Peixe; em ambas, o lazer social e serviço ganham força, respectivamente 71,4% e 40,5% na Vira Verão, e 38,7% e 41,9% na Tio Peixe. Nesta última, o terceiro aspecto foi o custo (13%).

De modo geral, este tópico mostra a importância da estrutura para a atração dos usuários nas barracas Crocobeach e Atlantidz. A barraca Vira Verão se mostra como grande ponto de atração social e a Tio Peixe uma barraca com um misto de atração pela intimidade com a barraca (aspecto social), o serviço e menor custo. O serviço em todas as barracas teve importância para os usuários.

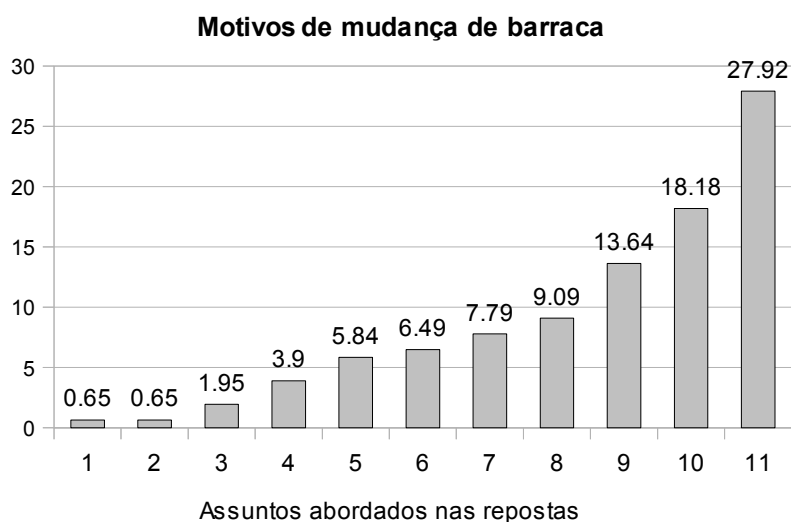
#### **Quanto a mudar de barraca**

Quando questionadas sobre o motivo da mudança de uso da barraca frequentada anteriormente para esta, 18,2% não responderam a questão, correspondendo às pessoas que não frequentaram outra barraca de praia. Dentre os assuntos abordados, a resposta mais citada foi simplesmente: “para variar” (28%). Outras respostas abordaram assuntos mais específicos, relacionadas a: i) Lazer Social (13,6%); ii) Estrutura (9%); iii) Sensação (8%); iv) Custo (6,5%); v) Lazer de Consumo (6%), etc. – gráfico 6.

Todas as barracas tiveram uma quantidade significativa de respostas: “para variar”, sendo sempre o 1° ou 2° quesito mais abordado (Atlantidz: 43%; Vira Verão: 24%; Crocobeach: 23%; Tio Peixe: 23%). Percebendo diferenças entre as barracas, notamos que: i) a Crocobeach foi a que teve maior ausência de respostas (30%), podendo ser atribuído ao fato de se tratar de pessoas que conhecem a área há pouco tempo, conhecendo apenas esta barraca; ii) a Atlantidz, depois do motivo “para variar”, teve 16,7% das respostas relacionadas à estrutura, e a mesma quantia sem resposta; iii) Na Vira Verão o assunto mais abordado foi o lazer social (33,3%); iv) Na Tio Peixe o custo teve o maior peso entre as barracas (com 19,4%), seguido por atividades sociais (13%).

Percebe-se que a existência de barracas diferentes é importante para todos os perfis

de usuários, com a maior quantidade de respostas relacionando a escolha das barracas de praia simplesmente para variar, muitas vezes condicionada pela companhia e pelo humor.



**Gráfico 6: Legenda:** 1) Insegurança; 2) Evento; 3) Propaganda; 4) Localização; 5) Lazer de Consumo; 6) Custo; 7) Sensação; 8) Estrutura; 9) Lazer Social; 10) Nenhuma resposta; 11) Para Variar.

### **Importância das barracas da Praia do Futuro para Fortaleza**

Este aspecto foi abordado perguntando aos usuários pela sua opinião sobre a importância das barracas da Praia do Futuro para Fortaleza. Por ser uma questão aberta e subjetiva, muitos aspectos foram citados, mesmo que a maioria considerou as barracas importantes para o turismo na cidade, que foi citado em 51,3% das respostas, destes apenas 20% citaram só turismo e o restante (31,3%) mencionou outros aspectos juntamente com o turismo. Outros assuntos abordados nas respostas relacionaram-se a: (i) a importância da estrutura das barracas fornecendo conforto e praticidade (42,9%); (ii) seu papel para o lazer local (22,7%); (iii) sua importância econômica (12,3%); (iv) qualidade do serviço oferecido (11,7%). Apesar de representar uma pequena quantidade de respostas, alguns mencionaram os aspectos territoriais (4,5%) com seis menções (gráfico 7).

Muitas respostas misturaram os aspectos de turismo com lazer, economia, singularidade e/ou estrutura, como se observa nas respostas a seguir, comentando sobre a importância das barracas de praia para o turismo e para o lazer, indicando que sua existência e consolidação criou um padrão de serviços considerado necessário para a área:

“Um lugar de lazer, um apoio à praia. Hoje em dia as barracas são restaurantes preparados para

fortalezenses e para turistas. Sem elas ficaria a desejar.” (q1Cf)<sup>91</sup>.

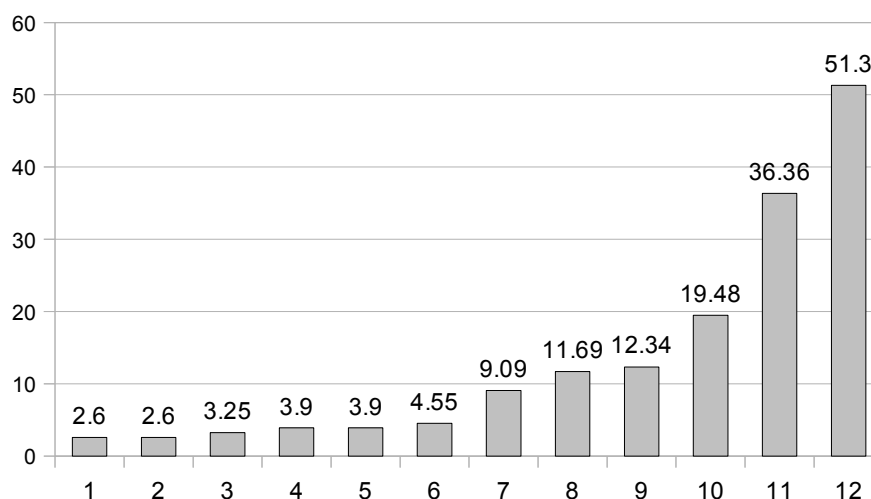
“Turismo, pois nenhuma praia tem a comodidade que esta tem.” (q12Cf)

“Opção de lazer muito bem estruturada. Turismo de praia e com infraestrutura. Mais espaço para esporte, praia, e infraestrutura.”(q26Am)

“É necessário por causa dos turistas. Fortaleza sem barracas é nada.”(q128Pf)

“Pro turismo principalmente. Fortaleza praiana.” (q129Pm).

**Importância das barracas da Praia do Futuro para Fortaleza**



**Gráfico 7: Legenda:** 1) Lazer de Consumo; 2) Propaganda; 3) Localização; 4) Questões Territoriais; 5) Conceito; 6) Social; 7) Singularidade; 8) Serviço; 9) Economia; 10) Lazer; 11) Estrutura; 12) Turismo.

No aspecto da estrutura, as barracas foram apontadas como importantes para a segurança da área que, sem a sua presença, estaria mais insegura, como neste depoimento:

“A Praia do Futuro sem as barracas dá margem aos maus elementos. As barracas protegem a praia, senão os maus elementos desceriam do morro. Oferece sombra, barraca...”(q153Pm)

Ressalte-se que cerca de 4% das respostas salientam aspectos negativos relacionados a questões territoriais de ocupação da praia, algumas contendo recomendações:

“Em termos de ter uma organização, estrutura, mas também não deixa de ser um esquema privado.”(q71Pm).

“Infraestrutura para os turistas (salienta que as barracas deveriam tapar menos a vista para o mar, falta padronização)” (q25Vf).

A variedade das respostas retoma diversos aspectos das barracas e a sua influência na

<sup>91</sup> Sigla para identificar citações dos questionários indicam: q: questionário seguido do número (neste caso questionário n. 105, seguido pela sigla da barraca (C – Crocobeach; A – Atlantidz; P – Tio Peixe; V – Vira Verão), seguido pelo gênero: f – Feminino; m – Masculino.

cidade, como a distribuição dos usuários da Praia do Futuro entre turistas e moradores, dividindo entre si um mesmo cenário de uso para o lazer. Neste caso, a diferenciação entre estes usos está relacionada à barraca a que a maioria se direciona, com os turistas frequentando barracas com uma maior infraestrutura e propaganda (Crocobeach e Atlantidz), em que o ambiente mais requintado se faz, em boa parte “para turista ver”. Constrói-se a ideia de uma paisagem exótica favorecida por inúmeros serviços que não condizem com a praia fortalezense e seu uso pelos habitantes da cidade, e é esta a imagem veiculada como relevante. Esta tendência pode ter muito mais a ver com um movimento de *turistificação*, de criação de parques temáticos como atrativos (e cobram por isso) do que a uma real necessidade para o usufruto da área tanto pela população turista quanto pela moradora. Como atesta a imagem sócio ambiental, o grande atrativo da área continua sendo o ambiente natural: o mar e a praia.

Nas barracas simples aspectos naturais e lazer são enfatizados, com a oferta de um serviço simples, sem demandar estruturas requintadas para seu proveito. Nesse sentido, as barracas abordadas indicam clara diferença no que concerne o impacto da ocupação na faixa de praia. O conjunto das respostas nos locais de aplicação dos questionários mostrou a existência das barracas como fundamentais para o uso da área, como:

“Fundamental. Turismo. Mais próxima.” q96Am

“São as que atraem o povo. Sem as barracas as pessoas não viriam.” q136Vm

“Sem elas, não dá pra ficar. Atrai.” q127Pm

Os assuntos trabalhados mostram aspectos relevantes de uso das barracas e, juntamente com o perfil dos usuários, evidencia paralelos com a escolha de determinados espaços por públicos diferentes. Outros aspectos importantes foram: a variedade de espaços para todos os envolvidos, e o papel das barracas de praia como apoio ao lazer (abrigo do sol e vento, água doce, bebidas e alimentos, principalmente). Tais aspectos também são lidos pelos usuários como uma singularidade da Praia do Futuro, um ponto positivo para o lazer.

Outro aspecto a ser evidenciado é a procura dos turistas por espaços mais trabalhados e as diferenças existentes entre as barracas de praia Integradas Norte (maiores, mais simples e com público mais jovem) e a Integrada Sul, um pouco menos acessível, com porte médio e clientela com IDH mais alto. A segregada (Tio Peixe) mais simples tem um perfil de idades mais variadas e, ao mesmo tempo, mais fiéis.

## **CAP. 6 - Nem tanto ao mar, nem tanto à terra (Considerações Finais)**

---

Este capítulo resume achados importantes das análises da situação em estudo e tece considerações gerais derivadas destes resultados, as quais apontam caminhos para discussão daquela realidade e do futuro das barracas da Praia do Futuro. Desta maneira cumpro a principal finalidade da dissertação: oferecer uma reflexão ponderada sobre o objeto em pauta.

Inexoravelmente, minhas opiniões permeiam grande parte do texto sendo essencial ressaltar que elas também foram (re)formadas no decorrer deste trabalho.

Um primeiro ponto a assinalar é o fato da dissertação ter abordado a reciprocidade entre pessoa e ambiente por meio de eixos teóricos diferentes, como sejam: a Lógica Social do Espaço e a Percepção Ambiental. Tem como ponto de partida uma revisão sobre a dinâmica intra urbana, permitindo compreender o crescimento/desenvolvimento da cidade e a localização da Praia do Futuro neste contexto como uma centralidade de lazer, construindo um paralelo com a análise global pela Configuração Espacial. A metodologia adotada misturou estudos com foco em aspectos quantitativos e qualitativos: i) o quantitativo partiu da análise da configuração espacial para o grau de desenvolvimento das barracas, das quais foram escolhidas quatro com características tipológicas diferentes; ii) o qualitativo investigou usos e percepção da área nestas quatro barracas questionando diretamente as pessoas usuárias destes espaços. A complementaridade entre esses eixos de análise no estudo de uma área urbana com fortes atributos naturais e grande utilização pela população aponta um caminho metodológico para a abordagem de ambientes com características semelhantes.

A dinâmica de crescimento da cidade para o leste (DIÓGENES, 2007) tem paralelos com a análise realizada na configuração espacial em escala global (mapa axial de Fortaleza), mostrando o núcleo de integração distribuído entre os bairros Centro e Aldeota (localiza-se ao leste do Centro). A Praia do Futuro se encontra neste eixo de expansão, próxima (geometricamente) ao núcleo e, mesmo que a área não tenha uma integração tão alta<sup>92</sup>, tem fortes magnetos para o seu uso: i) atributos naturais (a praia e o mar); ii) infraestrutura para

---

<sup>92</sup> Ocasionalmente pela descontinuidade da malha: i) pela mudança de sentido das malhas viárias (seguem o direcionamento da orla); ii) pela menor densidade da malha de ligação entre a Praia do Futuro e o núcleo de integração.

o lazer (as barracas de praia).

O foco de lazer nas praias seguiu a dinâmica de expansão da cidade, mudando da Praia Formosa para o Meireles, o Mucuripe e, finalmente, a Praia do Futuro, hoje em dia importante área de lazer da cidade. A singularidade dessa área foi entendida pela pequena densidade urbana apesar do fácil acesso e da larga e extensa faixa de praia (promovida pela construção do Porto do Mucuripe), diferindo de outras áreas litorâneas de Fortaleza e de cidades porte semelhante. Entende-se que tal situação foi promovida pela forte maresia na área, que teve influencia no ritmo de ocupação. Estes fatores promoveram o estabelecimento das barracas de praia na área desde o início da ocupação como infraestrutura para o lazer, atingindo grande nível de desenvolvimento e diferenciação.

Essas diferenciações foram estudadas pelo paralelo Forma-Uso: análise da configuração espacial com a tipologia edilícia das barracas. A inserção das barracas na malha urbana foi analisada pelas diferenças de acessibilidade topológica da sua via de acesso (Av. Zezé Diogo), identificando grupos de barracas: i) Integradas: localizadas na grande faixa central da área, subdivididas em: Norte (mais integradas) e Sul (menos integradas); ii) segregadas: subdivididas nos extremos Norte e Sul; iii) conjunto de barracas na área central, menos acessível por se encontrar próximo à Praça 31 de Março<sup>93</sup>, e este representar uma barreira. A observação desses grupos indicou haver relações entre acessibilidade (ou localização) e as categorias construtivas dessas barracas, que foram analisadas com maior profundidade a partir da atribuição de três conjuntos de variáveis para o desenvolvimento das ocupações: porte (capacidade), tratamento paisagístico e programa (presença ou ausência de piscina).

As barracas de praia com menor acessibilidade topológica se desenvolveram menos com o passar do tempo, sendo majoritariamente de pequeno porte, sem paisagismo e sem piscinas.

As barracas de praia integradas se desenvolveram mais: i) as Integradas Norte têm os maiores portes, têm tratamento paisagístico um pouco rebuscado e algumas barracas com piscina; ii) as Integradas Sul têm na maioria portes médios, mas tratamentos paisagísticos mais elaborados e uma parcela significativa com piscina (programa mais desenvolvido).

Mesmo que a quantidade de barracas de praia segregadas e integradas não seja tão

---

<sup>93</sup> A Praça 31 de março ocupa um espaço de dois quarteirões e encontra-se abandonada, sem funções.

diferente (respectivamente 46 e 38), a diferença entre os impactos ocasionados por estes grupos são grandes. Por exemplo a Crocobeach (maior barraca da Praia do Futuro), tem 193 quiosques fixos, ocupa o dobro de espaço de outras barracas já consideradas grandes, seu tratamento paisagístico também torna sua ocupação mais densa que outros espaços além do seu programa incorporar vários espaços (como complexo aquático, restaurante, spas, áreas de massagem, lojas, palcos para shows).

Para explorar mudanças de público e percepção – como já eram intuídos nas análises anteriores – foram escolhidas quatro barracas para aplicação de questionários: i) Tio Peixe: Segregada Norte, com pequeno porte, sem paisagismo e sem piscina); ii) Vira Verão: Integrada Norte, com porte grande, paisagismo simples e sem piscina; iii) Atlantidz: Integrada Sul, com porte médio, paisagismo elaborado e parque aquático; iv) Crocobeach: Integrada Norte, com porte mega, paisagismo elaborado e parque aquático. Verificou-se que o público usuário mudou em cada barraca.

Na Tio Peixe a grande maioria dos respondentes reside em Fortaleza, tem a faixa etária mais variada e a maior porcentagem de pessoas em bairros com IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) baixo.

Na Vira Verão a idade se concentra entre os 20 e 30 anos. O IDH é na sua maioria médio e muitos dos respondentes são fortalezenses, sendo que a maioria proveniente de bairros de classe média, seguida pela alta.

Na Atlantidz a faixa etária é variada. Há parcela significativa de turistas (com parcela grande de estrangeiros), mas também de fortalezenses, entre os quais grande quantidade são moradores em bairros com IDH alto (a maior porção entre as barracas analisadas).

Na Crocobeach a maioria do público é de turistas (de várias regiões do Brasil e alguns estrangeiros), dentre os moradores de Fortaleza o IDH é variado e a idade se concentra nas faixas de 20 e 30 anos.

O tempo de contato com a Praia do Futuro (frequência ao local) também muda entre estas barracas de praia, sendo maior na Tio Peixe, e menor na Crocobeach. Também é possível deduzir que a mudança de público teve paralelos com a mudança da visão dos usuários da área e da sua relação com a área. Nesse sentido, como motivos para a escolha das barracas em que se encontravam, os respondentes da Atlantidz e da Crocobeach priorizaram a estrutura e o serviço, enquanto que na Vira Verão e Tio Peixe os motivos

giraram mais em torno de aspectos sociais (principalmente na Vira Verão) e de serviço, também com referência ao preço acessível (principalmente na Tio Peixe). Discorrendo sobre aspectos positivos da Praia do Futuro, as respostas dos usuários giraram em torno das condições existentes nas barracas de uso, tendo paralelo com motivos de atração às mesmas, mostrando haver, na percepção dos usuários, várias “Praias do Futuro”.

Percebe-se também que a variedade de tipos de barracas é importante para todos os usuários em relação a motivos de mudança de barraca, pois uma significativa quantidade de respostas relaciona essa mudança com o motivo: para variar, que também é condicionada pela companhia e pelo humor.

As barracas mais simples (em termos de tratamento paisagístico e programa) são majoritariamente frequentadas por fortalezenses, enquanto que os turistas aparentam se dirigir preferencialmente às mais requintadas (mesmo que nelas também exista uma parcela de fortalezenses).

Em alguns casos o crescimento do turismo e a mudança na ocupação da orla marítima parecem ter incentivado a construção de um cenário pensado como atrativo para um público<sup>94</sup> específico, embora, ao mesmo tempo, impeçam o livre trânsito do calçadão à praia. Estruturas com vastos programas, níveis requintados de tratamento e limites físicos extensos, ampliam a densidade de ocupação (tanto de área construída quanto de vegetação) aumentam a separação entre o calçadão e a praia, e impedem a permeabilidade visual entre os espaços. Aliás, esse acesso mostra-se difícil mesmo em estruturas mais simples que ocupam uma grande área e não tem espaços de circulação entre as barracas. Assim, o tipo de ocupação que caracteriza algumas barracas aparenta querer transformar o empreendimento em principal foco de atração/uso (SILVA, 2006), impedindo inclusive a vista do ambiente natural ao seu redor.

Contradizendo esta realidade, no entanto, ao investigar a imagem do local, os aspectos naturais são apontados como o grande atrativo ao seu uso, resposta obtida mesmo em se tratando de barracas mais requintadas e utilizadas por turistas. Logo após os atributos naturais, os assuntos que mais vieram à tona foram: lazer contemplativo (como “relaxar”, “descansar”, “desestressar”) e sensações, (como “tranquilidade”, “liberdade”). Estas

---

<sup>94</sup> Em concordância com a necessidade de ajustar oferta e demanda no turismo, como modificações operadas no turismo a partir da década de 1980: “No ajuste, o lugar deve ser transformado, passando de mero recurso para atrativo e, finalmente, produto.”(FERREIRA & SILVA, 2010, p. 119).

respostas indicam o papel da Praia do Futuro como importante ambiente restaurador no cotidiano dos frequentadores.

Mesmo que a pesquisa de percepção ambiental não tenha alcançado todos os públicos da área, os estudos nas quatro barracas mostram mudanças significativas de público e de relações com a Praia do Futuro (e com as barracas em si), encontrando paralelos com a localização na malha e tipologia edilícia.

Em geral os respondentes demonstraram reconhecer a importância das barracas de praia para a cidade, citando o papel dessas barracas como promotoras de segurança, oferta de infraestrutura (como apoio ao lazer na praia), fortalecimento da economia da cidade e, principalmente, como atrativo para o turismo. Para os participantes tais aspectos são entendidos como positivos, justificando o intenso uso do local e a necessidade de preservar as barracas de praia.

Por outro lado verificou-se que – nas discussões sobre o futuro das barracas e o seu impacto na zona de praia, como nos jornais – frequentemente elas são tratadas de maneira generalizado, como se fossem iguais entre si e ocupassem de maneira semelhante a orla marítima. É justamente quanto a este aspecto que se enfatiza a principal contribuição deste trabalho: conhecer este universo e as suas variações, para distinguir aspectos positivos e negativos daqueles empreendimentos, e a extensão na qual o uso privado avança o espaço público, comprometendo o usufruto da área. O reconhecimento desses fatores poderá contribuir para o maior diálogo entre os diversos atores que agem no local, e para a vitalidade (social, econômica) da área, considerada um fator essencial às cidades.

Para servir aos outros a cidade deve, primeiramente, servir a si mesma. Os espaços mais requintados impactam mais fortemente a faixa de praia e são os menos utilizados pela população fortalezense. Os atributos naturais são o grande magneto para atração de um fluxo para aquela área, os espaços de uso na praia não precisam ser tão requintados para atrair a população, sendo justamente o mar e a praia que devem ser preservados. Nada impede que o turista conheça os espaços mais simples: a existência de alguma infraestrutura já cumpre a função de trazer conforto para o uso da praia.

A variedade de perspectivas proporcionada pelos resultados obtidos na pesquisa mostra a necessidade de se averiguar detalhadamente a temática na busca de um maior equilíbrio entre os aspectos públicos, sociais, culturais, econômicos e ambientais que

caracterizam a área, de modo a promover, simultaneamente, a manutenção de uma adequada infraestrutura de apoio e lazer, a garantia de livre acesso físico e visual à praia e o uso público da orla. O tamanho da ocupação e tratamento do espaço tem relação direta com a qualidade do lugar influenciando na permeabilidade física e visual. Esta permeabilidade garante maior acessibilidade (visual, física e simbólica) aos espaços e é fundamental para a sua apropriação e para o uso, permitindo a co presença e o convívio de pessoas<sup>95</sup>.

A discussão sobre o futuro das barracas gira em torno de se devem ou não ser retiradas<sup>96</sup>, sem incorporar como opção um compromisso entre as partes envolvidas. No debate acerca da manutenção ou destruição das barracas de praia falta uma ponderação sobre como manter a cultura de uso das barracas com o uso público da faixa de praia, e ao mesmo tempo assegurar o equilíbrio ambiental essencial à sua continuidade. Entre as possibilidades de intervenção estão várias indicações arquitetônicas e urbanísticas. De cunho urbanístico, as diretrizes para o desenvolvimento sustentável da área devem definir limites de ocupação e densidade. No entanto, uma padronização com projeto arquitetônico preestabelecido das barracas de praia, poderia trazer excessiva homogeneidade à área<sup>97</sup>, que perderia, assim, a atual variedade construtiva e a possibilidade de uso por grupos diversos.

A solução poderia estar em: (i) imposição de limites para ocupação, densidade, afastamento mínimo entre barracas de praia, espaço máximo de ocupação dos diversos setores; (ii) correta e contínua fiscalização destas medidas; e (iii) manutenção do espaço público existente na área pelo poder público. Desta maneira a Praia do Futuro continuaria servindo como área de recreação para a população fortalezense e seus visitantes reduzindo os danos ao equilíbrio ambiental da cidade. Estas medidas permitem a manutenção de diferenciação entre as barracas até certo ponto, ao mesmo tempo em que impedem a privatização da faixa de praia ao ponto de dificultar o usufruto público da praia e de criar impactos irreversíveis no meio ambiente.

---

<sup>95</sup> Ver definição no capítulo teórico o tópico “Espaços Públicos”.

<sup>96</sup> O projeto Orla de 2006 e ações da União nos últimos 15, 20 anos pedem a retirada das barracas de praia e, por outro lado, recursos da Associação dos Empresários da Praia do Futuro, comerciantes e empregados da área pedem a manutenção das barracas. O público encontra-se dividido entre as duas opiniões (anexo 1).

<sup>97</sup> Esta medida foi tomada no reordenamento da orla de algumas cidades, como na praia de Copacabana (Rio de Janeiro) e a Praia de Ponta Negra (Natal). Nestas áreas a faixa de praia é menor (com menor flexibilidade de ocupação). A padronização destes projetos (dentre outros) tendem a generalizar orlas das cidades, homogeneizando o tratamento dado a localizações diferentes da cidade com variados usuários, perdendo também a identificação de boa parte da população (MONTENEGRO, 2005).

Considerando que nos últimos 15 a 20 anos muito tem sido discutido sobre a área, e que atualmente este tema continua em pauta (anexo 1), outros debates se impõem frente à manutenção ou substituição do padrão de uso atual: é fundamental compreender a dimensão cultural da Praia do Futuro e a identidade do lugar, bem como a imagem da área para seus usuários e a importância da certa variedade tipológica para o usufruto de um público variado.

Os verdes mares bravios, os coqueiros (incorporados com o desenvolvimento da área), as caranguejadas e o lazer nas barracas da Praia do Futuro já fazem parte do imaginário dos fortalezenses, bem como fazem parte da imagem da cidade. A cidade ideal é composta por construções sustentáveis, em que a apropriação do espaço não impede o usufruto das suas qualidades ambientais, e é nesta visão que medidas de ordenamento devem ser tomadas – com sensatez.

## Referências Bibliográficas

---

ABREU, Pedro Itamar Junior. **Praia do Futuro** – Formas de apropriação do espaço urbano. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

ALEX, Sun. **Projeto da praça** – Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

AMORIM, Oswaldo Bueno Filho. Topofilia, Topofobia e Topocídio em MG, in DEL RIO, Vicente & OLIVEIRA, Lívia de. **Percepção ambiental** – A experiência brasileira. São Carlos: Editora EDUFSCar, 1996, p.139-152.

ARAUJO, Rosane Azevedo de. **A Cidade Sou Eu?: O Urbanismo do Século XXI**. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BERTINI, Fátima Maria Araújo. **Centro de Fortaleza** - entre Afetos e Sentidos. Fortaleza: FATECI, 2007.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e Afetividade** – Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Afetividade e Ambiente Urbano: Uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In PINHEIRO, José de Queiroz. & GÜNTHER, Hartmut (org.). **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 253 - 280.

CAPASSO, Marcelo Mota. **O centro tradicional de Fortaleza** – Processo de expansão. XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (anpur), Belém, 21 à 15 maio 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: editora ática, 1989.

CROMLEY, Robert G. & MROZINSKI, Richard D.. **An evaluation of classification schemes based on the statistical versus the spatial structure properties of geographic distributions in choropleth mapping**. Department of Geography, University of Connecticut, Storrs, CT 06268-2148, USA, p. 76 -85. Disponível em: [mapcontext.com/.../an-evaluation-of-classification-schemes-based-on-the-statistical.pdf](http://mapcontext.com/.../an-evaluation-of-classification-schemes-based-on-the-statistical.pdf), acesso em junho, 2010

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista**: Estudo da maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste Brasileiro (1995-2005): PRODETUR-NE, o Divisor de Águas. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia, FERREIRA, Angela Lúcia & CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **Turismo e imobiliário nas metrópoles**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010, p. 35 – 54.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Efeitos do PRODETUR na Reestruturação do Espaço. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia, FERREIRA, Angela Lúcia & CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **Turismo e imobiliário nas metrópoles**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010, p. 55 – 68.

DEL RIO, Vicente. Cidade da Mente, Cidade Real. Percepção Ambiental e Revitalização na Área Portuária do RJ, in DEL RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia de. **Percepção ambiental – A experiência brasileira**. São Carlos: Editora EDUFSCar, 1996, p.139-152.

DEL RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia de. **Percepção ambiental – A experiência brasileira**. São Carlos: Editora EDUFSCar, 1996.

DIÓGENES, Beatriz Helena Nogueira. Aldeota: a centralidade como expressão da dinâmica intra-urbana de Fortaleza. In: GITAHY, Maria Lucia Caira & LIRA, Jose Tavares. **Cidade: impasses e perspectivas**. Arquiteses 2. São Paulo: Anablume, 2007.

DIÓGENES, Beatriz Helena Nogueira. **A centralidade da Aldeota como expressão da dinâmica intra-urbana de Fortaleza**. São Paulo: Dissertação (mestrado) FAUUSP, 2005.

DUARTE, El-Rei D.. **O livro dos contrários**. Editorial Estampa, Lisboa, 1982.

EUFRASIO, Mário A. **Estrutura urbana e Ecologia Humana – A escola sociológica de Chicago (1915 -1940)**. São Paulo: Editora 34, 1999.

ELALI, Gleice Azambuja & PINHEIRO, José Q. Autobiografia Ambiental: Buscando Afetos e Cognições da Experiência com Ambientes. In PINHEIRO, José de Queiroz. & GÜNTHER, Hartmut (org.). **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 217 -251.

ELALI, Gleice Azambuja & PINHEIRO, José Queiroz. **Comportamento Sócio-espacial humano**. Natal: UFRN, 1998.

FERREIRA, Angela Lúcia & SILVA, Alexsandro Ferreira Cardoso. A estruturação do Turismo e do Imobiliário nas Metrópoles Nordestinas: Conceitos Básicos e Antecedentes. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia, FERREIRA, Angela Lúcia & CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **Turismo e imobiliário nas metrópoles**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010. p. 117-129.

FIGUEIREDO, Lucas & AMORIM, Luiz. Agregating axial lines to predict vehicular movement patterns. Proceedings, **Third Great Asian Streets Symposium**, National University of Singapore, Singapore, 2004.

FIX, Mariana. **São Paulo cidade global – fundamentos financeiros de uma miragem**. São Paulo: Boitempo, 2007.

GARCIA MIRA, R.. **La ciudad percebida**: Una Psicología Ambiental de los barrios de La Coruña. La Coruña: Universidade de Coruña, 1997.

GÜNTHER, Hartmut. Como elaborar um questionário. In PINHEIRO, José de Queiroz. & GÜNTHER, Hartmut (org.). **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 105 – 147.

GÜNTHER, Hartmut, PINHEIRO, José Q., GUZZO, Raquel Souza Lobo (Org.). **Psicologia Ambiental** – Entendendo as relações do homem com seu ambiente. Campinas: Editora Alinea, 2004.

GIULIANI, Maira Vittoria, O Lugar do apego nas relações pessoa-ambiente. In: TASSARA, E. T. O., RABINOVICH, E. P. & GUEDES. **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: EDUC, 2004.

HAMMER, Mick. **Well-connected**. New Scientist, Magazine Issue 2212, November 1999, tradução livre por Valério Medeiros, Lucas Figueiredo e Edja Trigueiro.

HOCHBERG, Julian E. **Percepção**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

HOLANDA, Frederico de. **O espaço de exceção**. Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

HOLANDA, Frederico de. **Brasília – Cidade moderna, cidade eterna**. Brasília: FAU UnB, 2010.

HILLIER, Bill. **Space is the machine**: a configurational theory of architecture. Londres: Space Syntax, 2007. Disponível em: <http://eprints.ucl.ac.uk/3881/>

HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. **The Social Logic of Space**. Londres: Cambridge University Press, 1984.

HONGEN, Xiao; HUYTON, Jeremy R. Tourism and Leisure: an integrative case in China. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, MCB University Press, 8/6, 18 – 24, 1996.

ITTELSON, Willian H.. Environmental perception and urban experience. **Environment and Behavior**, 10 (2), 1978, p. 193-213.

JACOBS, Jane. **The Death and Life of Great American Cities**. New York: Vintage Books Edition, 1992.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. São Paulo: Anablume, 2003.

KANDEL, Eric R.; SCHWARTZ, James H.; JESSELL, Thomas M.. **Fundamentos da Neurociência e do Comportamento**. Rio de Janeiro: editora Prentice-Hall do Brasil, 1997.

KAPLAN, Rachel; KAPLAN, Stephen; RYAN, Robert L. . **With People in Mind**: Design and

Management of Everyday Nature. Washington, 1998.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

MEDEIROS, Valério Augusto Soares de. **Urbis Brasiliae ou sobre cidades do Brasil**: inserindo assentamentos urbanos do país em investigações configuracionais comparativas. Tese (doutorado) PPG/FAU/UnB, Brasília, 2006.

MITCHELL, William J. The revenge of Place. Proceedings. **3<sup>rd</sup> International Space Syntax Symposium**, Atlanta, 2001.

MONTENEGRO, Glielson Nepomuceno. **A Produção do Mobiliário Urbano em Espaços Públicos** – O desenho do Mobiliário Urbano nos Projetos de Reordenamento das Orlas do Rio Grande do Norte.. Dissertação (mestrado) PPGAU-UFRN, Natal, 2005.

MOSER, Gabriel. Psicologia ambiental. *Estudos de Psicologia*, **3** (1), p. 121-130. 1998.

NETO, Guto Castro. Novo limite do preamar começa a ser estabelecido. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, Ceará, p. 9 e 10, 17 de abril de 2009.

ORNSTEIN, Sheila & ROMÉRO, Marcelo (colaborador). **Avaliação Pós-Ocupação (APO) do ambiente construído**. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

PAIVA, Ricardo & DIÓGENES, Beatriz Helena Nogueira. Turismo e Urbanização: Dinâmica Sócio-espacial no Litoral Leste da Região Metropolitana de Fortaleza. **VI SEMINÁRIO ANPTUR** (Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo), São Paulo, 2009.

PAULA, Fernanda Linard de. **O coração e o dragão: perspectivas da vida urbana em uma cidade fragmentada**. Natal: dissertação PPGAU-UFRN (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte), 2010.

PERDIKOGIANNI, Irini. From Space to “Place”: the role of space and experience in the construction of place. Proceedings. **6<sup>th</sup> International Space Syntax Symposium**, Istanbul, 2007.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Edições Forense, 1978.

PINHEIRO, José Queiroz. Enzeñanza de la Psicologia Ambiental: vinculo afectivo del alumno y estrategias para su promoción. In J. m. Sabucedo; R. Garcia-Mira; E. Ares & D. Prado (Orgs.). **Libro de Comunicaciones VI Congreso de Psicologia Ambiental**. A Coruña, Espanha: Universidade da Coruña / Universidade de Santiago de Compostela / Universidade de Vigo, PP. 299-304, 1998.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle-Époque**. Reformas Urbanas e Controle Social. 1860 – 1930. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1993.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Projeto ORLA Fortaleza**. Fortaleza: Novembro de 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Plano Plurianual do Município 2006 – 2009**. Fortaleza: Dezembro de 2005.

RIO, Vicente del, & OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Percepção ambiental – A experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar** 1 ed. 1 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. Lisboa: Companhia das letras, 2002.

SILVA, Ângela Maria Falcão. **A cidade e o mar: As práticas marítimas modernas e a construção do espaço da Praia do Futuro (Fortaleza – CE- Brasil)**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

TRIGUEIRO, Edja & PAULA, Fernanda Linard. The heart and the Dragon: investigating effects of two projects on the old centre of Fortaleza. Proceedings. **7<sup>th</sup> International Space Syntax Symposium**, Stockholm, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VALERA, Sergi & VIDAL, Tomeu. Privacidad y territorialidad. In: ARAGONÉS, Juan Ignacio & AMÉRIGO, Maria (coord.). **Psicologia Ambiental**. Madrid: Ediciones Piramide, 2009, p. 119 – 140.

VELOSO, Máisa & ELALI, Gleice. **Qualidade de vida urbana em Natal: mitos e realidades**. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2006.

VILLAÇA, Flávio, J. M. **Espaço Intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Nobel, Fapesp, Lincoln Institute of Land Police, 2a ed., 2001.

YÁZIGI, Eduardo. **A Alma do Lugar – Turismo, planejamento, cotidiano**. São Paulo: Editora Turismo Contexto, 2001.

**Na internet:**

<http://diariodonordeste.globo.com/2000/05/14/010050.htm>, acesso em fevereiro, 2011;

<http://diversita.blog.br/blog/2009/06/10/tintin-cineclube-exibe-hoje-praia-do-futuro-no-lima-penante/>, acesso em 11 de maio de 2010;

[http://en.wikipedia.org/wiki/J.\\_J.\\_Gibson](http://en.wikipedia.org/wiki/J._J._Gibson) (acesso em 18 de maio de 2010);

*<http://eprints.ucl.ac.uk/1232/> (acesso em 06 de agosto de 2010);*

<http://lucydonegan.blogspot.com/>

<http://mapcontext.com/.../an-evaluation-of-classification-schemes-based-on-the-statistical.pdf>, acesso em junho, 2010

<http://www.upf.br/cepeac/download/texto%206.pdf>

*Fonte: [www.skyscraper.com](http://www.skyscraper.com)*

## APÊNDICES

### a) Questionário:

Este questionário faz parte de uma pesquisa de mestrado da UFRN sobre os usos nas Barracas da Praia do Futuro, Fortaleza, CE., Obrigada pela a sua cooperação.

#### BARRACA: \_\_\_\_\_

1. A primeira coisa que vem à mente quando você pensa na Praia do Futuro é:  
\_\_\_\_\_
2. Há quanto tempo frequenta a Praia do Futuro?  
\_\_\_\_\_
3. Com que frequência você vem à Praia do Futuro?  
 Vários dias na semana  
 Nos fins de semana  
 Na 5ª da caranguejada  
 Uma ou duas vezes por mês  
 Em eventos (shows, festas)  
 Nas férias  
 Outras: \_\_\_\_\_
4. O que você mais gosta da Praia do Futuro? (até 3 itens) \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
5. O que você menos gosta daqui? (até 3 itens)  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
6. O que costuma fazer quando está na Praia do Futuro? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
7. Quando vem pra praia, quanto tempo costuma ficar? \_\_\_\_\_
8. Deste tempo, quanto passa na barraca de praia? \_\_\_\_\_
9. Qual barraca costuma frequentar?  
 \_\_\_\_\_
10. Há quanto tempo frequenta esta barraca de praia? \_\_\_\_\_
11. O que atrai você a esta barraca de praia?  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
12. Já frequentou outra barraca de praia?  
 Não  Sim, qual? \_\_\_\_\_  
 Porque mudou? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
13. Qual a importância das barracas da Praia do Futuro para Fortaleza? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

#### SOBRE VOCÊ:


Gênero: <input type="checkbox"/> Fem. <input type="checkbox"/> Masc. Idade: _____	Tem filho(s)? _____ Moram com você? _____
Escolaridade: <input type="checkbox"/> Fundamental <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Superior <input type="checkbox"/> Outro: _____	Cidade em que mora ? _____ Se em Fortaleza, em que bairro ? _____

## Anexos

## ANEXO 1

11:52:41


diário virtual



**Diário**  
do Nordeste

Quadrilha resgata 13 presos

cidade




**15:11: lojas fecham e decepcionam clientes**

Lojas que abriram, venderam bem

14:11: Ministria tenta a ser esquecida

Ex-interna sai da prisão e não tem casa

regional




**Unesco avalia Geopark Araripe**

20:11: alunos participam de dia temático

Cauçalá corrige fluxo escolar

Quiterianópolis promove bioma por vídeos

nacional



**Ministérios: Dilma deve receber pedidos**

LAZER (23/10/2010)

## Barracas de praia continuam funcionando

23/10/2010

Comerciantes se mostram preocupados e dispostos ainda a negociar adequação sugerida há cinco anos

Neste final de semana, as barracas da Praia do Futuro devem funcionar sem problemas. Ontem de manhã, entre os trabalhadores, o clima era de incerteza, apreensão e mesmo decepção com a decisão do juiz federal José Vidal Silva Neto, da 4ª Vara Federal, que determina a retirada de todas as barracas. Com a proximidade da alta estação, garçons, cumins, cozinheiros, caixas, gerentes e até vendedores ambulantes não sabem o que esperar ou mesmo se estarão trabalhando daqui a uma semana, um mês.

De acordo com a presidente da Associação dos Empresários da Praia do Futuro, Fátima Queiroz, nos últimos cinco anos, aconteceram várias reuniões da comissão instituída em 2008, para discutir o assunto e chegar a um consenso. Mas, de concreto, nada aconteceu. O que se queria, de fato, era que a Ação Civil Pública movida pelo Ministério Público Federal, União e, posteriormente, pela Prefeitura, fosse suspensa.

"Se não tem EIA/RIMA (Estudo de Impacto Ambiental, Relatório de Impacto Ambiental), se está irregular, tudo pode ser conversado. Tínhamos esperança de que pudéssemos sentar à mesa para desenvolver uma ação conjunta para regulamentar nossa situação", desabafa. Para a presidente, se os empresários são considerados apenas ocupantes da área e, portanto, ilegais, é um contrassenso serem tratados com tanto rigor, pagando impostos, ficando sujeitos a fiscalização.

Das 154 barracas citadas na ação, Fátima Queiroz informa que cerca de 40 estão abandonadas. Algumas foram compradas por estrangeiros que já não estão mais aqui, outras estão servindo de moradia, umas mais foram locadas para terceiros de forma segmentada e irregular. Do total, ela calcula que 85 estejam funcionando, entre a chamada Praia do Futuro "velha" até o BNB Clube. Ainda conforme dados da Associação, 4 mil pessoas trabalham na baixa estação e 5 mil na alta. Entre frequentadores, a quinta-feira do caranguejo soma 40 mil pessoas, mesmo número do sábado. No domingo são 60 mil. Assim, uma média de 120 mil pessoas frequentam a Praia do Futuro por semana, sendo que, em algumas festas, o número dobra. Na Festa de Iemanjá, são 250 mil pessoas; e no Réveillon, que está se consolidando nos últimos três anos, são aproximadamente 20 mil visitantes.

### Atendimento

Em uma barraca de médio porte, três pessoas gastam uma média de R\$ 45,00 por passeio. Mas, nas maiores, o gasto de um casal e dois filhos chega a R\$ 120,00. Na opinião do gerente Heitor Batista, esse valor é compatível com a renda do cearense. "Primeiro porque ninguém vem para a praia todo dia e quem tira férias é uma vez por ano. A pessoa paga pelo conforto, segurança, serviços que oferecemos", assegura.

Sobre a alegação da Ação Civil Pública de que a Praia do Futuro está sendo privatizada, Fátima Queiroz discorda. Ela acredita que, se as barracas cresceram, é porque houve



Clima de incerteza: decisão da Justiça Federal que determina a retirada dos 154 estabelecimentos deixou apreensivos e decepcionados funcionários que ali trabalham  
FOTOS: KIKO SILVA

Q-20: Lula destaca maturidade

Brasília: Orçamento e Enem em discussão

Mais um morador de rua morto em Maceió

demanda para tal. "O cliente é exigente", reforça, acrescentando que os frequentadores querem "banheiro bom, limpo, frio, uma comida bem feita".

Para ela, os parques aquáticos, também questionados na sentença expedida no último dia 20, viraram necessidade devido à insegurança e aos afogamentos. "Os pais querem os filhos por perto", diz.

Enquete

**População dividida**

*"É um risco mandar todo mundo sair, demolir. Vai gerar desemprego, prostituição e muita droga por aqui."*

**Orlene Uchôa**

50 anos

Massoterapeuta

*"A estrutura aqui é muito boa, mas, se prejudica o meio ambiente, tem de tirar. Sou a favor que acabe para não piorar."*

**Patricia Galvão Camelo**

35 anos

Guia de turismo

*"Ao invés de se preocupar com as barracas, deveriam melhorar a infraestrutura, preocupar-se com o lixo, evitar os assaltos."*

**Hilda Podolan**

40 anos

Turista de Mato Grosso

DEFESA

**Empresários preparam recurso**

A Associação dos Empresários da Praia do Futuro (AEPF), através de seu corpo jurídico, na pessoa do advogado Paulo Lamarão está formulando o recurso que impetrará apelando da sentença proferida na última quarta-feira, pelo juiz federal José Vidal Silva Neto, da 4ª Vara Federal, sentenciando que ocupantes de estabelecimentos (barracas) da Praia de Futuro a se adequem, de imediato, à legislação vigente.

Isto significa que, entre os 154 ocupantes dos estabelecimentos citados na Ação Civil Pública ajuizada pelo Ministério Público Federal (MPF), União e Município de Fortaleza, as barracas irregulares terão que ser desocupadas e demolidas sob despesas custeadas pelos proprietários e, se preciso for, usando-se força policial.

Segundo o advogado da AEPF, existem pontos fundamentais que precisam ser observados na sentença judicial e que vão servir para fundamentação de seu recurso. Primeiro, a demarcação da faixa de praia, que segundo ele, já existe há 66 anos, quando a União aforrou os 1.800 hectares em um grande loteamento; outro ponto questionado diz respeito a existência de EIA/RIMA (Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental), que determinou, por ação judicial que a Cagece estendesse o Sanear até aquela área. De acordo com Lamarão as barracas foram desenvolvidas de conformidade com projeto modulador.

O advogado acrescenta, ainda, que das 154 barracas de praia citadas na sentença, somente 12 delas não possuem licença ou permissão para atuarem, as demais encontram-se dentro da legalidade.

**Pressão**

Lamarão vê excesso na ação e acredita que o processo deveria ter sido minuciosamente

instruído com citações de ações anteriores do MP e gestores públicos que atestaram a legalidade no processo de ocupação da área de forma justa. "O que está acontecendo é uma forte pressão com outros interesses. Mas vamos até a última instância para fazer valer os fundamentos básicos da Justiça", disse.

#### URBANIZAÇÃO

##### Duas décadas de questionamentos

O problema da ocupação por parte das barracas na Praia do Futuro vem se estendendo ao longo do tempo sem que solução definitiva seja alcançada. Já em 1981, a Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF) iniciava obras de urbanização daquela área e tentava disciplinar funcionamento das barracas, padronizando e cadastrando-as.

Em 1983, em investida da Capitania dos Portos e PMF ficam impedidas de funcionamento as barracas da faixa do Rio Cocó, no Caça e Pesca até Paracuru. Só podiam atuar vendedores ambulantes. Mas, em 1984 esta determinação deixou de existir. Em 2005, MPF e União entram com ação pedindo retirada das barracas, alegando tratar-se de área de praia.

A PMF era ré e em 2006, virou co-autora na ação. Em 2006, a Justiça Federal determina retirada de obstáculos ao acesso à praia e a interdição de barracas não autorizadas. A liminar foi cassada pelo TRF 5. Em 2007, o PRR, entra com recurso contra decisão do TRF pedindo o cumprimento da interdição das barracas, que acabou negado pelo STJ.

Também neste ano, o juiz da 4ª Vara da Justiça Federal determina fazer perícia nas barracas. A desembargadora do 5º TRF entra com despacho suspendendo a ação. Em 2008, o TRF 5 anula o despacho. Em 2009, é concluída a perícia. Na última quinta-feira, Justiça Federal determina retirada das barracas, atendendo ação do MPF.

**MARTA ARAÚJO E ADALMIR PONTE**  
REPÓRTERES

---